

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

FLÁVIA FERREIRA ABREU

MEDIAÇÃO E LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: estudos de casos múltiplos

Belo Horizonte
2019

FLÁVIA FERREIRA ABREU

MEDIAÇÃO E LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: estudos de casos múltiplos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Usuários, Gestão do Conhecimento e Práticas Informacionais.

Orientadora: D.^a Lígia Maria Moreira Dumont

BELO HORIZONTE
2019

A162m Abreu, Flávia Ferreira.
Mediação e leitura na biblioteca escolar [recurso eletrônico] : estudo de casos múltiplos / Flávia Ferreira Abreu. – 2019.
1 recurso online (124 f. : il., color.) : pdf.

Orientadora: Lígia Maria Moreira Dumont
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
Referências: f. 110-118.
Apêndices: f. 119-124.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Interesses na leitura – Teses. 3. Livros e leitura – Teses. 4. Bibliotecas escolares – Teses. 5. Bibliotecas e usuários – Teses. I. Título. II. Dumont, Lígia Maria Moreira. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 028



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"MEDIÇÃO E LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS"

Flavia Ferreira Abreu

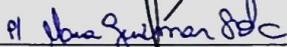
Dissertação submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de **"mestre em Ciência da Informação"**, linha de pesquisa **"Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais"**.

Dissertação aprovada em: 17 de abril de 2019.

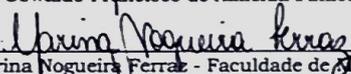
Por:



Profa. Dra. Ligia Maria Moreira Dumont - ECI/UFMG (Orientadora)

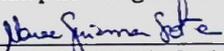


Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior - UNESP - por videoconferência



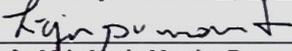
Dra. Marina Nogueira Ferraz - Faculdade de Medicina - UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI



Profa. Maria Guilomar da Cunha Frota
Coordenadora

Versão final aprovada em 10/06/19



Profa. Ligia Maria Moreira Dumont
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE **FLAVIA FERREIRA ABREU**, matrícula:
2017661389

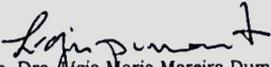
Às 09:00 horas do dia 17 de abril de 2019, reuniu-se na Biblioteca Universitária da UFMG a Comissão Examinadora aprovada *ad referendum* pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 02/04/2019, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Mediação e leitura na biblioteca escolar: estudo de casos múltiplos**, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Informação, mediações e cultura, Linha de Pesquisa: Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

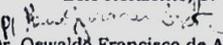
Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont - Orientadora	APROVADA
Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior	APROVADA
Dra. Marina Nogueira Ferraz	APROVADA

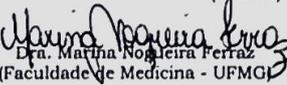
Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 17 de abril de 2019.


Profa. Dra. Lígia Maria Moreira Dumont
(EC/UFMG)


Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
(UNESP) – por videoconferência


Dra. Marina Nogueira Ferraz
(Faculdade de Medicina - UFMG)

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.


Profa. Maria Guilmar da Cunha Frota
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação

Aos meus pais Ildeu e Lúcia, sempre em meu coração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu alimento espiritual, que me fortalece a cada dia em meio a tantas tempestades ocorridas durante o Mestrado.

Aos meus pais, Ildeu e Lúcia, fonte do que sou hoje, quanta saudade! Meu muito obrigada pelos valores passados durante nossa convivência, aqui na terra, e por me incentivar aos estudos desde a infância, mesmo achando que eu estudava demais. Oh! Quem me dera! Sinto que estão torcendo por mim, estrelinhas do céu.

Ao meu “namorado” Alessandro, por entender minhas ausências, ser meu grande motivador na continuidade dos estudos e pela parceria em amenizar os problemas.

A sempre presente professora Adriana Bogliolo, que me acolheu com tanto carinho e comprometimento, conduzindo a pesquisa para um recorte que proporcionasse bons frutos. Obrigada pelos ensinamentos que serão para a vida inteira. Você estará sempre em minha memória, mãe de coração!

À Professora Lígia Dumont, Liginha, que acolheu minha pesquisa às vésperas da qualificação, pela cuidadosa orientação, pelas horas de conversa e por todo aprendizado. Meus agradecimentos pelo conhecimento transmitido e por todas as oportunidades oferecidas ao longo desse percurso. Nossa parceria rendeu ótimos resultados e que, certamente, representa o início de uma longa jornada, na execução de futuros projetos e colaborações.

Aos Professores Carlos Alberto Araújo (Casal), Bernadete Campello, Fabrício Nascimento, Conceição Carvalho, Guiomar Frota, Mônica Nassif e Alcenir Reis pelas orientações e indicações de caminho a ser seguido durante a vida de mestranda.

Aos meus amigos Maryelle Cordeiro, Carlos Perini e Rodolfo Braz pelas leituras cuidadosas e pela torcida, desde a escrita do projeto para a inscrição no Mestrado.

À minha irmã acadêmica, Jéssica de Sá, pelas dicas constantes para o bom desempenho da trajetória como mestranda. Muitas foram as trocas de mensagens que acalmavam meu coração inexperiente. Amiga especial, meu muito obrigada, mediadora da minha vida!

À maninha Grace Carvalho, que com sua energia eletrizante, auxiliou-me a dar o melhor de

mim nessa trajetória.

Aos anjos que ganhei de presente no Mestrado: Jeje, Gra, Andressa, Jorge, Lucineia, Maíra, Alisson, Manu, Rosilene, Edna e Celsiane. Obrigada pela torcida e apoio que tornaram o percurso da Pós-Graduação mais suave.

À Luciana Gonçalves, amiga de coração. Obrigada pelo carinho, pelas dicas e atenção que segue para a vida.

Aos amigos da Escola de Belas Artes (EBA) que ficam para além do profissional: Elza, Bárbara, Patrícia, Rosvita, Gilberto, Renata, Rosângela, Thais e Janaina pelo auxílio no trabalho, carinho e pela torcida, equipe do bem.

Aos amigos, João e Joice, por acreditarem em meu trabalho e serem incentivadores dos meus estudos.

À Vera e Monteiro por serem tão amigos na vida e em especial na escolha do campo de estudos.

Às entrevistadas, pois sem vocês não haveria pesquisa. Obrigada pelo conhecimento compartilhado; certamente, esse aprendizado é para a vida.

À família UFMG, representada por Darley, Nery, Lúcia, Waldemiro, Vivi, Aline e Polyana que me proporcionaram conversas que aliviaram as ansiedades na reta final para a defesa.

Aos membros da banca: professor Oswaldo Almeida Júnior, pela atenção e por toda disponibilidade em participar da minha defesa; Marília Paiva, por todas as colocações que, além da qualificação, muito contribuiu para a finalização da pesquisa, e além de ser uma profissional inspiradora; e a bibliotecária e futura professora Marina Ferraz pelas suas colaborações de sempre, por ser tão pronta e gentil ao responder minhas demandas até nos domingos. Obrigada por ser tão parceira!

Aos meus revisores queridos, Marilane e Jorge, gente do bem, por toda a dedicação me auxiliando na melhor forma de escrever e por toda a torcida. Especificamente à professora Marilane pela revisão no projeto para qualificação da pesquisa e ao professor Jorge pela leitura cuidadosa na parte metodológica e partes finais do trabalho, além da excelente didática e sugestões de melhoria.

Aos meus familiares que mesmo achando que estudo em excesso, torcem por mim.

À Ana Cláudia Ribeiro por todo seu carinho e atenção desde a Graduação. Agradeço pelas dicas que ficam para sempre.

A Samuel Abreu pela parceria que proporcionou ao recompor as minhas energias. À Maria Emília Abreu por todo auxílio. Minha querida, estamos sempre juntas e tudo ficará bem!

À Raquel Vilela por toda atenção e dicas preciosas na escrita e à Claudinha Lucas por me ouvir, comportando-se como um anjo intercessor e tornando meus horários de almoço mais felizes.

À família ECI/UFMG por me acolherem tão bem, em especial à Therezinha, Maianna, Elaine, Sônia, Gisele, Rubia, Eliedir, Amanda, Carolina, Nely, Wagner, Ana Paula, Vinicius, Elieser, Edite, Alisson e Fernando.

À Pró-Reitoria de Recurso Humanos da UFMG que ofereceu um curso de Metodologia de pesquisa direcionada à Pós-Graduação, tão útil para meu desempenho no Mestrado.

À Laura, Jéssica, Adriana e Fabiula por serem tão proativas nas indicações de campo de pesquisa e pela motivação de sempre.

À Suely, Pâmela, Dri, Flavinha, Vanessa, Maristela, Paty, Laurinha e Vânia, amigas além da Graduação e minhas referências. Obrigada demais pela torcida!

A minha turma de estágio docente, alunos do curso de Biblioteconomia, quinto período, segundo semestre de 2018, pelas trocas constantes da prática da pesquisa com a teoria em sala de aula, um conhecimento em construção.

As escolas que oportunizaram a coleta de dados realizada na pesquisa.

Aos bibliotecários, Cleide Faria e Ricardo Filpi, por todo apoio no término da dissertação.

Grata demais a cada um de vocês, pois não construímos nada sozinhos!

“A leitura nos enriquece e através dela é possível conhecer vários lugares”. (EP3MA, Sujeito da pesquisa, 2018).

A transmissão do amor pela leitura se dá pela experimentação desse amor. (PETIT, 2008).

“Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida.” (YUNES, 1995, p.188).

A mediação de leitura deve ir ao encontro dos interesses do leitor como passaporte para novas leituras, interpretações e desdobramentos. Tem que gerar inquietações, pois ao compartilhar a leitura, cada indivíduo irá experimentar um sentimento de pertença, de apropriação, possibilitando abrir-se para o outro introduzindo-o no mundo. (PETIT, 2008).

RESUMO

Esta pesquisa investigou as ações de mediação e incentivo à leitura que têm sido utilizadas pela equipe de profissionais das bibliotecas escolares, com o intuito de formar leitores mais capacitados a compor uma sociedade de cidadãos pensantes, formadores de opinião e críticos, tendo o suporte e o domínio da leitura e, conseqüentemente, a apropriação da informação. O objetivo foi investigar o trabalho do bibliotecário escolar que desenvolve ações de mediação e incentivo à leitura em seu modo de operar, ou agir, visando detectar as características mais marcantes que podem colaborar para a formação de leitores, contribuindo, assim, para a complexa formação de sujeitos críticos, com gosto pela leitura e com autonomia na busca da informação. Como marco referencial, foi desenvolvido um estudo teórico e análise de textos para a elaboração da revisão de literatura sobre o assunto e demais temas pertinentes, como o leitor crítico, mediação e leitura, apropriação da informação via leitura, gosto pela leitura e colaboração bibliotecário/professor que deram subsídios teóricos para o desenvolvimento da pesquisa. Metodologicamente, foi empreendido um estudo de casos múltiplos, de caráter qualitativo, embasado pelo ponto de vista da teoria etnográfica. Na coleta de dados, foram selecionadas três bibliotecas escolares da cidade de Belo Horizonte-MG, de modo a contemplar as diferentes configurações de ensino: bibliotecas escolares do ensino privado e público municipal, que atendem alunos do ensino fundamental a partir do quinto ano. Como técnicas de coleta de dados, foram utilizadas a observação e as entrevistas semiestruturadas com o pessoal da biblioteca e os professores que têm projetos em conjunto com a biblioteca. Participaram da pesquisa três bibliotecárias e oito professoras que desenvolvem ações de mediação e incentivo à leitura, na biblioteca. Na pesquisa, constatou-se que as atividades de mediação e incentivo são efetivas quando o mediador tem perfil para atuar nesse ambiente, sendo leitor aberto ao diálogo contínuo junto com a escola e com seus usuários. As ações mais eficazes de formação do leitor citadas foram a mediação de encontros contínuos como os Clubes da Leitura em que as pessoas se reúnem para compartilhar leituras por prazer; os contatos com os autores; o empréstimo de livros e o diálogo com leitores. As bibliotecas analisadas desenvolveram projetos de mediação e incentivo à leitura entre professores e bibliotecários. No entanto, pôde-se constatar que o professor de Português não se apropria desse espaço como o esperado. A novidade é que professores de outras áreas estão se mostrando grandes mediadores e incentivadores da leitura e foram inclusive sujeitos desta pesquisa. Pôde-se constatar que uma biblioteca municipal (MB) reconhece que o melhor incentivo para os leitores dessa escola é permitir o acesso aos livros. Percebeu-se unanimidade, tanto na literatura, quanto na análise de dados que o bibliotecário, assim como o professor são formadores de leitores - precisam conhecer a literatura, os autores, os gêneros literários e, principalmente, compartilhar suas leituras, pois o exemplo influencia. Considerou-se, por fim, que para o desempenho adequado das atividades de mediação e incentivo à leitura, a instituição precisa adentrar-se à trindade: planejamento, formalização e colaboração. Com efeito, infere-se que o bibliotecário precisa possuir a competência e habilidade ligadas à educação e à gestão para tornar esse trabalho efetivo.

Palavras-chave: Mediação. Leitura. Formação do leitor. Colaboração bibliotecário-professor. Biblioteca Escolar.

ABSTRACT

The research was conducted on what actions of mediation and reading motivation have been used by the team of professionals in school libraries in order to form readers more capable of composing a society of thinking citizens, opinion formers and critics, having the reading aid and support and, consequently, the appropriation of information. The goal was to investigate the work of school librarians who develops mediation actions and encourages reading in their own way of operating, or acting, in order to detect the most prominent characteristics that can contribute to the formation of readers, thus contributing to the complex formation of critical subjects with a taste for reading and autonomy in the search for information. As a reference framework, a theoretical study was elaborated and texts were analyzed to prepare the literature review on the subject and other pertinent themes such as critical reading, mediation and reading, appropriation of information through reading, taste for reading and librarian/teacher collaboration; they provided theoretical subsidies for the development of the research. Methodologically, a qualitative study of multiple cases was carried out based on the ethnographic theory. As for data collection, three school libraries in the Brazilian city of Belo Horizonte were selected to contemplate the different teaching configurations: private school libraries, and city public schools with elementary students. Observation and semi-structured interviews were used to collect the data from library staff and from teachers who have collaborative projects with the library. Three librarians and eight teachers who developed mediation and reading activities in the library took part in the study. It was possible to verify with the research that the mediation and motivation activities are effective when the mediator has the ideal profile to act in this environment and when the reader is open to a continuous dialogue with the school and its members. The most effective activities of reader training cited were: mediating frequent meetings such as Reading Clubs where people get together to share readings for pleasure; getting in contact with authors; books borrowing and the dialogue with readers. The libraries involved developed mediation projects and encouraged reading among teachers and librarians, however, it was verified that Portuguese teachers does not engage in the environment as expected. Other areas teachers, on the other hand, have proved to be great mediators and reading motivators and they even took part in this research. It cold be verified that one of the municipal libraries recognized that the best incentive for readers is to allow access to books. Unanimity was perceived, in literature and in data analysis that the reading training librarian and teachers need to know the literature, the authors, the literary genres and, especially, share their readings, as being a role model is the best motivator. Finally, it was considered that for the adequate performance of the activities of mediation and incentive to read, the institution needs to enter the trinity: planning, formalization and collaboration. Indeed, it has been assumed that the librarian needs to have the competence and skill attached to education and management to make this work effective.

Keywords: Mediation. Reading. Formation of readers. Collavoration Librarian-techer. School libraries.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Identificação dos sujeitos da pesquisa	55
FIGURA 2: Quadro de categorias e subcategorias de análise dos resultados das entrevistas .	61
FIGURA 3: Espaço de leitura da biblioteca MA.....	63
FIGURA 4: Biblioteca da escola MB.....	64
FIGURA 5: Biblioteca da Escola P.....	68
FIGURA 6: Quadro do entendimento de mediação e incentivo à leitura.....	83
FIGURA 7: Encontro do Clube do Livro na Escola MA.....	123
FIGURA 8: Encontro com autora no Clube da Leitura EP.....	123
FIGURA 9: Hall da Biblioteca da Escola EP.....	123
FIGURA 10: Momento de orientação de leitura na Biblioteca da Escola MB.....	124
FIGURA 11: Mural da Biblioteca da Escola MB.....	124

LISTA DE ABREVEATURAS

BH	-	Belo Horizonte
CCPF	-	Gerência de Coordenação de Política Pedagógica e de Formação
CEFET	-	Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP	-	Comitê de Ética em Pesquisa
CI	-	Ciência da Informação
CRB	-	Conselho Regional de Biblioteconomia
DOU	-	Diário Oficial da União
ECI/UFMG	-	Escola de Ciência da Informação da UFMG
EJA	-	Educação de Jovens e Adultos
EUA	-	Estados Unidos da América
GEBE	-	Grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares
IFLA	-	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
PBH	-	Prefeitura de Belo Horizonte
PPGCI	-	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
RMEBH	-	Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte
SESC	-	Serviço Social do Comércio
SMED	-	Secretaria Municipal de Educação
TCLE	-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TLC	-	<i>Teacher Librarian Collaboration</i>
UFMG	-	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	-	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	JUSTIFICATIVA	19
2.1	OBJETIVOS	22
2.1.1	Objetivo geral	22
2.1.2	Objetivos específicos	22
3	REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1	PESQUISAS SIMILARES.....	23
3.2	SIGNIFICADOS E APLICAÇÕES DO TERMO MEDIAÇÃO	28
3.2.1	Leitura e leitor	30
3.2.2	Mediação de leitura	38
3.3	COLABORAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIO E PROFESSOR.....	42
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
4.1	CAMPO DE ESTUDO	49
4.1.1	Escola Municipal	50
4.1.2	Escola Particular	53
4.2	SUJEITOS DE PESQUISA E AMOSTRA.....	53
4.3	TÉCNICAS E INSTRUMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS.....	56
4.3.1	Observação	57
4.3.2	Entrevista	58
4.4	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	60
4.5	ANÁLISE DE DADOS.....	60
5	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	63
5.1	BIBLIOTECA DA ESCOLA MUNICIPAL A	63
5.2	BIBLIOTECA DA ESCOLA MUNICIPAL B	64
5.3	BIBLIOTECA DA ESCOLA PARTICULAR	67
5.4	CATEGORIAS DE ANÁLISE	68
5.4.1	Interação da coordenação pedagógica com a biblioteca	68
5.4.2	Projetos em conjunto	71
5.4.3	Mediar, incentivar e promover a leitura	82
5.4.3.1	<i>Intertextualidade</i>	85
5.5.4	Gosto pela leitura	86
5.5.5	Formação do leitor	88
5.5.6	Leitores críticos	93

5.5.7	Leitura utilitária, informativa e técnica.....	96
5.5.8	Leitor e suas leituras atuais.....	98
5.5.9	Capacitação.....	102
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
	REFERÊNCIAS.....	110
	APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	119
	APÊNDICE B – Entrevista – Professores.....	121
	APÊNDICE C – Entrevista – Equipe Biblioteca.....	122
	APÊNDICE D – Fotografias das ações de mediação e incentivo à leitura ...	123

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere na linha de estudos dos usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), interligado ao tema de investigação da leitura e da apropriação do conhecimento, com ênfase na mediação e incentivo à leitura pelo bibliotecário. Um dos desafios da mediação é promover a formação do leitor de forma criativa e reflexiva, para que ele tenha mais chances de agir com autonomia na sociedade, sendo a leitura um dos processos que podem possibilitar o conhecimento e a ação de um cidadão questionador. O bibliotecário, por ser um sujeito que trabalha com a informação, pode auxiliar o usuário da biblioteca no caminho da compreensão da informação de diversas formas, inclusive por meio da prática ou do gosto pela leitura. Almeida Júnior (2007) reflete sobre a importância da leitura para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, pois, segundo o autor, sem esse fazer, as áreas passam a lidar com um objeto imaginário. Desconsiderar a leitura ou não a entender de forma efetiva é determinar a inviabilidade das duas áreas. Estudar a leitura é uma possibilidade de atualizar os conhecimentos que os profissionais da Biblioteconomia vêm desenvolvendo em suas práticas no exercício do trabalho de bibliotecário.

O bibliotecário é chamado a buscar habilidades para que possa mediar a leitura com base no conhecimento de seu leitor e da literatura. Bicheri e Almeida Júnior (2013, p.48) atestam que um dos requisitos para mediar leitura “é ser leitor e dar testemunho disso aos alunos; não só disponibilizar leitura aos seus usuários, mas também propor-lhes leituras”, visto que a capacidade de ler envolve todo o processo de conhecimento de mundo. Em face disso, Freire (1989, p.9) sinaliza que a “leitura do mundo precede a das palavras”. Desde o nascimento, interage-se com elos culturais, que proporcionam a construção da identidade individual e coletiva. Essa relação com o outro permite que os indivíduos se conheçam e, por meio das semelhanças, do compartilhamento, sintam-se pertencentes a essa cultura coletiva.

A história da leitura é similar a de outras práticas culturais humanas, pois sua constituição está relacionada ao contexto histórico em que cada leitor se inseriu ao interpretar as variadas tipologias textuais. Dumont (p.56, 1998) salienta que “entre os vários conceitos para o estudo da leitura, cabe destacar os de contexto, o sentido e a motivação”. Especificamente ao conceito de contexto e da leitura, a autora explica que:

Não se trata de estudar as leituras realmente praticadas de uma obra, ou de outra, em determinada época, ou em outra. Trata-se sim de examinar como um texto se expõe, explicitamente ou não, à leitura, ou às leituras que dele são feitas ou podem ser feitas, em outras palavras, como se permite a liberdade de leitura, ou se faz sua restrição. (p. 56).

Para Silveira e Moura (2007, p. 124), “toda prática de leitura se desenvolve e adquire sentido a partir de um determinado contexto histórico e espaço temporal, conjugado com a subjetividade e anseios específicos de cada leitor”. Acredita-se que dessa forma a leitura pode ser visualizada com base em diversos olhares que permitirão uma visão múltipla dos significados das informações. Nesse sentido, o bibliotecário, como agente formador de leitores, carece de ter ciência do benefício que a leitura pode provocar no desenvolvimento de uma pessoa. É nessa perspectiva que a presente pesquisa propôs um estudo a partir do problema a ser apresentado: como as ações de mediação e incentivo à leitura têm sido realizadas pela equipe de profissionais das bibliotecas escolares das instituições de ensino privado e público municipal, tendo como foco os alunos a partir do quinto ano do ensino Fundamental, e de que forma essas ações podem contribuir para a formação de leitores competentes na apropriação da informação por meio da leitura?

A escolha pelas redes de ensino privada e municipal ocorreu, pois nestas instituições encontram-se trabalhando bibliotecários. Não foi possível incluir as bibliotecas de escolas estaduais, como a princípio planejado, pois as escolas não possuem em seus quadros de pessoal o profissional bibliotecário. Rasteli (2013) observa que as pesquisas direcionadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental, têm apresentado conquistas expressivas, mas segundo Ceccantini (2009), os estudos atestam, ainda, que há um abandono de atos de incentivo e mediação à leitura, à medida que os leitores recém-cultivados vão deixando a infância. Por acreditar que isso não é o ideal para incentivar o gosto contínuo pela leitura, escolheu-se pesquisar ações de leitura que atendam alunos do Ensino Fundamental, com turmas a partir do quinto ano para esse estudo referente às ações de incentivo e mediação a leitura. Sendo a biblioteca o campo a ser pesquisado, Carvalho (2005) compreende que, para a leitura ser vista como um ato cultural precisa ser trabalhada em uma biblioteca aberta, interativa, com espaço para o diálogo, proporcionando, assim, uma leitura crítica, geradora de inquietudes, reflexões e um aprendizado compensador para os sujeitos envolvidos nesse processo como mediadores e leitores em formação. Esse diálogo interativo entre a equipe da biblioteca, a equipe pedagógica e os leitores pode fortalecer o aprendizado dos usuários da informação, ressaltando, assim, a importância da investigação realizada nesta dissertação, possibilitando-se, com isso, uma inquietação mais ampla, a busca pela presença mais democrática do cidadão na sociedade como questionador dos contextos sociais.

Para Paiva (2012, p. 23), “é urgente o investimento em uma política sistemática e efetiva de formação de mediadores de leitura em bibliotecas escolares de escola públicas de educação básica, para que se vislumbre a tão almejada democratização cultural por meio da leitura”. Pois, para o acervo já existe uma política de distribuição de livros para as escolas, mas estes nem sempre chegam ao alcance dos leitores. Cabe à equipe da

biblioteca e à direção das escolas proporcionarem o acesso a esse acervo. O bibliotecário, segundo Almeida Júnior e Bortolin (2009), precisa mediar a leitura a partir de um alicerce teórico, com criatividade e competência para lidar com imprevistos, disponibilidade para o diálogo e atenção às necessidades dos leitores da biblioteca, visando, assim, a aproximação do leitor com o texto, além da leitura literária, lembrando que a escola tem como papel, também, o estímulo à leitura informacional, causada pela curiosidade e não apenas pelo compromisso de aprender conteúdos.

Depois desta introdução que contextualiza a pesquisa, apresenta-se no Capítulo 2 a justificativa, o tema e a definição do problema em junção com os objetivos da pesquisa. O Capítulo 3 remete ao referencial teórico, a partir de trabalhos similares que foram base para a construção da dissertação. Esse item abordou conceitos como mediação, leitura, mediação da leitura, leitor e a colaboração entre professor e bibliotecário. O Capítulo 4 apresenta os procedimentos metodológicos, perpassando pelos sujeitos e amostra da pesquisa, campo de estudo, seu novo desenho de investigação, técnicas e instrumentos para a construção dos dados, abrangendo a observação participante e a entrevista semiestruturada. Esse Capítulo remete ainda aos aspectos éticos da pesquisa e à análise de dados a partir das categorias expressas no decorrer das entrevistas. O Capítulo 5 transmite os dados relacionados às categorias como resultado da investigação científica. E o Capítulo 6 reflete as considerações da pesquisa e possíveis estudos futuros.

2 JUSTIFICATIVA

Ao estudo de casos múltiplos em bibliotecas escolares com públicos similares foi dado um enfoque informacional, fundamentado no campo de conhecimento da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, por meio de uma perspectiva crítica embasada em reflexões que incorporam a interlocução entre os diferentes aspectos presentes na leitura, notadamente os elementos históricos, culturais, políticos e sociais. No seu desenvolvimento, as referências são os fundamentos da Ciência da Informação e da Biblioteconomia.

Segundo Silveira e Moura (2007) e Dumont (1998), compreende-se a leitura como prática cultural que se desenvolve a partir da interação entre a subjetividade de cada leitor e seu contexto social. Buscou-se, assim, realizar um estudo sobre as ações de mediação e incentivo à leitura, desenvolvidas pelas equipes das bibliotecas analisadas e de que forma essas ações podem contribuir para a apropriação da informação por meio da leitura. De acordo com Campello (2016), um dos espaços de trabalho desses profissionais são as bibliotecas de formação básica escolar, onde é realizada a orientação dos usuários na utilização efetiva do ambiente de aprendizagem. Além disso, nesse local, é desenvolvido o papel de cultivar a capacidade para buscar e usar a informação de maneira racional, bem como a democratização da informação e da leitura, consideradas essenciais para a vida em sociedade.

Nesse universo de aprendizagem, a equipe da biblioteca deve procurar compartilhar novos conhecimentos com outros estudantes e mediadores. Para Kuhlthau (1999, p. 19), “as escolas da sociedade da informação estão sendo reestruturadas em torno de uma aprendizagem, em que o estudante está envolvido ativamente no processo de construção do significado”. Nessa perspectiva norte-americana do papel da biblioteca escolar, o bibliotecário desempenha papel central na criação de tal tipo de ambiente, por meio da transformação da biblioteca em um centro de questionamento que fornece acesso aos recursos para aprendizagem, para que o usuário possa ir além de um aprendizado de reprodução e construa o saber baseado no questionamento, na mediação do bibliotecário e do professor.

A escolha do campo de pesquisa biblioteca escolar ocorreu por acreditar que este ambiente proporciona a base do conhecimento necessário para que os alunos possam desenvolver sua formação humana. O Manifesto da IFLA (*International Federation of Library Associations and Institutions*)/UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) (1999, p.1) para a biblioteca escolar sugere o ideal de uma biblioteca escolar:

Habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e a desenvolverem a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis [...], oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem

pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.

Martins (2013, p.14) ressalta que “a importância da biblioteca escolar se dá, principalmente, pelo apoio no processo de escolarização, a medida em que a escola é entendida como lugar de mediação e troca de conhecimentos, haja vista que a mesma tem como foco reconstruir o saber e legitimá-lo”. A biblioteca, como instituição social, reflete a cultura que a gerou e, por sua vez, atua sobre esta na medida em que, veiculando seus valores, crenças e padrões comportamentais, contribui para a preservação e difusão da herança cultural (GOMES, 1982). A partir dessa atuação no meio social, a constituição das funções, objetivos e características das bibliotecas será determinada pelos contextos socio-históricos e culturais a que pertence.

Bicheri e Almeida Junior (2013, p. 43) acreditam que para que a biblioteca escolar possa cumprir sua função é necessário, além de espaço e acervo, um bibliotecário “competente e engajado na escola como um todo. Importa, e muito, a qualidade das atividades, as atitudes tomadas pelo bibliotecário, que deve ser competente, comunicativo, interessado e criativo”. Sidoti *et al* [200?] visualizam que tal instituição deixa de ser somente um espaço silencioso para busca de informações e passa a constituir um lugar para cativar leitores, pela função dos bibliotecários, que passam de meros guardiões de livros ou orientadores de pesquisa, assumindo, também, a função de mediadores do apreender. Para os autores, a função de educador e incentivador da leitura passa a ocorrer com mais frequência a partir da década de 1990. É ideal que haja um planejamento que vise novas e diferentes estratégias para aproximar o leitor do texto e, dessa forma, auxiliar os alunos no desenvolvimento de competências e habilidades de leitura. Desde os primeiros contatos com a leitura, é preciso encontrar caminhos que levem à apropriação das informações do texto, para que o leitor possa dar sentido, forma e consistência aquele conteúdo.

Dumont (2017) estabelece que os estudos sobre leitura e competência informacional, sob a ótica da Ciência da Informação, possuem diversas aderências e proximidades. A constatação se baseia no princípio de que para se adquirir tais habilidades, o leitor desenvolve quase que paralela e paulatinamente as competências no desenvolvimento do ato da leitura e na apropriação da informação, que vão dando suporte e sustentação para sua proficiência como sujeito leitor.

Almeida Júnior (2007) retrata a importância da leitura na construção do conhecimento operada pelos indivíduos a partir da apropriação informacional, por intermédio do ato de ler. A partir dessas considerações, defende o autor que o objeto da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, “a informação, [...] só pode se realizar, se fazer presente, se concretizar, com base e fazendo uso da leitura. Sem ela todas as ações realizadas nos espaços informacionais são inúteis e desprovidas de sentido, pois a informação deixa de ser

apropriada” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p.35).

Martins (2010) ressalta que, nas primeiras décadas do século XX, o modelo de escola internato tinha como ideia inserir o conhecimento prático da natureza e da vida social ao teórico da sala de aula, por intermédio de atividades realizadas nas escolas, como cuidados com a terra, animais e plantas. Diversas práticas passaram a ser utilizadas para estimular o interesse da criança e proporcionar o aprendizado de acordo com suas potencialidades, adaptando a criança ao ambiente e realizando, dessa maneira, sua integração social. Nesse sentido, a escola deveria oferecer situações de aprendizagem a partir da observação e experimentação, para que o aluno pudesse construir seu conhecimento. Assim, o foco da ação educativa se desloca do adulto para a criança, da sociedade para o indivíduo, do professor para o aluno.

Diante da nova visão do contexto social, a biblioteca é reavaliada em suas funções, para que possa atender à nova demanda da escola, que visa à aprendizagem em vez do ensino. No período oitocentista, as salas de bibliotecas eram destinadas a uso e instrução somente de professores, porém surgia o interesse de construção da biblioteca para atender também os alunos. É somente depois de 1920 que essa instituição aparece como integrante dos grupos de ensino voltados para a construção do gosto e hábito de leitura. Desse modo, a biblioteca também se estabelecia como um espaço com influências, principalmente dos escolanovistas, que a consideravam como essência da escola (MARTINS; REIS, 2017).

Já Britto (2015), considera que a escola é um lugar de aprender coisas que não se aprendem no trato da vida cotidiana. Ler e aprender podem ser ensinados fora da escola, mas é na escola que a produção intelectual organizada encontra espaço para expandir-se e sistematizar-se, além do senso comum que não se prende ao pratíssimo e ao pragmatismo. Esse ambiente é visto pelo autor como um lugar de reflexão, organização de conhecimentos e aprendizagem, de pensamento destemido, descontextualizado, livre de determinações e demandas. Para ele, essa “assunção tem consequências teóricas e práticas, pois implica definitivamente um processo distinto de trabalho intelectual, mais disciplinado de pensar, analisar e avaliar” (p.36). O autor instiga a pensar que a leitura possui diversas facetas e ler pode ser exigente, difícil e incômodo em todos os sentidos que a palavra pode adquirir. “O prazer de ler deve vir do desenvolvimento da consciência e da capacidade de estudar, de pensar o mundo sistematicamente, de fantasiar e fabular sem simplesmente consumir a fantasia industrial.” (BRITTO 2015, p.74).

Esta pesquisa tem ainda uma motivação profissional, devido à atuação da pesquisadora no campo da mediação e incentivo da leitura, na graduação como bolsista do Projeto Encontro de Leitura no Carro-biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG e ao se formar no trabalho que desenvolveu em biblioteca escolar, com o objetivo de

formar leitores mais questionadores da realidade social em que vivem. Rasteli (2013, p.18), assim como Campello (2016), confirmam a importância de o profissional bibliotecário expor sua “função educativa, no sentido de auxiliar os usuários na utilização correta das fontes de informação, de incentivar o estudante, o pesquisador, o cidadão a ler e a frequentar a biblioteca e, principalmente, de desenvolver o gosto pela leitura, de forma crítica e dinâmica”. Dessa forma, como salienta Rasteli (2013), as bibliotecas confrontam o desafio da transformação do ambiente de trabalho do bibliotecário, antes um repositório de informações, que presta serviços e, atualmente, organizações provocadoras de mutações sociais. Sendo assim, baseado em Campello (2016), observa-se que o desenvolvimento de um trabalho em equipe do bibliotecário com os professores é alicerce para que mudanças possam ser efetivas nas ações de mediação e incentivo à leitura e de forma política, em prol do melhor desempenho da educação e transformação social.

2.1 OBJETIVOS

São apresentados, a seguir, os objetivos geral e específicos da presente pesquisa.

2.1.1 Objetivo geral

- Investigar o trabalho do bibliotecário escolar que desenvolve ações de mediação e incentivo à leitura em seu modo de operar ou agir, visando detectar as características mais marcantes que podem colaborar para a formação de leitores.

2.1.2 Objetivos específicos

1. Analisar quais são as ações de mediação e incentivo à leitura desenvolvidas nas bibliotecas escolares investigadas, que podem incentivar o aprendizado da apropriação da informação pela leitura;
2. Averiguar quais as competências em informação os bibliotecários possuem e utilizam para mediar a leitura e a formação de leitores aptos a se inserirem e exercerem uma participação de forma mais ativa e consciente na sociedade;
3. Verificar se há desenvolvimento de trabalho em equipe com a participação de professores e o pessoal da biblioteca nas ações de mediação e incentivo à leitura;
4. Identificar se há diferença entre as ações de mediação e incentivo à leitura, exercidas entre as bibliotecas particulares e as municipais da cidade de Belo Horizonte- MG.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O arcabouço teórico desta pesquisa é estruturado por temas relevantes para a compreensão das ações desenvolvidas pelo bibliotecário como incentivador, mediador da leitura e perpassa por conceitos como mediação, leitura, colaboração, gosto pela leitura, leitor crítico, questionador, destacando, portanto, o papel do bibliotecário como mediador social, que auxilia no desenvolvimento do gosto pela leitura. Certamente, esse enfoque perpassa por outras áreas de estudo como a educação, pois a leitura é uma ação social, desenvolvida por atores e em determinados contextos.

3.1 PESQUISAS SIMILARES

Primeiramente, o levantamento bibliográfico direcionou-se à identificação de pesquisas similares, pois é necessário saber as contribuições que outros autores já aportaram como conhecimento à temática. Magalhães (1980) realizou uma pesquisa de mestrado sobre a leitura recreativa dos alunos da 5ª a 8ª série de escolas municipais de Belo Horizonte, com o intuito de conhecer as preferências de lazer e da leitura desses sujeitos. Como técnica de análise de dados, a pesquisadora entrevistou alunos, professores de português e bibliotecários, o que permitiu compreender que a leitura ocupa posição secundária entre as atividades recreativas. Os livros de literatura de aventura e história de amor são os preferidos pelos alunos. O professor de português faz indicação de leituras obrigatórias e desenvolve atividade de incentivo e verificação da leitura. O desempenho da biblioteca escolar foi considerado incipiente em relação à leitura recreativa. E a autora sugeriu ainda, que novas pesquisas possam abordar diferentes aspectos do assunto.

Dumont (1983) estudou dez bibliotecas escolares comunitárias de Belo Horizonte, interligadas à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Com o objetivo de conhecer os usuários dessas instituições, utilizou as seguintes técnicas de coletas de dados: questionários aplicados aos usuários das bibliotecas e entrevistas com diretores das escolas, professores e diretores encarregados por desenvolver as funções nas bibliotecas. Depois da análise dos dados, observou-se que os principais usuários dessas unidades de informação são os próprios alunos e as pessoas que residem próximo à escola, parcela significativa de usuários externos. Esses usuários vão à biblioteca para participar das atividades desenvolvidas nesse setor, para o estudo e o lazer. Além disso, foram detectados problemas de infraestrutura, limitação de pessoal e de acervo, que dificultam o efetivo atendimento do pessoal da escola e da comunidade de sua vizinhança.

A pesquisadora Magalhães (1992) realizou também, uma pesquisa em escola de primeiro grau, o Centro Pedagógico da UFMG e buscou investigar a utilização do texto

escrito no ensino de três disciplinas, a saber: História, Geografia e Ciências. A metodologia utilizada foi a observação das aulas dessas disciplinas para o público da quinta e oitava série, no primeiro semestre de 1991. Aplicaram-se entrevistas com cinco professores, vinte e quatro alunos e duas profissionais da biblioteca escolar local e foi realizada a análise dos textos produzidos pelos alunos a partir da pesquisa escolar. Constatou-se que, em geral, o aluno é pouco preparado para a leitura do texto escrito e com pouca frequência se realizou um levantamento do conhecimento prévio do discente sobre o assunto trabalhado, o que, para a autora, é condição fundamental para o entendimento de um texto. A leitura era feita para, em suma, avaliar o aluno. A leitura oral de alunos e professores foi a mais utilizada para leitura de textos informativos, isso durante as aulas observadas e pouco se percebeu a utilização de estratégias de leitura para ensino e aprendizagem. Os trabalhos escritos pelos alunos refletiam cópias das enciclopédias e outras fontes de informações. A biblioteca estudada participava de forma tímida do processo de ensino, atuando de forma isolada e limitada ao fornecimento de materiais bibliográficos. Observou-se, ainda, um distanciamento entre o discurso do professor e sua prática pedagógica, embora reconheça suas dificuldades relacionadas à leitura do texto e a pesquisa escolar, raramente consegue superar essa deficiência.

Esta pesquisa investigou o campo de estudos da biblioteca escolar que pode possibilitar um diferencial na prática pedagógica do professor e bibliotecário, quando principalmente, desenvolviam trabalhos em conjuntos para incentivar a leitura.

Cabral (1989) e Dumont (1998) estudaram questões que abordam processos de leitura no Carro-Biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG. A primeira autora investigou três experiências de ação cultural, sendo uma delas do Carro-Biblioteca da UFMG, por meio de um estudo de caso, com viés comparativo. Ela buscou caracterizar o espaço, a prática de ação cultural do bibliotecário e fatores como condições políticas, sociais e culturais que interferem no fazer do profissional da informação. Em suas considerações, o bibliotecário é entendido como agente cultural que necessita de uma formação mais específica, para desenvolver de forma mais efetiva seu papel de mediador cultural nas bibliotecas e em centros culturais.

Já Dumont (1998) desenvolveu uma pesquisa pela linha informação e sociedade, com foco nos prováveis sentidos que a leitura de romances de publicação em série são identificados pelas leitoras do Carro-Biblioteca. A pesquisa utilizou a etnometodologia e a técnica de história de vida. Os dados permitiram a compreensão dessa leitura que, apesar de restrita, ou seja, as leitoras são fascinadas pelos livrinhos e restringem suas leituras praticamente a este único formato, porém reforça a interiorização de conhecimento, principalmente revelado às leitoras no contexto do pano de fundo do desenvolver da trama romântica.

Esta pesquisa se difere das duas anteriores, pois procurou entender como as ações de mediação e incentivo à leitura têm sido utilizadas pela equipe de profissionais das bibliotecas escolares, com intuito de formar leitores, cidadãos pensantes, formadores de opinião e críticos, a partir da apropriação da informação pela leitura. Ao explorar a diversidade de leitura que é oferecida à comunidade contemporânea, o bibliotecário mediador tem bases teóricas das competências informacionais que o auxiliarão nesse fazer de sua profissão.

Martins e Reis (2017) realizaram um estudo referente ao discurso de educadores brasileiros no final do século XIX e início do século XX, atinente ao que condizem as campanhas a favor da educação gratuita, leiga e de boa qualidade, movimento denominado “Escola Nova”. Esse modelo de instituição escolar defendia reformulações nas práticas, metodologias, espaços e tempos escolares, baseadas nos preceitos da Psicologia, Sociologia e Biologia. O trabalho analisou os discursos da “Escola Nova” no contexto da biblioteca escolar, com o viés direcionado ao espaço aparelho escolar, formação do acervo, presença das aulas em bibliotecas e a constituição de espaços agradáveis, prazerosos, centrados na criança. Além das experiências em bibliotecas escolares novistas do Rio de Janeiro e de São Paulo em relação à mediação de leitura e da escrita, utilizaram a metodologia de análise de cartas, leis, decretos e regulamentos da *Revista do Ensino*, referentes aos artigos com os temas biblioteca escolar, leitura e livros. Concluíram que a biblioteca escolar conformou suas práticas, tempos, espaços e acervos do imaginário republicano e modernista, ascensão industrial, o higienismo e o ideal da “nova escola”.

Martins e Reis (2017) salientam que, para compreender o processo da constituição da escola, é necessário contextualizar seu desenvolvimento a partir do Brasil República no período da década de 1920, sob a percepção da escola como espaço “privilegiado para instruir e educar os futuros cidadãos e membros da sociedade, tornando-se o rumo central das ações governamentais que tendiam a construir um novo homem” (MARTINS; REIS, 2017, p. 880). Dessa forma, era necessário que a escola se renovasse para atender às novas demandas sociais, no que condiz com a metodologia, as práticas, os tempos e espaços. Essa renovação veio ao encontro do contexto sociocultural de inovações do campo científico e tecnológico; as mutações culturais e materiais da sociedade, o trabalho industrial, as novas profissões, a consolidação do capitalismo e a heterogeneidade social foram fatores que contribuíram para uma nova perspectiva em relação à escola: seus sujeitos, tempos e métodos. Além disso, destacam-se as reformas urbanas e as ocorridas nos espaços de lazer, que influenciaram na arquitetura e projeção das escolas perante a cidade. O objetivo era a regeneração do homem embasada nas novas teorias pedagógicas advindas da “Escola Nova” nessa conjuntura.

Modificaram a formatação das bibliotecas escolares, que deixaram de ser

apenas um espaço colecionador e organizador de “bons livros” para se converterem em ambientes estimuladores do gosto pela leitura, e conseqüentemente, despertar o espírito crítico e as sensibilidades. (MARTINS; REIS, 2017, p.885).

A pesquisa de Martins e Reis (2017) instigou a pesquisadora a buscar conhecer como o espírito crítico e o gosto pela leitura, assim como a apropriação da informação pela leitura, estão acontecendo na biblioteca escolar.

Barros (2001) analisou o tema mediação e leitura na biblioteca escolar por meio da metodologia de questionário misto, observação e entrevistas semiestruturadas. A autora verificou se as atividades de leitura no ensino de Língua Portuguesa no segundo grau do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET/PI) colaboraram para a formação de um sujeito-leitor, capaz de posicionar-se criticamente diante das informações do mundo contemporâneo. A pesquisadora considerou que há dois grupos de educadores, um que tem um discurso favorável às estratégias que contribuem para uma formação crítica do leitor, mas que na prática não desenvolve esse processo, e outro que reconhece a necessidade de construção de práticas que poderiam atender de forma efetiva o objetivo de formar leitores com um raciocínio crítico.

Felix (2014) trata das práticas educativas desenvolvidas em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, com viés direcionado à cultura escolar e discute a natureza da cultura escolar, que favorece bibliotecas efetivas, enquanto espaços que ofertam condições de acesso ao acervo bibliográfico, mas que também se constituem como lugar de aprendizagem. Metodologicamente, foi realizado um estudo qualitativo em profundidade, com dados coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com professores, diretores e bibliotecários das escolas pesquisadas. A partir da vertente interpretativa foram revelados três importantes fatores, a saber, a existência de uma cultura escolar colaborativa entre professor-bibliotecário, uma estrutura educacional específica, que dá suporte à biblioteca e a constituição deste espaço como diferenciado. O desempenho da biblioteca é impactado de forma positiva pelo apoio e presença dos diretores no setor. Tais elementos articulados mostram que há um ambiente cultural escolar favorável, que permite a existência de uma biblioteca efetiva.

O tema abordado nesta pesquisa vai ao encontro aos estudos de Felix (2014) e Rasteli (2013), – apresenta uma pesquisa exploratória e qualitativa, sobre a mediação de leitura em bibliotecas públicas da região metropolitana de Marília/SP, questionando o caráter de ações no que se distinguem a apropriação da leitura, a promoção da leitura e a animação da leitura. O pesquisador concluiu que os bibliotecários podem desenvolver mais habilidades de mediar e gerir a mediação de leitura. As bibliotecas públicas são tão valiosas e precisam ser usadas de maneira mais efetiva.

Moreira (2014), também, procurou compreender as práticas educativas

bibliotecárias de formação de leitores com um direcionamento colaborativo entre o bibliotecário e o professor das instituições municipais de ensino de Belo Horizonte, fazer esse que necessita de um constante e regular aperfeiçoamento, conteúdo que auxiliará uma melhor compreensão do objeto estudado.

Paiva (2016) estudou o campo de pesquisa biblioteca escolar, que se abordou nesta pesquisa. A partir do recorte de 24 bibliotecas escolares da rede municipal de Belo Horizonte, Contagem e Betim, a autora buscou compreender e analisar as possíveis contribuições da biblioteca escolar no resultado da Prova Brasil-Leitura. A metodologia utilizada por meio de entrevista com o responsável pela biblioteca; observação no ambiente de estudo; e aplicação de questionários para diretores, pedagogos e professores de língua portuguesa do 5º ano do ensino fundamental, possibilitou a percepção de que grande parte das bibliotecas sequer atendeu aos requisitos básicos, como:

Um espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar o acervo, os ambientes para serviços e atividades para usuários e os serviços técnicos e administrativos; materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários; acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez; acesso a informações digitais (internet); espaço de aprendizagem; administração por bibliotecário qualificado, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar (GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR, 2010, p.9).

Tais categorias foram indicadas pelo grupo de Estudos em Bibliotecas Escolares da ECI/UFMG. Não foi possível relacionar o resultado dos alunos com a qualidade da biblioteca, visto que em muitos casos a proposta pedagógica das escolas não dialogava com as ações das bibliotecas em estudo.

Amaro e Alencar (2017) pesquisaram sobre as atividades de mediação de leitura desenvolvidas pelos bibliotecários da rede de bibliotecas do SESC – Serviço Social do Comércio – Rio de Janeiro. Buscaram, pela pesquisa exploratória e descritiva, com utilização da técnica de coleta de dados questionário, entender como essas atividades interferem no processo de apropriação de um grau maior de leitura. A partir da análise de dados, percebeu-se que as atividades, a saber, as mediações de leitura, eram incipientes, uma vez que pouco acrescentavam na formação do leitor e que seria necessária uma formação qualitativa do bibliotecário, para que as ações possam ser mais efetivas na vida do leitor.

Assim como o trabalho de Amaro e Alencar (2017), esta pesquisa se insere no contexto da investigação científica direcionada para o entendimento da mediação e incentivo à leitura, uma das habilidades do profissional bibliotecário.

3.2 SIGNIFICADOS E APLICAÇÕES DO TERMO MEDIAÇÃO

Reis e Martins (2009) desenvolvem uma pesquisa referente ao sentido da palavra mediação direcionado para o entendimento do papel da informação e da mediação como suportes das práticas de mobilização social, nos movimentos sociais, caracterizados por tensões, contradições e relações de poder. Baseando-se em estudo teórico, observa-se que o conceito de mediação da informação evidencia a simbologia e dialética da informação e da mediação, assim como o movimento que caracteriza as relações entre as duas instâncias, determinando o sentido da realidade social. Esse estudo de Reis e Martins é resultado parcial da dissertação de Martins (2010), que, ao final da pesquisa e após realizar um levantamento teórico sobre o termo mediação no âmbito da Ciência da Informação brasileira, que se propõe a estudar questões informacionais em diversas perspectivas, formulou o conceito de mediação, dentro desse campo de pesquisa, a partir de conceitos trabalhados em publicações científicas, que “indica um processo por meio do qual os atores, em inter-relação e situados em campos histórico-culturais de conflito e contradição, negociam, disputam e confrontam sentidos simbólicos destinados à leitura, apreensão, nomeação e significação do real” (MARTINS, 2010, p. 209). Esse conceito se aproxima da relação mediação e informação em suas práticas cotidianas. Nessa perspectiva, pode-se pensar a mediação a partir de discussões provocadas pelo trinômio informação, cultura e sociedade, e, com isso, compreender esse construto como “mediação informacional” a partir de uma dimensão simbólica, contraditória e conflitiva que caracteriza a relação da informação com a mediação.

O termo *mediação* origina-se do latim *mediatione*, ao qual Rasteli (2013, p.24) resumiu na seguinte definição:

Intervenção humana entre duas partes, ação de dividir em dois ou estar no meio, o conceito de mediação aplicado sob diferentes perspectivas, indicando ideias de interveniência, relação, conjugação, religação, ponte ou elo estabelecido nas relações humanas, por meio de um elemento mediador.

De acordo com a teoria histórico-social de Vygotsky (1993), as interações sociais são essenciais para a constituição dos indivíduos e, durante a vida do homem, o conhecimento acumulado ocorre em um processo de mediação entre os indivíduos. No contexto escolar, essa perspectiva redimensiona a relação entre os envolvidos na mediação, o que implica o diálogo que possibilita o compartilhamento das ações, das discussões e comentários realizados durante o processo de construção do conhecimento, favorecendo as trocas, as conversas e as ideias que vão se desenvolvendo para o capital intelectual humano.

Para Velho, a mediação é:

Num contínuo processo de negociação da realidade, escolhas são feitas tendo como referência sistemas simbólicos, crenças e valores, em torno de

interesses e objetivos materiais e imateriais dos mais variados tipos. A mediação é uma ação social permanente, nem sempre óbvia, que está presente nos mais variados níveis e processos interativos (VELHO, 2001, p.10).

Já Turra (2007) define mediador como a pessoa que avalia, amplia e escolhe estratégias mais apropriadas a determinado contexto, organiza, interpreta e elabora as experiências de aprendizagem. Ao criar um ambiente de reciprocidade, o mediador suscita curiosidade, demonstra envolvimento e interesse, estimula a reflexão, o compartilhamento e o apreço pelas diversas opiniões, incitando, ainda, a mudança e a participação ativa. Quanto maior a mediação, maior a possibilidade de transformar o estado cognitivo do sujeito mediado. O autor entende que tais atribuições deverão permear a ação do funcionário da biblioteca escolar em seu papel de dinamizá-la para que assuma seu devido lugar.

Almeida Júnior (2007) ressalta que a palavra mediação ainda está fora do léxico da Biblioteconomia, ou, quando muito, é um sinônimo de serviço de referência. Marteleto (2009, p. 19) discute que: “Seja numa ou noutra acepção, a mediação implica sempre em acompanhamento, controle e negociação por um “terceiro”, enquanto o sujeito que se beneficia de um processo de mediação é levado a aprofundar o seu próprio ponto de vista e a descobrir outros”. O bibliotecário vai instigar, por meio do diálogo, das conversas entre os pares, a construção de novas opiniões e até mesmo do conhecimento.

Almeida Júnior e Bortolin (2009) descrevem o mediador como um leitor atento, respeitoso e desprendido de preconceitos, sendo um paradigma a ser seguido, sem deixar, porém, de revelar as suas preferências. Eles ressaltam ainda, que leitor narrador ou ouvinte é um processo ativo, “pois ora somos mediadores, ora somos mediados, numa troca de papéis mais do que enriquecedora - salutar; principalmente em um país que apesar de avançar estatisticamente o número de leitores, ainda não está satisfeito, e quer mais” (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p.1).

Além do mais, verifica-se com Silva (2010, p. 8) que a “expressão *mediação* é um termo raro nas obras de referência da área de Ciência da Informação”. E que deve ser trabalhado pelo profissional bibliotecário, para que este possa ser um agente transformador no auxílio a uma leitura compreensiva do contexto sócio, político e cultural do leitor.

A pesquisadora acredita que a mediação da leitura é uma possibilidade de transformação do entendimento do texto pelos leitores. Por meio da interação entre os sujeitos envolvidos no processo de construção do conhecimento e do compartilhamento de ideias, são possíveis o diálogo e a formação de convicções e questionamentos sobre a realidade em que se está inserido. Assim, a mediação vem a ser a junção, a aproximação entre duas partes, como uma “ponte”. Mas mediar não é o mesmo que facilitar. Podemos considerar que mediar a leitura significa intervir para aproximar, conhecer para apropriar-se do saber.

Na próxima subseção será ressaltada a relação leitura e seus leitores, de forma a ampliar a visão dos leitores em relação ao objeto estudado.

3.2.1 Leitura e leitor

Para compreender o processo de mediação de leitura é preciso ampliar a noção desse conceito a partir do entendimento do que é a leitura, retratado na literatura, como relata Dumont (2007), o processo histórico sobre os estudos da leitura que se deu nos Estados Unidos no contexto da crise econômica do final da década de 1930, embasado na sociologia da leitura. Os estudos sobre difusão da leitura e os efeitos sobre o leitor reuniram, no mesmo sentido, as ações dos literatos, educadores, bibliotecários, pedagogos, psicólogos e sociólogos. Um pouco mais tarde, em 1950, os franceses iniciaram as pesquisas voltadas para a promoção e uso da partilha dos textos. A partir da década de 1980, os estudiosos passam a ter um olhar direcionado ao público leitor ou receptor de informações. Para a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, a leitura é visualizada a partir das necessidades dos usuários, segundo o perfil do leitor. A autora salienta, ainda, que, nas últimas décadas, surgiram indagações para compreender o contexto social e, assim, o fluxo de informações, o sujeito e a diversidade da leitura nessas duas áreas. Atualmente, as pesquisas se preocupam em identificar a efetividade e introjeção de conhecimentos pela leitura, entendida aqui como apropriação da leitura, a partir da subjetividade do leitor e seu contexto.

Chartier (1998) elucida:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum — ou ao menos totalmente — o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao codex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1998, p. 7).

Para compreender o escrito, o leitor depende de seus conhecimentos de mundo e de escrita para decodificar os signos e dar sentido ao que lê. Essa interação da grafia com a leitura do mundo possibilita a comunicação com o universo, estando intimamente relacionada seja com a escrita, pintura, gravura, escultura ou qualquer outro signo que permita a interpretação variada, fruto da subjetividade do leitor e do contexto histórico

cultural em que o signo se originou.

Para Rasteli (2013, p. 47), “o leitor é receptor e, no sentido de apropriação, o sujeito é produtor de significados”. Nessa perspectiva, a percepção que se tem do sujeito como produtor é vista como produção de conhecimento, redundando em atuação social transformadora.

Já Antunes (2003, p. 70) acredita que:

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

Souza e Gamba Junior (2002) veem o momento do encontro entre a leitura e o leitor como algo mágico, como um êxtase. A leitura não é um ato solitário, mas sim a interação com as muitas vozes que ecoam no texto de um escritor e que só terão oportunidade de se manifestar pela colisão marcada entre o leitor e o texto. A leitura é comunhão, é o momento em que o indivíduo isolado se vê perante a possibilidade de reconhecer a sua inserção particular na história de uma época. Com base na narrativa de outrem, a própria identidade pode se restabelecer. Ler é um modo de impregnar pelo desconhecido e interpretá-lo para tornar próximo ao seu contexto. O desafio maior que se enfrenta, hoje, é preservar a dimensão da leitura de suportes físicos no contexto da utilização da tecnologia. Porém, esse novo modo de leitura instrumental precisa partilhar com a leitura prazerosa a possibilidade de submeter-se ao tempo do leitor, a garantia da atividade crítica, dando uma nova permanência histórica e cultural às narrativas que se constituem e se renovam na grande temporalidade. O uso da tecnologia nos ambientes de estudos proporciona o diálogo entre as ferramentas da construção do saber, gerando novas fontes de acesso à aprendizagem.

O repertório intelectual conta muito, pois essa diversidade de leituras está subordinada ao seu poder de interpretação, juntamente com os seus conhecimentos acumulados, que são decisivos para a pluralidade de leituras. Nesse sentido, “um mesmo texto pode ser lido distintamente por leitores de graus de conhecimentos diferentes e, de acordo com o ponto de vista de cada um, podem chegar a conclusões diferentes”. (NASCIMENTO, 2014, p. 33).

Zilberman (1988, p. 146) destaca a importância da leitura literária:

A leitura é importante, todos sabemos: a leitura ajuda o indivíduo a se posicionar no mundo, a compreender a si mesmo e à sua circunstância, a ter suas próprias ideias. Mas a leitura da literatura é ainda mais importante: ela colabora para o fortalecimento do imaginário de uma pessoa, e é com a imaginação que solucionamos problemas. Com efeito, resolvem-se dificuldades quando recorremos à criatividade, que, aliada à inteligência, oferece alternativas de ação.

Faulstich (2008, p. 23) esclarece o que se deve considerar para que haja o

entendimento de um texto: “Entender um texto é compreender claramente as ideias expressas pelo autor para, então, interpretar e extrapolar essas ideias”. Nesse momento, o sujeito deve ajustar as informações contidas no contexto em análise às que ele possui em seu arquivo de conhecimento do mundo.

Campello (2009) alerta para o número significativo de pesquisas que têm revelado os equívocos das políticas e das atividades de práticas da leitura, que partem do princípio de que o importante é ler, não importa o quê sem se estudar e planejar o que ler, é criar o “gosto” da leitura por meio de técnicas de animação, “possíveis”, e não direcionadas ao texto. Para ela, a biblioteca pode ser um espaço no qual se forma o leitor, desde que seja um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural e que os bibliotecários e mediadores sejam leitores críticos, aptos para o confronto com os usuários através da literatura sem cobranças mecânicas de compreensão de texto lido e sem fórmulas rígidas de indicação por idade.

Segundo Moreira e Duarte (2014), a animação de leitura tem como propósito empreender de forma dinâmica a leitura no ambiente escolar, de modo especial na biblioteca, a partir de métodos do teatro, com o objetivo de ampliar o processo da leitura para além da rigidez escolar, que a tratava como meio e não fim. Porém, Perroti (1990) explica que a animação da leitura passou assim a ser uma das estratégias de fazer frente às representações negativas sem planejamento, da promoção da leitura comumente adotadas nas escolas que não formavam leitores.

A partir da revisão teórica, percebeu-se que a leitura do texto não tem um sentido único, mas uma construção de entendimento que envolve o leitor a partir de seu espaço sociotemporal e as novas ideias apresentadas pelo texto. A teoria da estética da recepção desenvolvida por Iser (1996) vem confirmar as diversas possibilidades de leitura a partir da interação entre o horizonte de expectativas dos autores e as possíveis significações por seus leitores, deixando claro que a interpretação do texto vai além dos conhecimentos do texto e a compreensão deve se ater às informações textuais. A estética da recepção visa explicar que ao tratar de obras textuais, inacabadas e abertas a inúmeros olhares interpretativos. Esse conceito “atribui à leitura um efeito emancipatório que libera o leitor da busca por uma única e perfeita interpretação” (SILVEIRA; MOURA, 2007, p. 125).

A intertextualidade se apresenta como indispensável para a compreensão da leitura e formação do leitor, na proporção que permeia a leitura do mundo e em constante comunicação, com outras leituras realizadas pelo sujeito leitor. Pelo viés dessa metodologia intertextual, o mediador literário pode traçar novos caminhos para atender à demanda dos leitores e direcioná-los a leituras que permitam uma visão mais crítica da sociedade.

Dessa maneira, proposta principal para formar o leitor é inserir a prática da leitura pela leitura. E assim, pode-se visualizar a formação e transformação de um leitor

consciente e capaz de dialogar com o texto, já que ambos são indissociáveis. O bibliotecário pode se valer da intertextualidade para auxiliar o leitor na busca pela leitura que demanda ou deseja, possibilitando, até mesmo, a participação do sujeito capacitado de conhecimento na gestão da sociedade, à medida que passa a compreender melhor as questões políticas.

Azeredo (2007, p. 25- 26) assim explica o conceito de intertextualidade:

Nenhum texto veicula informações cem por cento inéditas, assim como nenhum texto é cem por cento novo no formato, ou gênero pelo qual essas informações são veiculadas. Qualquer texto lembra, retoma ou evoca, implícita ou explicitamente, outro texto ou parte de algum texto. A essa propriedade, que é também uma espécie de conhecimento compartilhado — só que numa dimensão social e histórica —, chamamos intertextualidade, um importante suporte de coerência.

O texto é uma espécie de ponte lançada entre conexões de saberes, que permite ao leitor visualizar sentidos que estão interligados a outros textos. O mediador, ao conhecer seu leitor, poderá utilizar dessa relação textual para direcionar o leitor a novas possibilidades de leitura. O bom leitor deve ter domínio da leitura, condição de convivência do indivíduo na sociedade. Para Paulino *et al.* (2001, p. 35), “desde o momento em que aprendemos a ler, entramos no mundo da escrita e subordinamo-nos às suas leis, reforçando nossa condição social, marcada pela aquisição da linguagem”. Não é sem razão que estudiosos mostram que a escrita liga-se ao controle, às leis sociais. Se sei ler, estou pronto para conhecer a lei, não podendo mais desrespeitá-la impunemente. Por outro lado, estou pronto também para me deixar seduzir pelo texto e pelos mundos que ele configura. O pacto entre a sedução e a repressão se instalam no próprio processo de alfabetização e letramento, a capacidade de análise crítica da realidade social, na qual o leitor está inserido e sujeito a transformar esse meio, por intermédio do seu poder de decisão de forma mais consciente. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos que comprovem sua interpretação e compreensão do texto.

Paulino *et al.* (2001, p. 29) apresentam as características do leitor ideal, fundamentado em uma concepção de leitura interativa:

Importa perguntar, pois, qual o papel do bibliotecário na formação do leitor. Não o leitor obediente, que preenche devidamente fichas de livros ou reproduz com propriedade enunciados textuais. Mas o leitor que, instigado pelo que lê, produz sentido, dialoga com o texto, com os intertextos e com o contexto, ativando sua biblioteca interna, jamais em repouso. Um leitor que, paradoxalmente, é capaz de se safar até mesmo das camisas-de-força impostas pela escola e pela sociedade, na medida em que produz sentidos que fogem ao controle inerente à leitura e à sua metodologia.

É um processo complexo formar o leitor capaz de criar sua própria análise por

meio do conhecimento do ambiente social em que vive, tendo uma visão crítica da sociedade. A formação de leitores se torna um bem inestimável para o bibliotecário, pois o domínio da leitura e da informação pode significar libertação e participação social do indivíduo na sociedade.

A leitura proficiente requer processo de aprendizado que permite ao cidadão acesso às informações, conhecendo seus direitos e deveres. Dessa forma, cria-se um olhar com uma dimensão mais reflexiva da vida social. A leitura reflexiva será o diferencial na compreensão do texto, proporcionando ao leitor as possíveis interpretações do texto, por meio de suas perspectivas, geradas através de seu conhecimento, o que distingue sua competência interpretativa entre os outros leitores.

Para Chagas (2010), a leitura é base para que o indivíduo tenha acesso à informação e ao conhecimento. “É um dos elementos fundamentais para o avanço da sociedade como um todo. A compreensão dos textos contribui para que os leitores tenham acesso a informações e experiências diferenciadas que, certamente, ampliam seu desenvolvimento intelectual e social” (CHAGAS, 2010, p.15).

Neves (2007, p. 20) refere-se à leitura como:

Meio mais efetivo que o estudante dispõe para assumir uma postura crítica em relação à realidade em que se situa, tendo como contraponto as diferentes realidades que lhes são apresentadas como resultado da diversidade de ideias ou informações que lhes são disponibilizadas, por meio de documentos.

Silva (2003) estabelece para a leitura um processo dividido em três momentos, a saber: constatação, que é a descoberta dos significados pretendidos e indicados pelo autor no texto; o cotejo, que é momento de reação, questionamento, problematização e posição das ideias do autor pelo leitor; e a transformação, que é a efetivação desse processo a partir das reflexões dos leitores sobre novas alternativas de ação, sua leitura crítica e a criação do texto do leitor.

Dumont (2007, p. 65) ressalta que o ato de ler não se caracteriza em uma ação isolada, mas a partir de “reações em cadeia de sentimentos, motivações, especulação na cognição do leitor, suas análises e suas críticas”. A leitura como instrumento de aquisição e transformação do conhecimento é uma ação social, que constrói sentido a partir da leitura das diversas formas de texto. Se trabalhada de forma crítica e reflexiva, possibilitará um combate à alienação do gênero humano. Através dos atos de decodificar e refletir, novos horizontes se abrem para o leitor, fazendo com que ele tenha a experiência de alternativas (DUMONT, 2016). Silva (1995) e Barros (2001) dialogam por defenderem uma leitura racional, que, por analogia, se aproxima da leitura crítica, ao proporcionar ao leitor o desenvolvimento da reflexão e a formação do senso crítico, por meio de uma leitura que busca o significado velado no texto e no próprio meio social. É esse leitor crítico e

questionador que revela o significado pretendido pelo autor, mas não permanece nesse nível — ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade as informações que recebe.

Já Lajolo (1982, p.59) conceitua a leitura como:

Uma atividade que está muito além da decifração de signos linguísticos: ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Consoante a essa citação, observa-se que a leitura questionadora é aquela em que o leitor não se satisfaz com a superficialidade do texto, mas, sim, imerge nas acepções mais profundas dele. Na condição de sujeito, “ele não deve se contentar apenas com uma leitura única, pelo contrário, deve levantar diversas possibilidades de leitura sobre a intenção de quem escreveu o texto e ter perspicácia suficiente para descobrir o seu verdadeiro sentido” (NASCIMENTO, 2014, p.27). A capacidade do leitor de relacionar os textos permite uma leitura intertextual que possibilita a abertura para novas leituras que se entrelaçam. O autor enfatiza que:

O ato de ler é altamente dependente da competência do leitor porque essa competência lhe faculta a possibilidade de realizar suas inferências textuais e intertextuais. Tais inferências dão condições a ele para que seja autônomo diante das ideias do texto e, frente a isso, possa aceitar ou rejeitar as intenções do seu autor. Portanto, a leitura, por essa ótica, está subordinada ao grau de conhecimento do leitor e também à sua capacidade de interpretar e de inter-relacionar as ideias dos textos. (p.28).

Matencio (1994, p. 42) também segue linha análoga à citada anteriormente:

A leitura, assim como a escrita, é uma atividade realizada de forma visual, por movimento de globos oculares. Ao longo desse processo, os olhos não se fixam em cada uma das palavras, como fariam pressupor as atividades de leitura na escola, mas identificam um conjunto de palavras. Por outro lado, o leitor não é passivo frente ao texto, mesmo que a escola o oriente nessa conduta: os sentidos que ele estabelece na leitura são vinculados aos seus conhecimentos da atividade, da estrutura textual e de mundo; ao longo desse processo ele cria, confirma ou rebate suas hipóteses acerca do que ali lhe é exposto.

Barroso (2006, p. 55) descreve a leitura, em seu sentido *lato*, com estas palavras:

Leitura em sentido geral é, portanto, um processo de vivência, de observação, de relação e de aprendizagem realizado pelo interesse do leitor. Assim a leitura é determinada por elementos internos ou subjetivos e por elementos externos ou objetivos. Ou seja, há que se considerar, nesse processo, tanto os lados sensitivos e sensoriais-emotivos do indivíduo, quanto as questões externas a ele, isto é, os estímulos dos meios sociais, culturais e políticos do contexto no qual está inserido.

Na visão institucional dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, p. 69-70):

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a

linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

A pesquisadora visualiza a leitura como uma forma de o leitor compreender o texto a partir de seu conhecimento interno e sua relação com o saber que vem adquirindo a partir das diversas leituras que faz da realidade do mundo. A leitura é um direito de todos os cidadãos, que pode ampliar os horizontes críticos e culturais do homem. Nesse sentido, as pessoas poderiam desenvolver de forma mais efetiva o senso crítico e conquistariam decisões mais assertivas em seu convívio social.

Para Britto (2015, p. 40), a leitura na escola é para ensinar e aprender a ler, devendo “investir no leitor e na valorização de suas escolhas e decisões de caminhos interpretativos”. A partir de escolhas por textos de literatura, história, ciência, cabendo à escola a formação de um leitor livre, que age conforme sua vontade, consciência e natureza, tendo limites conforme suas dimensões biológicas, materiais e históricas. O leitor autônomo capaz de se autogovernar a partir da apropriação “das formas de ser e de fazer o mundo, e reconhecendo como sujeito de direito, reivindica para si o poder de tomar decisões relativas à sua vida” Britto (2015, p. 43). A autonomia é medida pela capacidade de analisar, compreender a situação com conhecimento e discernimento. O leitor crítico fará uma análise objetiva do problema, sem dogmas, preconceitos, contribuindo para o desenvolvimento do sujeito e para a expansão do conhecimento, mas para isso a pessoa necessita de um quadro teórico-conceitual e de princípios bem estabelecidos, senão, a crítica pode se confundir com interesses e preferências. E o leitor criativo é inusitado, inovador que diz e faz coisas que ninguém fez ou disse, pensa coisas inéditas, produz imagens, objetos desconhecidos, encontra soluções impensadas para problemas, que se distingue pela sua capacidade de criar por meio do conhecimento e experiência. O desafio maior na formação de leitores é que o aluno “pare para pensar” em um ambiente que se amplie a crítica, a liberdade e a criatividade em ações, escolhas e que “fuja dos discursos fáceis e cativantes do relativismo cultural e da adesão tranquilizante do já conhecido” Britto (2015, p. 49; 51).

No que condiz com a leitura no Brasil, acredita-se que o acesso está engatinhando, mas vale destacar a necessidade de:

Criação de estruturas e o estímulo ao acesso e uso da informação tornam premente a capacitação dos sujeitos para acesso aos códigos encerrados pela informação. Em um país que detém baixos índices em desempenho de leitura e escrita é impraticável que os cidadãos exerçam seus direitos sociais e políticos, que podem ser viabilizados a partir da informação, caso não se invista de forma simultânea nos processos educacionais e de acesso aos códigos da leitura. (MARTINS; REIS, 2014, p. 169).

Seguindo essa linha de pensamento, é indispensável que a educação seja mais igualitária a toda a sociedade, de modo que as instituições educacionais tenham estruturas adequadas para o desenvolvimento do sujeito. Dessa forma, é imprescindível que as escolas tenham bibliotecas, para garantir o acesso à informação e à leitura, equipadas com profissionais capacitados para que possam orientar os usuários. Portanto, o papel do bibliotecário vai além de uma simples indicação de um livro, mas atua no sentido da compreensão da ação política, pelo viés de uma leitura crítica da realidade.

Essa ação política, para Martins e Reis (2014, p. 169),

É o caminho fecundo para que os efeitos nocivos do capitalismo e da globalização sejam minimizados, novos regimes de força se estabeleçam na luta pelo poder e, sobretudo, para que o exercício dos direitos ou da coletividade decorra, enfim, do seu reconhecimento necessário como condição de liberdade.

Martins (1992, p.66) esclarece que a leitura racional se acrescenta à sensorial e a emocional o estabelecimento de uma ponte que possibilita o contato do leitor com o conhecimento, com a reflexão e com a reordenação do mundo objetivo. Por meio dessa relação, segundo a autora, a leitura torna-se um ato que permite [...] “atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais”.

O sentido da leitura é uma miscelânea dos novos conhecimentos advindos do texto, dos saberes iniciais que o leitor já tem do objeto de que trata o texto. Assim, confirma Antunes (2003, p. 78) “que não se pode ver no texto o que lá não está nem se pode ver apenas o que lá está sobre a página. A leitura tem, assim, a dinâmica de qualquer outro encontro: seu sentido é de agora e é de antes”. É uma interação entre o sujeito que lê e o que o texto lhe proporciona de novo. À proporção que o leitor for penetrando no texto, seus conhecimentos prévios serão pressupostos básicos para que o sujeito tenha o domínio de tudo aquilo que ler. “Ao mergulhar na leitura, aparece a necessidade de recorrer ao seu repertório intelectual para auxiliá-lo a compreender a mensagem. É como se andasse para frente, mas, simultaneamente, a voltar seu olhar para trás” (NASCIMENTO, 2014, p.31).

Uma sociedade de leitores, por meio de uma visão e conhecimento críticos da política do país, possibilitados pela leitura reflexiva e análise crítica do sistema social, terá condições mais efetivas de decidir sobre as questões da nação, visto que é um direito o acesso às informações públicas do Estado, por exemplo. Para isso, ser leitor é um ponto positivo para conhecer a sociedade, podendo passar a agir de forma mais reflexiva e democrática.

O conceito de mediação da leitura ainda é muito discutido na literatura. No próximo subcapítulo serão apresentados alguns autores que trabalham com o termo.

3.2.2 Mediação de leitura

É recente, no Brasil, o uso do termo “mediação de leitura” por alguns autores da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. A pesquisa bibliográfica encontrou a primeira citação em um trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia (ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de; BICHERI, Ana Lúcia; BORTOLIN, Sueli, 2005). A leitura, por sua vez, já possui um longo e sedimentado arcabouço teórico, que enfatiza a ação de leitura como um processo exercido única e individualmente por cada leitor, ao dar sentido ao que leu. E esse sentido pode variar bastante de leitor para leitor. Dumont (1998, p.65) enfatiza: “a apropriação do texto pelo leitor implica a produção de sentido, que é onde se imprime a singularidade da leitura, baseada na experiência individual de cada leitor”. Portanto, acredita-se que os autores que estão usando a expressão, o fazem “alargando” mais seu sentido, ao incluir o mediador como o incentivador, o facilitador, ou ainda a pesquisa para a dissertação entende o uso do termo e não está dentre os seus objetivos analisar se está correta ou não a sua aplicação. Autores como Barros, Bortolin e Silva (2006, p.17) caracterizam esse processo: “[...] mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores”.

Já Martins (2006, p. 57) ressalta que mediar a leitura na escola envolve um conhecimento a priori dos “processos de ensino, a concepção de educação, o projeto educativo cultural da escola, a concepção de leitura e da prática pedagógica, da cultura infantil, os espaços disponíveis para o educando ler, bem como as peculiaridades da pessoa que está à frente da ação”. Para atuar com essa ação, o profissional deve ter qualidades que permitam a apropriação desse fazer com propriedade.

Para Almeida Júnior (2007), a leitura é que permite a apropriação da informação, e sem ela esse processo não aconteceria. A “leitura é realizada a partir do acervo de conhecimentos de cada pessoa” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 35); é individual, distinta de outras leituras, pois não pode abstrair-se dos referenciais de quem a realiza. Esse autor salienta, ainda, que a leitura não existe, *a priori*, efetiva-se na arte de mediação. Porém, para ele a “mediação da leitura faz parte da mediação da informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2007, p. 35).

Almeida Junior e Bortolin (2008) assinalam o mediador de leitura em um processo de possível interferência, por meio ético, no dia a dia do cidadão, promovendo o desejo e a necessidade de esse indivíduo ler e de buscar informação, para que, ao construir o seu conhecimento, possa desenvolver de forma mais assertiva suas demandas informacionais.

Acredita-se que o papel dos mediadores é buscar várias formas de mediar e incentivar a leitura para além do texto, levar a reflexão por meio do diálogo do que foi lido e

das informações constantes nas entrelinhas. Todavia, deve-se ter a ciência que o texto, mesmo oferecendo uma gama de probabilidades de leitura, não pode ser lido arbitrariamente, de qualquer maneira, já que o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor, cabendo ao mediador literário e ao leitor traçar caminhos possíveis de interpretação baseados no texto. Por isso, “é de fundamental importância que o leitor considere na e para a produção de sentido as sinalizações do texto, além dos conhecimentos que possui” (KOCH, 2008, p. 217).

Almeida Junior e Bortoli (2009) retratam a mediação de leitura literária como um processo insubstituível de aproximação do leitor-texto. Porém, o ambiente da escola medeia mais textos de informações do que textos literários. Para os autores, essa é uma atitude equivocada, pois ambos os textos deveriam estar presentes da mesma forma na instituição de ensino.

Bortolin (2010, p. 115) ressalta que “o bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos e eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca”. A autora confirma a importância da leitura, assim como Almeida Junior (2007) para o processo de aprendizado, da construção do conhecimento e da apropriação da informação.

Destaca-se o entendimento de Almeida, Costa e Pinheiro (2012), para quem:

Mediar à leitura, portanto, é mais do que ler um livro e indicá-lo para outros leitores. Para que ocorra a mediação da leitura é necessário tornar a história interessante para o leitor, discuti-la, fazer questionamentos, mostrar os benefícios que a leitura oferece e o poder de transformação que ela tem na vida das pessoas. [...] O bibliotecário precisa conhecer seus usuários e acompanhar as preferências literárias de cada leitor, procura estratégias para satisfazê-las e, assim, formar leitores, dispensando as leituras impostas, é preciso respeitar as opiniões e o gosto. Não se formam leitores com obrigações e cobranças. Sabe-se que esse tipo de atitude, pelo contrário, faz com que o sujeito se afaste ainda mais da leitura. (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012, p. 477).

A mediação de leitura planejada, considerando como fundamental o espaço da biblioteca para realização de trabalhos direcionados à leitura e à escrita de alunos na formação leitora, proporcionará um aprendizado significativo, amplo, com recursos lúdicos e interessantes. Dessa maneira, é fundamental que o processo de formação de mediadores de leitura pressupõe a capacitação de profissionais da informação, também como sujeitos leitores. Atuando como leitores e escritores do mundo a partir da inserção e da interpretação de suas próprias realidades, estarão, também, ampliando seus horizontes, conhecimentos e capacidades de compreensão leitora e de escrita através das linguagens artísticas e do acesso aos saberes e à produção cultural universal. A mediação explicitada aqui leva em conta fatores extrínsecos e intrínsecos, relativos ao objeto, ao sujeito e ao agente da leitura: o texto, o leitor e o mediador (RASTELI, 2013).

Apropriar-se das práticas das mediações, significa também tornar-se divulgador das informações, da literatura, dos processos de construção do conhecimento e da criação de significados nas mediações leitoras, que remetem a um entendimento de todo um contexto social do leitor, conforme proposto por Rasteli (2013). O mediador bibliotecário é considerado pela pesquisadora como um sujeito capaz de interferir na interação do leitor com a leitura e a informação, seja ela política, cultural ou social.

Rasteli (2013) acredita que a mediação de leitura caminha para questões que sempre estiveram presentes no campo de estudos da cultura, informação, comunicação e conhecimento: “ao recusar a transparência, ela mostra o quanto os dispositivos de comunicação/informação, a estruturação dos lugares, textos, espaços e acervos influenciam as interpretações e produzem objetos mistos e portadores de sentidos” (RASTELI, 2013, p.27). A mediação, nesse contexto, é vista como uma oportunidade de diálogos entre leitores no sentido de expelir sua visão do texto.

No campo da Ciência da Informação, a mediação de leitura é compreendida por meio de aspectos que:

Expressam inquietações da Ciência da Informação (CI), em conceber as bibliotecas como espaços de apropriação cultural, de informação, portanto, de conhecimento e desenvolvimento da leitura e, conseqüentemente, de transformação social. É notório que não basta saber ler, tem-se que desenvolver a capacidade de usar a competência para a leitura no cotidiano, mediante a compreensão do que é lido. Portanto, as práticas de leitura devem desenvolver formas satisfatórias e as habilidades necessárias ao uso do conhecimento para entender, compreender e apreender. (RASTELI, 2013, p. 15).

Desse modo, as ações de mediação da leitura são vistas:

Como processos de inclusão cultural e de emancipação de grupos e indivíduos. Percebidas também como práticas essencialmente sociais e culturais, a leitura e a escrita apresentam duas faces distintas, mas inseparáveis, de um mesmo fenômeno, que expressam a multiplicidade de visões de mundo, interpretações que se reportam a amplos contextos. Constituem, assim, elementos fundamentais para a construção de sociedades democráticas, baseadas na diversidade, na pluralidade e no exercício da cidadania. (RASTELI, 2013, p. 54).

Carvalho (2016) reflete que os mediadores de leitura — seja o professor, seja o bibliotecário — perpassam por incertezas ao decidir responder às necessidades e expectativas imediatas do educando, com respostas objetivas e textos informativos. O mediador deve ser capacitado para realizar a mediação de leitura, pois o leitor não consome de forma passiva um texto, mas apropria-se, interpreta-o, altera seu sentido a partir dos conhecimentos prévios que tem, construindo sua própria leitura. Para a autora, os mediadores de leitura devem levar essa prática como “algo neutro, universal e obrigatório, independentes das circunstâncias históricos/sociais de cada aluno, abandonados pela educação mais tradicional, reforçam, ao invés de combater, a distância entre os jovens depossuídos e os herdeiros de um capital intelectual” (CARVALHO, 2016, p. 106). Deve-se

ter também o cuidado para que a leitura não passe de um gesto asséptico de alienação e conformismo, e sim de questionamento para os leitores.

Carvalho (2016) salienta que o papel mais importante do mediador de leitura é facilitar, para crianças e jovens, textos de qualidade, sem apelar para a sedução invasiva e a demagogia, e assim, oferecer aos leitores encontros e descobertas de algo que fale especialmente com eles a partir do acaso.

Amaro (2017) acredita que a mediação de leitura em junção com um acervo qualificado em literatura, disponível aos leitores, pode contribuir para o acesso democrático à informação e, em consequência, uma melhor qualidade de vida por tornar-se o sujeito informado, podendo estimular o pensamento crítico, a criatividade e o prazer pela leitura.

Para a pedagoga Farias (2017, p.40), o espaço da biblioteca “cria opções de aprendizado através de projetos, elegendo a mediação de leitura, propicia um vínculo entre o leitor, o mediador e os livros”. Isso pode traduzir a interação e o incentivo à leitura, junto à troca de conhecimento, às descobertas que vão acontecendo com maior liberdade entre os leitores. A autora ressalta, ainda, que a intervenção do mediador de leitura apresenta-se como essencial no processo de incentivo à leitura.

O bibliotecário mediador tem uma função social essencial na formação do leitor, ao interpretar os conteúdos informacionais que se encontram em sua unidade de informação, na tentativa de tornar mais acessível ao usuário as informações que demanda. Esse profissional torna-se ouvinte do leitor e passa a conhecê-lo melhor, possibilitando o trabalho de mediar e incentivar a leitura de forma mais efetiva, não só pela literatura, de ficção, mas pela leitura da sociedade. Os mediadores, ao incentivar a leitura, podem provocar no leitor o processo de apropriação do texto e da informação, por meio de novas alternativas de leitura, propiciando uma aproximação dos alunos ao conhecimento.

Para Rodrigues (2007), o olhar do bibliotecário precisa abranger e trabalhar a atitude educativa da leitura, auxiliando os sujeitos leitores a refletir, a compreender, a descobrir e a inteirar-se socialmente no mundo. Já Barros (1986), espera que o bibliotecário tenha competência técnica, não seja passivo em seu trabalho, assuma uma postura política, acumule cultura, exerça a autocrítica, não seja um mero guardião de livros e respeite o leitor, muito mais carente de saber do que de técnicas.

Esse profissional tem responsabilidade para com a escola e sua função de “mediador favorece, entre outros aspectos, a seleção, organização, disponibilização do acervo/informações e intervenção nas práticas de leitura no ambiente em que atua, também contribuindo na formação de leitores” (BICHERI, ALMEIDA JUNIOR, 2013 p. 44). Assim como, para a educação do usuário no trato com a biblioteca como um todo

É imprescindível que, independentemente do ambiente e de influências educacionais, políticas, sociais e culturais, o bibliotecário seja, antes de tudo, um leitor. Um

leitor incondicional e permanente dos assuntos ligados à sua área profissional, de atuação específica e, também, de modo geral, a temas referentes às questões sociais, políticas e econômicas de maneira a atuar de forma relevante e competente em seu meio, procurando sempre redimensionar suas atividades de acordo com a realidade, mudanças e necessidades de sua comunidade (BICHERI, ALMEIDA JUNIOR, 2013 p. 44). Além disso, deve ser consciente em relação a seu papel de mediador, agente social, crítico e transformador na sociedade.

Almeida Junior (2006, p.53-54), discorrendo sobre a postura do bibliotecário escolar, menciona que:

O bibliotecário adequado é aquele que [...] está em constante questionamento; [...] que procura conhecer sua área de atuação; [...] que tem consciência de que o usuário é seu fim último; que sabe que as informações com as quais lida não são neutras e imparciais; que está sempre procurando conhecer os motivos que há por trás de suas ações; [...] que sabe que a informação é imprescindível para a formação do cidadão. O bibliotecário escolar é aquele que reconhece sua profissão como importante e necessária para a sociedade e se reconhece como um agente de transformação social. [...]

O bibliotecário escolar, como mediador, deve estar “inserido na comunidade escolar, conhecer e participar das propostas curriculares e fazer da biblioteca um espaço integrado à escola, proporcionando momentos de descoberta, alegria, criatividade, reflexões, debates, questionamentos, aprendizagem e prazer, entre outros” (BICHERI, ALMEIDA JUNIOR, 2013, p 47). Acredita-se que colaborar para a formação do cidadão é atitude que faz do bibliotecário escolar um importante agente de transformação social.

3.3 COLABORAÇÃO ENTRE BIBLIOTECÁRIO E PROFESSOR

Compete ao professor e ao bibliotecário estabelecer uma parceria, unindo esforços, imaginação e criatividade em várias atividades, para esse fim, que é trabalhar em conjunto em prol do aprendizado do aluno. Conforme Silva (2003 p.91-92):

[...] cabe a esses dois profissionais — professor e bibliotecário — ler e fazer ler. Repetindo: cabe ler e fazer ler. Isso quer dizer que, para abraçar qualquer dessas duas profissões, o sujeito tem que ser leitor, encarnando em si as práticas de leitura como um valor absoluto e, por ter que fazer ler, tem que projetar e inculcar esse valor em todos os membros da sua comunidade através de projetos, programas e ações. [...] Quando os dois (professor e bibliotecário), atuando junto, constroem boas estradas para que o leitor efetivamente dialogue assiduamente com esse “mestre dos mestres” [livro], ou seja, com aquele que por si só ensina sem a intermediação de mais ninguém, então resultará desse processo a inserção da criança e do jovem num outro patamar sócio-educacional, qual seja o patamar da independência e autonomia em leitura.

Ainda Silva (1991) acredita na parceria entre o profissional atuante em biblioteca escolar e o professor quando se trata de leitura, cada um em uma função específica: o primeiro deve priorizar as condições para que a criança aprenda a ler e o segundo deve

estar integrado ao professor, cooperando para que a criança desenvolva suas capacidades de leitura e pratique em sua vida “o ler para aprender”.

Para Oss-Emer, Trevisol Neto e Chagas (2016), a interação entre professores e bibliotecários escolares deve ser fortalecida para que se e em todas as disciplinas do currículo escolar, constituindo um trabalho de mediação da leitura e, em consequência, a formação de leitores competentes. Tanto o bibliotecário quanto o professor precisam ter conhecimento de alguns pontos sobre a leitura e ter em mente que tipo de leitura que querem promover: a leitura técnica (o leitor) ou a leitura crítica, reflexiva (o leitor); a leitura como meio ou como fim; formar o gosto pela leitura e por meio dele construir outras leituras?

Os projetos de leitura devem facilitar a relação entre o aluno, o leitor e o texto. Portanto, além de conhecer aspectos e materiais da escrita, da arte e da leitura, dos processos de ensino, do projeto pedagógico, da cultura e da sociedade, é impreterível que o mediador conheça a comunidade escolar, pois é com/para ela que se devem desenvolver os projetos.

Professor e bibliotecário, trabalhando juntos, devem buscar mais informações e objetivos. Porém, cada qual terá responsabilidades e atividades específicas, empenhando-se no que sua formação e experiência permitem fazer melhor. Silva (1988, p.5) discorre um pouco sobre uma suposta divisão de responsabilidade: “sem querer cair no radicalismo em termos de divisão social do trabalho, percebo especificamente [posturas] nítidas no trabalho escolar e no trabalho das bibliotecas”. O bibliotecário, como já mencionado, tem sua participação na formação do leitor e no prazer da leitura, desprendida da cobrança de leitura para aquisição de conteúdos ou normas gramaticais. Mas deve se prender a outros fatores que possibilitem um diálogo com o professor, para que as ações de mediação e incentivo à leitura possam ser efetivas.

Algumas escolas não possuem estrutura e número de funcionários suficientes para a realização de grandes e arrojados projetos, mas o importante é que sejam desenvolvidas atividades planejadas com empenho, conhecimento e criatividade, de acordo com seus recursos e possibilidades, para que não se percam no meio do caminho sem atingir os necessários objetivos propostos.

É preciso que a biblioteca escolar estabeleça uma interlocução com as teorias da educação e a comunidade escolar: professores, alunos e diretores, de forma que o espaço dedicado à biblioteca não se isole com ideias ilhadas, mas que dialogue de forma clara e horizontal com os preceitos pedagógicos (MARTINS; REIS, 2017, p. 896).

Macedo (2007) reitera que bibliotecários e professores são educadores e têm a missão de colaborar com a formação de leitores. Ambos necessitam de capacitação para atuarem nessa função. O bibliotecário precisa de conhecimentos sobre a nobre função de educar e o professor ter conhecimento sobre a biblioteca. Para a autora, as ações desses

profissionais devem levar os leitores a criar competências desde cedo para “re-pensar o que leem, interpretar e a discutir em grupo, de modo mais crítico e imaginativo” Macedo (2007, p.51).

O bibliotecário escolar (leitor, mediador e educador), inserido em sua comunidade, tem como uma de suas atividades participar do projeto pedagógico “atuando junto a professores, alunos, funcionários e familiares de alunos, num trabalho de cooperação e participação, de forma a tornar a biblioteca escolar um espaço dinâmico na escola, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem” (BICHEIRI; ALMEIDA JUNIOR, 2013, p.44). Este profissional torna-se ouvinte do leitor e passa a conhecê-lo melhor, podendo possibilitar o trabalho de mediar e incentivar a leitura de forma mais efetiva, não só pela literatura de ficção, mas pela leitura da sociedade. Com base em Soares (2009), assim como os desdobramentos de letramento literário, o letramento visual ajuda a estabelecer estratégias de orientação de leitura. Na perspectiva do letramento, o sujeito que aprendeu a ler não apenas lê e escreve, mas é capaz de utilizar-se da leitura e da escrita para interagir criticamente com o seu meio social. Ampliando esse raciocínio, entende-se que o acesso à leitura literária de qualidade leva o indivíduo ainda mais longe: permite-lhe conhecer a si mesmo e ao universo do qual faz parte sendo, pois, decisiva para o seu enriquecimento social, afetivo, ético e estético. Em outras palavras, à literatura, como de resto a qualquer forma de arte, cabe um papel potencialmente humanizador do sujeito leitor.

Para Martins e Bortolin (2006), o bibliotecário se encontra mais próximo dos pedagogos e demais educadores, pois sobre ele recai a preocupação em dividir a responsabilidade de educar e de apoiar a escola no cumprimento do seu Projeto Político Pedagógico. Sendo assim, “esse gênero de bibliotecário, além de conhecer as técnicas que lhe foram transmitidas durante sua formação, deve apresentar qualidades que o possibilite promover de fato a leitura” (MARTINS; BORTOLIN, 2006, p.35). Outra função do bibliotecário é unir-se ao professor e demais membros da comunidade escolar, fazendo-se conhecer e colocando à disposição seu conhecimento, interesse, habilidade e competência. Mas, por outro lado, também o bibliotecário, a princípio, não conhece a parte pedagógica e, por isso, precisa inteirar-se da área educacional, adquirindo novos conhecimentos por meio de leituras, encontros e conversas com educadores, reuniões, palestras, cursos, entre outros. Enfim, este é um dos momentos em que o bibliotecário deve praticar a autocrítica e cumprir com a necessária educação continuada.

Ao se refletir com o pensamento de Orlandi (2012), ressalta-se qual seria a contribuição do bibliotecário nas atividades de leitura: em relação às leituras previstas para um texto, seria modificar as condições de produção de leituras do sujeito leitor, dando oportunidade para que ele construa sua história de leituras, estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto, sem

obstruir o curso da história desses sentidos.

O bibliotecário é o sujeito capaz de possibilitar a transformação social por meio da educação, devendo buscar parcerias que auxiliem na formação do leitor. Como exemplo, tem-se o incentivo da família como base diferencial que facilita esse processo do gosto literário do sujeito desde a infância e sua formação em leitura. Acredita-se que ambiente determina as ações que os sujeitos realizarão.

O ato de ler foi de tal forma se afastando da prática individual que a tarefa que hoje se solicita de profissionais da leitura, como professores, bibliotecários e animadores culturais, é exorcizar o risco da alienação, muito embora tais profissionais possam acabar constituindo um elo a mais, e agora inevitável, na cadeia de mediadores que se interpõe entre o leitor e o significado do texto.

O bibliotecário deve difundir e divulgar a importância da biblioteca como unidade de preservação, que ativa o conhecimento, estimulando a leitura. Uma biblioteca não é um apêndice de uma instituição educacional, ela é a própria escola, pois é lá que os usuários podem encontrar tudo aquilo que precisam para sua formação acadêmica e cidadã, por intermédio de suas leituras. A biblioteca possibilita acesso à leitura e às informações para dar respostas e suscitar perguntas aos educandos, configurando-se uma instituição cuja tarefa centra-se não só na formação do educando, como também no apoio informacional ao pessoal docente para atender a essas premissas. A biblioteca precisa ser entendida como um espaço demonstrativo no qual interajam usuários e informação. Esse espaço democrático pode ser circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo.

Pereira e Campello (2016) confirmam que há evidências de que a colaboração entre o bibliotecário e o professor é essencial para o desenvolvimento da aprendizagem da leitura na biblioteca. As autoras desenvolvem um estudo baseado na análise textual de artigos de Montiel-Overall e colaboradores, publicados entre 2005 e 2013, que descrevem o modelo *Teacher-Librarian Collaboration* (TLC), cujos resultados apontam que o trabalho da autora e seus colaboradores trazem contribuições úteis que podem ajudar a melhorar a pesquisa sobre o tema no Brasil. A pesquisadora explica que o modelo utiliza níveis de categorias de colaboração entre o bibliotecário e o professor a partir de coordenação, cooperação, instrução integrada e currículo integrado, para entender como ocorre o processo de colaboração professor/bibliotecário.

A coordenação envolve práticas de colaboração simples, como agendar horário de uso da biblioteca, focando mais na eficiência do que na aprendizagem. A cooperação implica um nível mais alto de intencionalidade e requer mais do que fazer as coisas certas, mas, também, saber trabalhar com o outro, ambos guiados por um propósito comum, como compartilhar responsabilidades em projetos desenvolvidos por estudantes. O bibliotecário

pode ser um apoio para o professor ao selecionar materiais para uso em sala de aula. Já na instrução integrada o bibliotecário e o professor estão focados no planejamento e implementação de ações que visam à aprendizagem, com base tanto em conteúdos curriculares quanto em habilidades informacionais. Dessa forma, a parceria permite produzir experiências significativas de aprendizagem para os estudantes. E o currículo integrado ocorre quando as práticas de colaboração atingem total articulação com as atividades da biblioteca e com o currículo, envolvendo todos os professores. O bibliotecário vai desenvolver as atividades da biblioteca que integram a base do currículo a partir do planejamento, implementação e avaliação em conjunto com o professor. A direção tem o papel de proporcionar espaço para a colaboração e enxergar o bibliotecário como um educador.

Pereira e Campello (2016) entendem a colaboração a partir da conceituação de Montiel-Overall, como uma relação de trabalho baseada na confiança entre os agentes colaboradores, com igualdade de condições, ideias, planejamento e criação compartilhada das ações de aprendizagem da biblioteca, a fim de alcançar a efetividade da aprendizagem.

A temática colaboração bibliotecário-professor já vem sendo estudado nos EUA desde a década de 1940. Em 1999, o Manifesto da IFLA/UNESCO consolida a questão ao entender que o trabalho conjunto dos dois profissionais influencia no melhor desempenho dos estudantes na área de “leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação” (IFLA/UNESCO, 1999).

Todo esse processo é permeado pela ênfase dada ao papel educativo do bibliotecário em junção com a competência informacional, para lidar com a nova demanda de implementar nas escolas o ensino de habilidades informacionais, por meio do conhecimento do bibliotecário e do professor. As pesquisadoras Pereira e Campello (2016) refletem que as pesquisas se limitam a registrar a importância da participação do professor nas ações da biblioteca, mas que são poucas as ações que são integradas com o fazer do bibliotecário.

O bibliotecário como mediador social deve utilizar da biblioteca com todas as possibilidades que essa unidade de informação e formação permite. Sendo um lugar de guarda, preservação, organização e disseminação do conhecimento de um povo, nesse ambiente o leitor poderá ter contato com o saber que lhe permitirá a efetivação da formação cultural, social e identitária, proporcionando um conhecimento da realidade sociocultural que lhe possibilitará tomar decisões mais assertivas em sua vida. Ao bibliotecário cabe, ainda, tornar possível o acesso à informação, de forma eficaz, a esse leitor do mundo.

Relembrando que, para que todo esse processo de acesso à leitura e à informação possa se concretizar, é necessário que haja políticas públicas efetivas, estruturadas no sentido de formar profissionais que serão mediadores nos espaços e

ambientes de acesso à leitura e a informação, reorientadas para a formação de um cidadão capaz de exercer seus direitos sociais e políticos de maneira consciente.

No próximo capítulo será abordado o percurso metodológico adotado na pesquisa, bem como os sujeitos, a amostra e o campo de estudo. Em seguida, são descritas as técnicas e instrumentos para a construção dos dados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa e contempla um recorte referente às bibliotecas escolares da rede pública municipal e a privada. O intuito foi de identificar e analisar as ações de mediação e incentivo à leitura desenvolvidas nessas bibliotecas; verificar o desenvolvimento de trabalho em equipe com a participação de professores e bibliotecários no processo de mediação e incentivo à leitura; e, por fim, mas não menos importante, investigar as competências em informação que o bibliotecário utiliza para desenvolver a formação de leitores aptos a se inserirem e exercerem uma participação de forma mais ativa e consciente na sociedade.

Minayo (2009) compreende que a pesquisa qualitativa fornece respostas a questões muito específicas, sobretudo, nas Ciências Sociais, com um nível de fatos que não pode ou não deveria ser quantificado. O trabalho científico em pesquisa qualitativa perpassa por três etapas: a fase exploratória; o trabalho de campo; a análise e o tratamento do material empírico e documental.

Já Angrosino (2009) apresenta algumas características da investigação qualitativa com o objetivo de entender, descrever e, às vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de um olhar para as práticas dos profissionais, em conjunto com a observação e o registro de ações de interação.

Quando existe um interesse menor na particularidade do caso e maior na possibilidade de compreensão de um determinado tema, como a mediação e incentivo à leitura como nos estudos de caso do tipo instrumental, existe uma tendência a realizar mais de um estudo de caso (DENZIN; LINCOLN, 2005). Nessa situação, as pesquisas são denominadas estudo de casos múltiplos, que consistem em uma investigação de caso instrumental estendido a vários contextos. Os casos escolhidos podem ser similares ou não e ter redundância de determinada característica ou variedade, dependendo do interesse de pesquisa. “Uma vez que eles são escolhidos por acreditar que o entendimento deles levará a um melhor entendimento, talvez uma melhor teorização, estudando um grupo de casos” (DENZIN; LINCOLN, 2005, p. 445).

Nesse sentido, como estratégia de escolha dos casos estudados, foi realizada a seleção de três instituições de ensino, a saber: duas escolas públicas municipais e uma privada, localizadas em Belo Horizonte, Minas Gerais, as quais ofereceram abertura para a pesquisa, além de apresentarem, no dia a dia de trabalho, ações de mediação e incentivo à leitura.

A seguir, serão apresentados a definição da amostra, e o campo de estudo. Além disso, serão abordados os instrumentos utilizados para a coleta de dados, bem como a teoria para essa análise e os procedimentos éticos relacionados à pesquisa.

4.1 CAMPO DE ESTUDO

Apresentam-se, nesta subseção, os campos de estudos e as unidades de ensino em que as bibliotecas escolares estão interligadas, unidades essas que possibilitaram que a pesquisa se desenvolvesse em ambiente onde se compartilha aprendizado.

No primeiro momento, havia a pretensão em trabalhar com bibliotecas escolares das três modalidades de Ensino Municipal (EM), Estadual e Particular (EP). No entanto, na qualificação, foi levantada uma dúvida referente à presença do bibliotecário, atuando em bibliotecas escolares estaduais, pois a pesquisadora, naquele momento, havia recebido uma indicação de uma escola com tal possibilidade. Essa informação foi investigada em conversa por telefone com uma bibliotecária de formação, mas não estava mais atuando na escola estadual como bibliotecária e sim, designada como professora no uso da biblioteca. Além de formada em Biblioteconomia, ela é pedagoga e, atualmente, está vinculada a uma escola estadual na supervisão e em uma escola de recuperação de menor infrator.

O diálogo foi livre, sendo solicitado que informasse como era o trabalho dela na biblioteca e o ano em que foi designada para trabalhar nesse local. Segundo informações dessa profissional, a biblioteca não ficava aberta em tempo integral, pois ela precisava atender a sala de aula ou a secretaria, quando havia falta de pessoal. Naquela ocasião, não havia um trabalho contínuo, mas procurava desenvolver alguns projetos, por exemplo: a mala viajante, teatro como Branca de Neve, contação de histórias, dentre outros. A servidora não era adepta a trabalhos engessados; atuava de forma dinâmica e exercia atividades nesse setor por, aproximadamente, quatro horas diárias. Mesmo com empenho e dedicação, muitas dificuldades se manifestavam ao desenvolver as atividades, pois não havia apoio da Diretoria. A escola era detentora de um acervo diversificado que recebeu de doação da Lei de Incentivo à Leitura do Banco Itaú.

Acerca da estrutura e gestão do acervo, foi relatado que, nas bibliotecas estaduais, falta organização das coleções, e o trabalho da catalogação não pode ser considerado como o fim, mas o foco deve estar no aluno fazendo uso da biblioteca. Nessas instituições, de acordo com a professora, prioriza-se o contato com o aluno e o atendimento dele dentro da sala de aula.

Quanto à vinculação dos profissionais da Educação nas unidades escolares do Estado de Minas Gerais, foi mencionado que há uma rotatividade muito grande dos profissionais que atuam no Estado, o que dificulta o trabalho contínuo. Mesmo com esses obstáculos, e segundo relato, a entrevistada tentou desenvolver o “plano b” para levar a leitura para os alunos por meio de rodas de leituras, trabalhando com livros em datas comemorativas, retratando assuntos como *bullying*, divergências culturais, a consciência negra, refletindo o preconceito contra os gêneros, dentre outras atividades. Buscou cativar

os alunos na biblioteca, incentivando o empréstimo e a devolução dos livros, além de apresentá-los aos discentes, mostrando a localização das informações técnicas do material.

Ao atuar como substituta dos professores em sala de aula, procurava discutir livros a partir do contexto dos alunos, trabalhando a letra de músicas de funk, de modo a aproximar a atividade educativa com o gosto e a realidade do público. Utilizava histórias em quadrinho, filmes, histórias interativas para apresentar outras possibilidades de leitura aos alunos, de forma rápida, no intuito de não distraí-los. Buscava despertar neles o interesse pelo debate mediante o uso de histórias, pois acredita que os alunos precisam conhecer a leitura para serem cativados.

Inicialmente, a intenção da amostra de pesquisa era analisar uma biblioteca de escola pública municipal e estadual e uma particular. Como o Estado de Minas não possui em seu quadro de servidores o bibliotecário escolar, foi necessário criar uma nova estratégia para o desenvolvimento da pesquisa. A escola estadual foi substituída por mais uma unidade pertencente ao município de Belo Horizonte. Portanto, as escolas municipais, consideradas aqui MA e MB, e a escola Particular (EP) são os locais que abrigam as bibliotecas fonte de pesquisa desta investigação.

4.1.1 Escola Municipal

A Escola Pública MA, situada em um Bairro de classe média de Belo Horizonte, é uma instituição que atende cerca de 750 alunos do Ensino Fundamental I, II, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Supletivo, além de também abrigar a Biblioteca Polo¹. No período de julho a outubro de 2018, não havia sido designado um novo bibliotecário para essa escola. Em meados do mês de outubro, uma das possíveis entrevistadas afirmou que recebeu um telefonema de uma servidora da Prefeitura de Belo Horizonte, informando que ela iria responder, também, pela Biblioteca Polo.

No turno da manhã, a escola oferece aulas para os alunos do sexto ao nono ano, Fundamental II ou terceiro ciclo e a EJA. Pela tarde, essa unidade de ensino atende os discentes do primeiro ao quinto ano, Fundamental I ou primeiro e segundo ciclo, e, à noite, as aulas são para a EJA. Além dessas modalidades de ensino, a instituição atende o Programa Escola Integrada para alunos que optam por permanecer na escola em tempo integral, realizando atividades extras no contraturno.

A Escola Pública MB, localizada no bairro de classe média em Belo Horizonte, conta com as mesmas modalidades de ensino da MA para atender, aproximadamente, 1000 alunos de diversas classes sociais. A bibliotecária dessa unidade exerce carga horária de

¹ Biblioteca matriz, local em que o bibliotecário é lotado e acompanha mais quatro outras bibliotecas, com visitas regulares.

40 horas semanais, estando lotada nessa escola - denominada “Escola Polo” - de onde acompanha e assiste outras quatro bibliotecas, com visitas regulares.

Exclusivamente nessas escolas polo, as bibliotecas ficam abertas em alguns finais de semana, fazendo parte do programa de abertura das escolas para as comunidades. Em tais ocasiões, as bibliotecas ficam sob os cuidados de monitores contratados para esse fim e é permitida apenas leitura local, não havendo nenhum outro serviço na biblioteca (PAIVA, 2016, p. 129).

O número de professores aproxima-se de cinquenta, visto que alguns exercem, em certas ocasiões, a denominada extensão de jornada. O número de cargos é maior que o de professores, porque esse profissional, às vezes, atende à tarde no cargo dele e a extensão de jornada pela manhã. Então, há diferença no número de cargos e na quantidade de professores. A extensão de jornada é a dobra, como se fosse outro cargo, porém, um cargo não oficial; isso acontece em casos de afastamento de algum professor, ocorrência em que os demais podem substituí-lo.

Essas escolas fazem parte do Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte, interligadas à Secretária Municipal de Educação da mesma cidade (SMED). Contam com o Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RMEBH), criado em 1997, vinculado à Gerência de Coordenação de Política Pedagógica e de Formação (CCPF). Essa política orienta o trabalho nas 189 bibliotecas das escolas de Ensino Fundamental e na Biblioteca do Professor, com sede no prédio da SMED. Todas as escolas da Rede de Ensino Municipal de Belo Horizonte possuem bibliotecas, cujo trabalho é coordenado por bibliotecários, apoiados por auxiliares de biblioteca concursados e professores em readaptação funcional. Os acervos dessas bibliotecas são diversificados, atualizados e de qualidade, graças à verba própria, garantida pela Lei Orgânica do Município. Além disso, são gerenciados por uma política institucional de desenvolvimento de acervo (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2018). A nova política para Educação Municipal, baseada na Lei Municipal nº 11.132, de 18 de setembro de 2018, prevê que as bibliotecas estabeleçam um planejamento para crescimento do acervo por elas custodiado.

Segundo Paiva (2016), a capacitação dos profissionais do Programa de Bibliotecas é uma ação permanente. Desde o início dos trabalhos na Rede, os auxiliares participam de formação sobre o programa, a organização e a pesquisa da Biblioteca Escolar. Além disso, há encontros de profissionais, fóruns de integração da biblioteca com a sala de aula e cursos de Pós-Graduação oferecidos em parceria com Instituições de Ensino Superior.

Segundo Moreira (2014), a partir de 1994, foi apresentada uma nova proposta de ensino em Belo Horizonte, que valorizasse mais o ambiente da biblioteca, seu acervo, profissionais e a relação entre ensino, leitura e biblioteca. Era necessário fornecer novas respostas às demandas da sociedade e garantir os avanços dos direitos sociais do cidadão,

sendo que a escola plural foi pioneira na renovação pedagógica iniciada no Brasil nos anos 1970, que buscava uma revalorização do Ensino Fundamental e a reinterpretção do educando e da própria aprendizagem. As condições reais das bibliotecas não atendiam às necessidades da escola plural. Dessa forma, surgiram pressões para melhorarem as condições das bibliotecas, mas, apenas em 1997, incluiu-se, o programa de revitalização das bibliotecas com um caráter mais dinâmico para as que já existiam e para as que poderiam vir a ser criadas.

Nessa perspectiva, a biblioteca passaria a ser base para o processo educativo, como defende Campello (2016). No entanto, para Moreira (2014), a experiência inovadora envolvendo a biblioteca, bibliotecários e formadores de leitores na prática bibliotecária educativa e de formação do leitor em relação aos processos educativos da escola ainda é incipiente, fazendo-se necessário um envolvimento da equipe da biblioteca com a equipe pedagógica da escola. Assim, é possível utilizar a biblioteca em sua concepção de espaço múltiplo de cultura, ação pedagógica, produção do conhecimento e promoção de experiências criativas embasadas no projeto político pedagógico (BELO HORIZONTE, 2013).

Em 2010, foi aprovada a Lei Federal nº 12.224, que dispõe sobre a universalização de bibliotecas em instituições de ensino públicas e privadas até 2020, respeitando-se a profissão do bibliotecário. (BRASIL, 2010).

Nesse cenário, Félix (2014) observa que o Programa de Bibliotecas é uma política pública de gestão em processo de disputas curriculares, mas que recomendava a valorização da biblioteca, no intuito de que se tornasse cada vez mais efetiva em sua essência e que ampliasse o atendimento ao aluno, proporcionando melhores condições de uso desse espaço.

A Prefeitura de Belo Horizonte, visando atender à demanda da Lei Federal nº 12.224, sancionou, no dia 18 de setembro de 2018, a Lei Municipal nº 11.132, publicada no Diário Oficial da União (DOU), e que apresenta a nova configuração de cargos para a área da educação municipal. O antigo auxiliar de biblioteca passa a ser chamado de assistente administrativo em regime de 30 horas semanais, com base no atual posicionamento exercido, reservada a possibilidade de ascensão à tabela de 40 horas semanais, observando a demanda da unidade na qual ele estiver em exercício. Esse cargo teve uma fusão com o auxiliar de secretaria, o qual terá como atribuições a execução de atividades administrativas nas secretarias, bibliotecas e demais espaços da rede de educação, atendendo a comunidade escolar e local (BELO HORIZONTE, Lei nº 11.132, 2018).

Assim como esses cargos, a configuração do bibliotecário da Prefeitura de Belo Horizonte foi alterada e, de acordo com o sexto parágrafo da Lei Municipal nº 11.132, de 18 de setembro de 2018, o bibliotecário escolar tem como atribuições gerais a coordenação técnica da biblioteca, buscando integrá-la aos projetos político-pedagógicos do Município,

promovendo a sua utilização e a divulgação da leitura (BELO HORIZONTE, 2018). Além dessas atividades, o bibliotecário sênior coordenará os serviços referentes à Biblioteconomia em diversas unidades e auxiliará na implantação e gestão da Rede Municipal de Bibliotecas Públicas. Essa discussão será ampliada no capítulo destinado aos resultados da coleta de dados.

4.1.2 Escola Particular

O Colégio EP é uma unidade de ensino particular localizada em um bairro de classe média em Belo Horizonte, há mais de 55 anos trabalhando com Educação Infantil, Ensino Fundamental e, atualmente, com o Ensino Médio. A equipe de profissionais é formada por diretores (pedagógico e administrativo), supervisores, coordenadores, professores, bibliotecário e assistentes administrativos.

A instituição conta com, aproximadamente, 80 docentes e 800 discentes que são atendidos nos turnos da manhã e tarde. Essa escola desenvolve diversos projetos, dentre eles o Clube da Leitura que será apresentado no capítulo referente aos resultados da pesquisa. Há, também, o Projeto Literário para o Ensino Fundamental I (primeiro ao quinto), cujo objetivo é incentivar o gosto pela leitura, ampliar a oralidade, a imaginação e a sensibilidade. As atividades desse projeto acontecem uma vez ao ano, com um tema diferenciado que é estudado pelos alunos nas obras literárias indicadas. Com efeito, ao final do ano letivo, em uma Feira Literária, os alunos apresentam peças teatrais, musicais e declamações relacionadas aos livros lidos.

O Projeto Literário para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio ocorre a cada dois anos. O objetivo pedagógico dessa ação é o estudo dinâmico de obras literárias e o incremento das habilidades de interpretação e contextualização de textos e da realidade em que se vive, em diálogo com as artes cênicas, de modo a possibilitar novas vivências sociais e culturais. Ao término desse projeto, é organizado um espetáculo, com apresentação dos discentes para a comunidade escolar. Esse projeto não está incluído na análise de dados, pois, apesar de focar no incentivo à leitura, a temporalidade dele não atende os objetivos da pesquisa.

4.2 SUJEITOS DE PESQUISA E AMOSTRA

O estudo tomou por base uma amostra não probabilística, qual seja: a amostragem por julgamento. Nesse tipo de escolha estatística, classifica-se a amostra intencional, selecionando por interesse e responsabilidade do pesquisador (LAKATOS; MARCONI, 1996), complementando com a técnica de estudo de casos múltiplos.

O objetivo definido para esta pesquisa foi investigar ações de mediação e incentivo à leitura em seu modo de operar, ou agir, em bibliotecas escolares, visando detectar as características mais marcantes que podem colaborar para a formação de leitores. Para a escolha das unidades educacionais, definiu-se por selecionar bibliotecas que são reconhecidas por desenvolver atividades que se aproximam requisitos básicos sugeridos pelos estudos e publicações do GEBE. Em contato com algumas dessas bibliotecas, foram selecionadas as que se mostraram mais abertas para a pesquisa.

No planejamento inicial da pesquisa, pretendia-se entrevistar três bibliotecários e professores por eles indicados. Todavia — como em diversos percursos metodológicos, é comum a realidade não coincidir com o planejado — os sujeitos da pesquisa foram representados também, por membros da equipe das bibliotecas analisadas. Por meio da observação realizada nas bibliotecas e da conversa, *a priori*, com os bibliotecários, foram escolhidas, para serem entrevistadas, três bibliotecárias e oito professoras que desenvolvem projetos em conjunto com as atividades da biblioteca.

Na Escola MA, houve a seguinte questão: depois de várias conversas e até apresentação do roteiro da entrevista à bibliotecária responsável no início de 2018, no retorno ao local para efetivação da pesquisa, foi-nos informado que ela não trabalhava mais na biblioteca e ainda não havia sido substituída. Porém, como foi identificado que outros profissionais continuavam a desenvolver ações de incentivo à leitura e que, inclusive, havia um clube do livro voltado os alunos do Fundamental II, na instituição, decidiu-se continuar com esse campo de estudo. Apesar de não trabalhar mais na escola, foi possível contactá-la e discorrer sobre a temática da investigação.

Para identificar os sujeitos da pesquisa foram utilizadas siglas, com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados e também das instituições envolvidas, conforme figura 1.

FIGURA 1: Identificação dos sujeitos da pesquisa

SIGLAS	SIGNIFICADOS
EP1MA	Entrevistada Professora 1 Escola Municipal A
EP2MA	Entrevistada Professora 2 Escola Municipal A
EP3MA	Entrevistada Professora 3 Escola Municipal A
EBMB	Entrevistada Bibliotecária Escola Municipal B
E P1MB	Entrevistada Professora 1 Escola Municipal B
EP2MB	Entrevistada Professora 2 Escola Municipal B
EP3MB	Entrevistada Professora 3 Escola Municipal B
EB1EP	Entrevistada Bibliotecária Escola Particular
EB2EP	Entrevistada Bibliotecária Escola Particular
EP1EP	Entrevistada Professora 1 Escola Particular
EP2EP	Entrevistada Professora 2 Escola Particular

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

A EP1MA² é formada em Letras, especialista em História e Cultura Afro-Brasileira. Na escola MA, além dessa professora em readaptação funcional³, mais duas professoras atuantes na biblioteca participaram da amostra. O perfil das entrevistadas reflete nas seguintes características: - EP2MA: há 20 anos leciona na escola. Também formada em Letras, é coordenadora do Fundamental II pela manhã e professora de Português do quinto ano, à tarde; as respostas dela inter-relacionam com as duas funções que exerce; - EP3MA: há dez anos trabalhando nessa escola, é formada em Filosofia e Letras, com ênfase em Português e Francês; já atuou em escola privada, no Estado e em faculdades; é responsável pela disciplina de Português para o nono ano. Por fim, é importante esclarecer que as três entrevistadas trabalham no Projeto do Clube do Livro, que será apresentado no capítulo reservado à apuração dos resultados.

A escola MB foi escolhida devido à atuação da bibliotecária EBMB⁴. Mestre em Ciência da Informação pela UFMG, há 20 anos nessa biblioteca, com indicação a prêmios de bom exemplo por ações que desenvolve, como o incentivo à leitura. Após a primeira visita, essa servidora indicou alguns possíveis nomes para entrevista e, por meio das observações às ações de leitura na biblioteca, escolheu-se uma professora de História, EP1MB, que está na escola há 25 anos, formada em Pedagogia com especialização em Orientação Educacional, História da África, Cultura Afro-Brasileira, Gestão Escolar, além de desenvolver projetos com a equipe da biblioteca. A terceira entrevistada foi a coordenadora pedagógica EP2MB, cujo cargo lhe foi conferido há um ano, mas já atuou como professora dos anos iniciais do Fundamental I, pedagoga com especialização em Educação Inclusiva,

² Entrevistada professora da Escola MA.

³ Servidor que é aproveitado em outra função de trabalho, compatível com sua saúde física e mental.

⁴ Entrevistada bibliotecária da Escola MB.

Alfabetização e Letramento, e que atualmente, cursa Pós-Graduação em Mídia na Educação. A EP3MB, quarta entrevistada, é pedagoga com especialização em Orientação Educacional. Há um ano atua na biblioteca como contadora de história, por prazer e formação. A entrevistada tem dois livros publicados com essa temática e foi indicada pela bibliotecária e pela coordenadora pedagógica para participar da pesquisa. As observações foram fontes de comprovação da atuação da servidora em tela. A pesquisadora vivenciou um momento de preparação dessa servidora para contar histórias para alunos em sala de aula e acompanhou a orientação que foi realizada com os alunos do Projeto “Cosmo Visão Africana” com o sexto ano. Nessa ação, ela faz uma leitura orientada com os alunos sobre obras africanas, relacionando com exposições do Museu do Muquifu, que retratam a vida de mães negras de comunidades de Belo Horizonte.

Por fim, na EP, escolhida a partir de depoimentos da pesquisadora que conhecia a unidade e o projeto de incentivo à leitura, gerenciado pela orientadora inicial da dissertação⁵, foram entrevistadas duas bibliotecárias, pois uma saiu da escola durante a pesquisa porque foi aprovada em concurso público e a outra continuou de forma efetiva o trabalho da funcionária anterior. Ambas são graduadas pela UFMG. EB1EP⁶ atuou na instituição por cinco anos e EB2EP iniciou a trajetória há seis meses, interagindo com as professoras de História EP1EP⁷ e Produção de Texto EP2EP, as quais desenvolvem o Projeto “Clube da Leitura”, há nove anos na instituição. Ademais, EP2EP possui várias publicações condizentes ao Projeto, incluindo-se um livro e outro que está em fase de edição. Vinculada a essa escola, há 13 anos, a professora EP1EP é formada em História, com especialização em Psicopedagogia. Já, EP2EP é bacharel e licenciada em Filosofia; licenciada em Língua Portuguesa; mestre em Filosofia; doutoranda em Linguística; e atuou nessa escola por dez anos, mas continua como coordenadora do Clube da Leitura.

4.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Após apresentação da amostra e sujeitos da pesquisa, serão descritas, na subseção seguinte, informações sobre as técnicas de coletas de dados, e, no capítulo de apresentação dos resultados, serão expressos mais detalhes sobre as bibliotecas pesquisadas.

⁵ A professora que orientou a pesquisa no estágio inicial foi substituída, pois entrou de licença para tratamento à saúde.

⁶ Entrevistada bibliotecária 1 da EP.

⁷ Entrevistada professora da EP.

4.3.1 Observação

A observação foi realizada do ponto de vista etnográfico, que investiga os significados que os sujeitos conferem as suas próprias ações (GRANDA, 2017). Aliada à técnica de entrevista semiestruturada, a investigação não se limitou a descobrir quais ações são desenvolvidas na biblioteca, mas como são trabalhadas para incentivar o ato de ler.

A etnografia permite que o pesquisador entre em contato com o universo estudado, compartilhando o horizonte dos nativos sem, contudo, “atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento” (MAGNANI, 2009, p. 135).

A etnografia pode combinar vários métodos de coleta de dados como observação, participação, entrevistas mais ou menos formais, uso de documentos e outros traços de eventos pertencentes a essa técnica. Nem sempre um assunto relevante é acessível à etnografia e à observação participante. A amostragem, nesse contexto, é mais centrada no campo a ser pesquisado do que nas pessoas a serem selecionadas para a pesquisa (ANGROSINO, 2009).

Angrosino (2009) define a etnografia como “a arte e a ciência de descrever um grupo humano e suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30). É fundamental a inserção do pesquisador no grupo ou comunidade que se pretende estudar, por meio da observação participante, pois, somente partilhando as experiências vivenciadas no cotidiano do grupo, o pesquisador poderá compreender o contexto estudado.

A etnografia é muito mais do que uma questão de métodos; vai além das ações de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos ou manter um diário, por exemplo. Essas técnicas e processos podem integrar a etnografia, mas o que a define é “o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa” (GEERTZ, 2014, p. 4).

A observação pode ser entendida como o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com ferramentas de coleta de dados e registros com propósitos científicos (ANGROSINO, 2009). Interagindo com os sujeitos da pesquisa e com todo o ambiente, a observação possibilita a realização de uma descrição densa do fenômeno. O pesquisador pode compreender as singularidades do fenômeno e das relações ali estabelecidas.

No âmbito deste estudo, a pesquisadora realizou visitas esporádicas às escolas para formalizar a liberação da pesquisa. Como a direção das escolas MA e EP autorizaram, por escrito, a pesquisa em suas unidades desde setembro de 2017, as observações nessas instituições iniciaram em agosto de 2018 e finalizaram no início de novembro de 2018. Já na

escola MB, decorreu-se um mês de conversas e visitas, as quais eram agendadas de acordo com a disponibilidade da bibliotecária.

Ressalta-se que, nas escolas MA e EP, a responsável pela pesquisa pôde participar de atividades de incentivo à leitura, as quais serão informadas nas análises dos dados. Assim, as observações nas bibliotecas MA e EP podem ser consideradas participantes. Já em MB foi realizada a observação mais simples sem a participação direta da pesquisadora nas ações de mediação de leitura, uma vez que ela apenas acompanhou os processos de orientação, mediação e incentivo à leitura.

4.3.2 Entrevista

No contexto dos métodos etnográficos, a entrevista pode ser entendida como uma conversa combinada, conduzida pela observação que o entrevistador faz do sujeito pesquisado no ambiente *in loco* (no caso desta pesquisa, os profissionais da biblioteca e os professores, vinculados a escolas municipais e unidade educacional particular). Essa forma de coleta de dados “é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes” (ANGROSINO, 2009, p. 61). O objetivo da entrevista é sondar significados, explorar as nuances, captando o que está obscuro, e aliar as questões gerais sobre o que se quer saber. Desse modo, foram elaborados dois roteiros semelhantes para as entrevistas semiestruturadas, conforme descrito nos apêndices B e C (entrevista com os professores/ bibliotecários), respectivamente, com perguntas que refletiam a relação dos sujeitos com a leitura e com a biblioteca.

As entrevistas permitiram um aprofundamento do assunto abordado; na medida em que a conversa fluía, novos assuntos surgiam, o que estimulou o diálogo entre a entrevistadora e as entrevistadas. Como a pesquisadora possuía o conhecimento *a priori* do campo de estudo pelas observações realizadas ao longo das visitas, isso permitiu uma interação maior com o pessoal envolvido na pesquisa e facilitou o desenvolvimento da entrevista, pois, quando o entrevistado não falava, por exemplo, de alguma ação que a pesquisadora observou, a entrevista em profundidade possibilitou que a entrevistadora inserisse o assunto no contexto da investigação. Para Barbosa (2017, p. 63), “em entrevistas semiestruturadas, o entrevistador tem a oportunidade de acrescentar novas perguntas a partir de algumas respostas”. Esse é um ponto positivo desse instrumento de coleta de dados.

No entanto, como todo procedimento de coleta de dados, as entrevistas também apresentam desvantagens, por exemplo, a possibilidade de distorção e a probabilidade de o entrevistador emitir opiniões afetando as respostas do entrevistado (CUNHA, 1982). Mas, a

possibilidade de interação com os sujeitos da pesquisa permite um entendimento mais claro do objeto analisado.

Para minimizar essas questões, foi aplicado, em março de 2018, um pré-teste da entrevista para uma bibliotecária de uma escola federal que atende os níveis de ensino do Fundamental I e II. Essa estratégia teve o intuito de verificar a pertinência do roteiro da entrevista, se atenderia os objetivos da pesquisa. De acordo com as informações da entrevistada, a interação dos profissionais da biblioteca com os professores para desenvolver ações de incentivo e mediação de leitura estava começando a se desenvolver e que ela estava retornando de uma licença para capacitação em nível de Doutorado, refletindo sobre o processo de leitura no mundo contemporâneo em junção com os nativos digitais.

Além disso, houve a proposição de um rearranjo no roteiro de entrevista para que questões de cunho mais específico da estrutura da biblioteca fossem inserida nas primeiras perguntas. Dessa forma, entende-se que o pré-teste possibilitou a compreensão da melhor forma de aplicar essa ferramenta de coleta de dados para atender os objetivos da pesquisa.

Além de entrevistar os sujeitos de pesquisa *in loco*, ou seja, nas bibliotecas analisadas, na livraria Leitura, localizada no Shopping Cidade, uma entrevista foi realizada com uso de e-mail e da rede social *WhatsApp*, compartilhando informações sobre atividades relacionadas à mediação de leitura como cursos de capacitação, lançamento de livros e convites para participar de ações nas escolas como “Ir ao Cinema” e “Clube da Leitura”.

Por meio dessas entrevistas, pretendeu-se apreender com as falas dos sujeitos, o entendimento das ações de mediação da leitura em bibliotecas escolares. A entrevista foi elaborada com base no estudo da literatura da área como Carvalho (2005), Dumont (2006), Campello (2009), Almeida Júnior e Bortolin (2009), Felix (2014) e Amaro e Alencar (2017). Em linhas gerais, esses estudos apresentam pontos que devem ser considerados para se mediar leitura, por exemplo: - como ser leitor, - desenvolver um trabalho em equipe, - estimular o contato com o livro e o diálogo entre os leitores sobre assuntos diversos, - elaborar dinâmicas, - ler para o aluno, - relacionar a leitura com outras formas de se ler, como pela música, teatro e cinema, e - dar autonomia para que o leitor possa expor sua opinião e sua história de vida.

As onze entrevistas ocorreram no período de 21 de setembro a 09 de novembro de 2018, com a duração de 16 a 70 minutos. Os dados foram gravados e transcritos na íntegra. Nas transcrições, utilizou-se fonte arial, tamanho 11 e espaçamento 1.5 cm, totalizando 85 páginas de dados.

No decorrer das entrevistas, houve uma interação intensa entre a pesquisadora e as entrevistadas que, muitas vezes, antecipavam as respostas de várias perguntas.

Todavia, isso não se apresentou como algo negativo, pois quando foi questionado sobre um assunto do qual já havia sido abordado, os sujeitos da pesquisa foram conduzidos a se aprofundarem naquele tópico específico, de modo que fosse possível relatar com detalhes as experiências e percepções de cada um deles.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

De acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), órgão institucional da UFMG, é preciso aprovação desse órgão para os projetos de pesquisa, cuja “fonte primária de informação seja o ser humano, individual ou coletivamente, direta ou indiretamente – incluindo suas partes” (FERRAZ, 2018, p. 80). Em todas as pesquisas dessa natureza é necessária a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo que, neste estudo, o referido termo foi assinado pelos sujeitos, no ato da entrevista. O projeto de qualificação no todo foi avaliado pelo CEP, no período de 09 de julho a 23 de agosto de 2018, com parecer favorável à aplicação da pesquisa: Parecer Consubstanciado do CEP, número 2.395.603, em setembro de 2018, e o TCLE utilizado na pesquisa encontra-se no apêndice A.

4.5 ANÁLISE DE DADOS

No primeiro momento, foram realizadas conversas com os responsáveis pelas escolas expondo os objetivos da pesquisa. Após a aceitação da investigação nesses locais, as observações iniciaram-se em agosto de 2018 e as entrevistas em meados de setembro desse ano. O objetivo era: observar - tomar conhecimento das ações realizadas na biblioteca para trabalhar a leitura; entrevistar - com fins de relacionar os dados obtidos nessas duas ferramentas de coletas de dados; e continuar as observações - tendo em vista checar as informações adquiridas.

Nas bibliotecas das escolas MA e EP, as observações e entrevistas foram realizadas, conforme planejado, mas como a pesquisa sofreu algumas alterações no percurso da escola MB em que a observação não foi profunda, por isso não é adequado considerar a pesquisa totalmente etnográfica, pois o período em que a entrevistadora ficou em contato com o local não foi suficiente para caracterizar a observação participante como em MA e EP, que será retratado na apresentação dos resultados.

Os dados foram analisados do ponto de vista etnográfico, em que a pesquisadora emergiu no campo de estudos para acompanhar ações que continham o viés de incentivar e mediar à leitura. A partir das observações e das informações adquiridas pelas entrevistas semiestruturadas, foram criadas categorias e subcategorias, e, a partir de

pontos comuns, agruparam-se os dados para análise. Esses dados foram relacionados com o referencial teórico da pesquisa. Conforme salientado por Laville e Dione (1999), as categorias iniciais foram definidas *a priori*, de acordo com a literatura que conferiu embasamento a essa investigação e aos roteiros das entrevistas. As subcategorias refletem assuntos que estão nas entrelinhas das falas das entrevistadas. Isso permite que o pesquisador amplie seu campo de análise, contemplando dados relevantes da pesquisa (MOREIRA, 2014).

As entrevistas foram transcritas e agrupadas nas categorias e subcategorias correspondentes, conforme apresentado na figura 2.

FIGURA 2: Quadro de categorias e subcategorias de análise dos resultados das entrevistas

Categoria	Subcategoria	Descrição
Interação da coordenação pedagógica com a biblioteca	Interação com os professores	Trabalho em equipe
Projetos conjuntos	Intertextualidade	Pautados no incentivo e mediação à leitura; o texto referindo-se a outro.
Mediar, incentivar e promover leitura	Intertextualidade	Mediar leitura: ler o livro e indicá-lo para outros leitores, tornar a história interessante para o leitor, discuti-la, fazer questionamentos, mostrar os benefícios que a leitura oferece e o poder de transformação que tem; Promover: fomentar; Incentivar: estimular. ⁸ Na pesquisa adotamos a junção de mediar e incentivar a leitura.
Gosto pela leitura		Prazer pela leitura
Formação de leitores	Competência	Pelo exemplo, característica para ser formador de leitor.
Leitores Críticos		Questionadores, ler as entrelinhas do texto e relacionar com o seu contexto.
Relação com a leitura utilitária, informativa.		Utilitária: específica, um fim principal, por exemplo: escrita da tese; Informativa: tomar conhecimento de algo; Fruição: desfrutar com satisfação ou prazer
Leitor	Leituras atuais	Últimas leituras
Capacitação	Formação contínua	Cursos, leituras, autores.

Fonte: Desenvolvida pela autora, 2019.

⁸ <https://dicionario.priberam.org/promover>. Acesso em: 24 jan. 2018.

Em um segundo momento, os dados foram reanalisados à luz do entendimento do conceito de competência, perpassando pelo viés de autores como Doyle (1992), Campello (2009) e Bicheri e Almeida Junior (2013), ao defenderem que a pessoa, para ser competente em informação, precisa ser capaz de reconhecer a necessidade de informações, que acuradas e completas são base para planejar ações inteligentes e estar aberta a novos ensinamentos que vão integrar informações aos conhecimentos prévios de forma a pensar criticamente. Tudo isso favorecerá o desenvolver do trabalho efetivo de seleção das informações que vão contribuir para que as ações praticadas pelo bibliotecário sejam de qualidade e possibilitem o uso coerente da informação. Além disso, Dumont (2017) ressalta que saber ler requer proficiência e a competência informacional está arraigada no processo de se informar pela leitura, para que se dê a apropriação da informação.

Assim, investigou-se quais dessas competências em informação o bibliotecário utiliza em seu contexto de trabalho, nas ações de incentivo e mediação à leitura. Essas competências e ações bibliotecárias são explicadas no próximo capítulo de apresentação dos resultados.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Apresenta-se, a seguir, o resultado obtido mediante a aplicação da pesquisa de campo, contextualizando a fala dos sujeitos participantes, de acordo com as categorias expostas na figura 2. No primeiro momento, retrata-se a observação no que diz respeito à estrutura das bibliotecas que foram os locais em que as ações de mediação e incentivo à leitura aconteceram. Em seguida, são expostos os dados relacionados às observações e entrevistas, de acordo com as categorias de análise.

5.1 BIBLIOTECA DA ESCOLA MUNICIPAL A

Logo ao entrar na biblioteca, visualiza-se o mural com indicação de leituras. A equipe profissional que atua na biblioteca é composta por três auxiliares de bibliotecas e sete professores em readaptação funcional, distribuídos nos três turnos de trabalho. Percebeu-se que o grupo trabalha de forma proativa e está aberto ao trabalho em equipe com os professores, auxiliando a condução das aulas com a indicação de livros e vídeos relacionados ao conteúdo programático. Os profissionais da biblioteca atuam no planejamento do Clube do Livro (projeto de incentivo à leitura), acompanham a leitura dos alunos desta atividade e fazem a mediação entre o professor e possíveis palestrantes que vão participar de alguma atividade na biblioteca. Há um espaço agradável e aconchegante para leitura e acesso aos vídeos, sendo referência para as demais bibliotecas da RME-BH, conforme ilustrado na figura 3.

FIGURA 3: Espaço de leitura da biblioteca MA



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019.

O acervo é composto por, aproximadamente, 15 mil exemplares de livros, que se encontram organizados nos seguintes assuntos: literatura brasileira, literatura estrangeira, literatura infantil, literatura infanto-juvenil e livros paradidáticos (Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Grupos Étnico-Raciais, Educação, Ciências, Educação Sexual, Artes, História, Geografia, dentre outros). Além disso, há uma sessão de periódicos - jornais e revistas gerais e especializadas. O acervo está voltado, prioritariamente, para os alunos da escola, professores e funcionários administrativos. A biblioteca oferece empréstimos diários para os usuários dela e projetos institucionais que serão pontos de reflexão nas próximas subseções. O acervo é atualizado constantemente, por meio de compras, cuja verba é designada pelo município para as escolas.

5.2 BIBLIOTECA DA ESCOLA MUNICIPAL B

Essa biblioteca possui uma localização de destaque, pois se encontra na entrada da escola. O grupo funcional é formado por uma bibliotecária proativa, três auxiliares de biblioteca - um para cada turno - e uma professora em readaptação funcional.

O acervo é composto por gêneros diversificados da literatura didática e paradidática. O empréstimo desses documentos está voltado, prioritariamente, para os alunos da escola que perpassam do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental, além dos jovens e adultos da EJA. Os professores e funcionários administrativos fazem uso do espaço da biblioteca, aberta em período integral e sempre propositiva para trabalhar em parceria, principalmente, com os professores do primeiro e segundo ciclo (até o sexto ano).

FIGURA 4: Biblioteca da escola MB



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019.

As mudanças que estão acontecendo a partir da sanção da Lei Municipal nº 11.132, de 18 de setembro de 2018, têm deixado muitos bibliotecários da PBH preocupados com o desenvolvimento do trabalho que foi construído nos últimos anos. Isso pode ser confirmado em observação realizada na biblioteca da escola MB e na conversa inicial entre a pesquisadora e a bibliotecária dessa unidade, cujo relato retratou as preocupações frente a esse novo perfil de profissional que a prefeitura pretende definir como o desejado.

No contexto atual, os bibliotecários que atuam nas bibliotecas escolares do município de Belo Horizonte estão passando por mudanças, seja quanto às lotações ou quanto à atuação. A bibliotecária da escola MB discorre algumas questões que precisam ser repensadas para a sanção dessas alterações. A troca de mandatos e a designação de novos coordenadores, com consequente revisão das políticas públicas, causam conturbação e instabilidade no ambiente de trabalho dos bibliotecários da Prefeitura, podendo dificultar a efetividade das ações dos profissionais da rede.

A partir da sanção da lei, os bibliotecários serão divididos em duas categorias de profissionais: o pleno e o sênior. Nesse momento, há 35 bibliotecários seniores, e há possibilidade da abertura de concurso público para 380 vagas destinadas ao cargo de bibliotecários plenos, um profissional para cada escola. Esse número de vagas visa cumprir as determinações da Lei nº 12.224 de bibliotecários em bibliotecas escolares. Isso tem promovido julgamentos acerca da redução salarial, visto que a expectativa da prefeitura é que cada escola tenha um bibliotecário em médio prazo.

A bibliotecária da escola MB questiona quais serão as atribuições do bibliotecário sênior. A servidora percebe certa ruptura e o aparecimento de um novo paradigma, que reflete na existência de um bibliotecário com características técnicas, sobrepondo os objetivos de incentivo à leitura ou de letramento informacional. A lei não está clara ao caracterizar as funções desse profissional, e quando se fala em coordenação técnica, há um entendimento de que isso vai se sobrepor à função educativa da biblioteca escolar, função essa defendida por diversos estudiosos da área como Carvalho (2005), Campello (2009) e Soares (2009). Portanto, nesse momento de transição, o profissional fica inseguro com o que pode acontecer. Esse é o depoimento da bibliotecária da escola MB: o momento é esse e talvez os gestores da Educação Municipal estejam pensando uma nova forma de visualizar a biblioteca escolar, com ações menos efetivas do bibliotecário nas questões pedagógicas, atuando como coadjuvante e não como protagonista, e isso seja relevado a um segundo plano, ou seja, esse profissional será o apoiador da biblioteca tecnicamente perfeita.

Para a entrevistada, os bibliotecários da PBH passam por um momento muito vulnerável de repensar o papel deles dentro da escola e na estrutura da prefeitura também, e quando existem movimentos de rupturas, como esse, manifestam-se perigos, desafios e

oportunidades à classe, porque o profissional pode acabar perdendo o espaço que já conquistou. As mudanças são positivas no tocante à perspectiva do aumento no número de bibliotecários. Isso não pode ser descartado, mas segundo a entrevistada, o preço que se paga para isso, precisa ser avaliado, porque, na verdade, o bibliotecário terá que reconstruir/reinventar a forma de trabalho na biblioteca escolar.

Existe a preocupação, na visão da entrevistada EBMB, com o perfil do profissional que a prefeitura almeja: será um bibliotecário tecnicista e isso pode causar um afastamento imenso. Na verdade, a Secretaria de Educação esclarece para a escola que os bibliotecários são os técnicos que vão colocar as bibliotecas informatizadas.

Porque a informatização é muito útil, mas ela não forma leitores, ela faz o serviço ficar mais rápido, a prateleira mais organizada. Olha! A informatização não forma leitores, ela auxilia. Existem programas ótimos de organização de biblioteca mais voltados para o público de crianças e adolescência que consegue fazer essa junção do mundo tecnológico que é o que os meninos estão vivendo com livro impresso. Se em algum momento a gente conseguir isso, é muito legal, mas essa forma tecnicista, ela não pode passar por cima desse contato direto com o leitor, porque a gente não está falando de leitor e usuário de biblioteca universitária, não! E toda vez que ele vai lá é procurar o que ele quer, porque ele sabe o que ele quer; mesmo assim, esse perfil mudou muito, porque antes a gente escaneava as prateleiras para procurar o que a gente queria, dois ou três tipos de alguma coisa. Hoje, o usuário da biblioteca universitária fala “Eu quero esse livro aqui”, “Essas dez páginas que eu vou ler”, então até esse leitor está mudando; mas você não precisa necessariamente formar o leitor universitário. Só se ele vier com uma deficiência muito grande das escolas de Ensino Médio e Fundamental; isso é muito fácil de acontecer, mas o trabalho maior que a gente precisa fazer nas escolas públicas é conseguir esse diálogo com toda a comunidade escolar: alunos, professores, funcionários e pais do menino (EBMB, 2018).

A integração dos profissionais da biblioteca com a escola é essencial para o bom andamento dos projetos da biblioteca. Caso aconteça um isolamento do modo de trabalhar desses sujeitos, vai ser muito difícil eles se reintegrarem à escola. Segundo EBMB (2018), o bibliotecário técnico que eles estão buscando para ser a solução dos problemas de organização da Biblioteca Escolar, no momento em que isso se concretizar, vai ficar uma “beleza”, mas “quem será que pegará esse livro?”, porque quando se afasta do professor, do processo pedagógico, cria-se uma barreira, outra forma de lidar com a escola. A entrevistada acredita “que o caminho é inverso; na verdade, o bibliotecário tem que estar integrado com isso tudo e a prática do bibliotecário precisa ser a técnica e a pedagógica e, talvez, a pedagógica mais importante que a técnica” (EBMB, 2018).

No entendimento de EBMB a proposta da nova Secretaria de Educação de Belo Horizonte aponta que os bibliotecários escolares atentem para uma questão mais tecnicista, e isso não condiz com os objetivos da Biblioteca Escolar, de que o bibliotecário, em junção com o professor, seja educador, contribuindo com a formação do leitor.

Conforme discorrido pela entrevistada, todos os sujeitos que estão na escola têm o papel de educar, e ela inclusive cita uma frase dos africanos: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança, na escola a gente não precisa só do professor, todo mundo é educador, na escola e na vida” (EBMB, 2018).

As bibliotecas da PBH demandam do profissional técnico para o processamento dos materiais das unidades informacionais. Embora a informatização não tenha acontecido nos últimos anos, a entrevistada acredita que:

Esse tecnicismo, essa forma técnica de tratar a biblioteca está se sobrepondo às questões pedagógicas e eu acho que, nesse momento, não sei quais seriam as consequências disso a médio e a longo prazo. Abre mão da mediação, dessas coisas de incentivo à leitura para fazer uma biblioteca que esteja funcionando de forma técnica, ótima, (...), mas a gente não sabe se você abrir mão do bibliotecário para esse trabalho de mediação, não abrir mão, mas deslocá-lo mesmo que temporariamente, seja viável (EBMB, 2018).

A servidora vê essa perspectiva para o novo concurso, com certo receio por acreditar que há uma tendência de deslocar o bibliotecário dessa função de incentivo à leitura, mas essa é uma primeira impressão, que pode ser que não se concretize. Isso vai contra o que tem sido feito esses anos todos, e tudo que se tem estudado sobre a biblioteca escolar.

5.3 BIBLIOTECA DA ESCOLA PARTICULAR

A bibliotecária trabalha 44 horas semanais, atendendo alunos, professores, direção e editores. Em parceria com professores, desenvolve projetos de ensino e aprendizagem. Disponibiliza um acervo, em sua maioria de doação de alunos, editoras e professores, contendo livros de Literatura Infantil, Infantojuvenil, Brasileira e Estrangeira, Matemática, Português, Ciências, Geografia e História, além de Filosofia, Sociologia, Administração e Língua Estrangeira. Também há no acervo, coleção de periódicos correntes, materiais audiovisuais, atlas e mapas das principais áreas do conhecimento, para consulta e/ou empréstimo aos alunos e professores. A biblioteca abriga, ainda, o Projeto Clube da Leitura, que incentiva os alunos ao gosto pela leitura. Essa unidade de informação funciona de segunda a sexta-feira, das 7h10 às 12h30 e das 13h30 às 16h55, com intervalos das 8h30 às 8h45 e das 15h45 às 16h.

FIGURA 5: Biblioteca da Escola P



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019.

A rotina de trabalho da bibliotecária inclui as seguintes atividades: empréstimos e devolução de materiais do acervo com o auxílio de um menor aprendiz, catalogação de alguns títulos para inserção no acervo e atendimento às turmas do Fundamental I, do primeiro ao quinto ano que participam de aula de biblioteca, uma vez por semana. Os frequentadores da biblioteca solicitam empréstimos, devoluções, realizam contação de história e planejamento de projetos junto com professores. Ressalta-se que a interação da escola com representantes das editoras é feita pela biblioteca⁹. Além dessas atividades, a bibliotecária divulga as novidades editoriais para os professores e coordenadores da escola. Também, participa do Clube da Leitura como mediadora e realizava pesquisa para os professores, a coordenação da escola e para a direção.

5.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste subcapítulo, serão apresentadas as categorias de análise de acordo com as informações adquiridas no campo de pesquisa e definidas na figura 1. A análise se apoia e referencia o embasamento teórico da dissertação.

5.4.1 Interação da coordenação pedagógica com a biblioteca

No evento de comemoração do aniversário do Grupo de Estudos em Biblioteca

⁹ A biblioteca solicita e recebe materiais didáticos e paradidáticos das editoras, para encaminhar para análise da coordenação pedagógica, que irá escolher os livros que serão adotados pela escola.

Escolar - GEBE, uma das primeiras questões apontada e confirmada por Campello, inclusive por carta¹⁰ de Carol Kuhlthau enviada a esses pesquisadores da biblioteca escolar, é a importância de se trabalhar o papel educador do bibliotecário em conjunto com a direção, coordenação e docentes da unidade de ensino. O intercâmbio de ideias e ações entre esses profissionais foi muito instigado para obter a posição quanto ao assunto das entrevistadas nesta pesquisa. Ao solicitar que os sujeitos da pesquisa descrevessem como era a relação da comunidade pedagógica com a biblioteca, foram mencionadas as seguintes questões:

Conhecer os acervos da biblioteca¹¹ para incentivar os meus alunos a ler. Eu preciso **conhecer o trabalho da bibliotecária** para que eu possa criar projetos juntamente com ela. Então, **o ambiente, ele é muito acolhedor, ele estimula a leitura**. Mas, por parte da própria escola de criar programas de incentivos aos próprios professores, de conhecer o espaço, de utilizar o espaço, eu não percebo (EP1EP).

Pouco, **assim, principalmente, a gente não tem muito acesso a reuniões pedagógicas**, o que eles discutem; algumas professoras vêm e pedem sugestões de alguns livros, mas [...] **não somos tão efetivos assim, tão presentes no pedagógico, não!** (EB2EP).

A coordenadora do Ensino Fundamental II **não tinha uma interação na biblioteca** direta; era uma comunicação mais por e-mail (EB1EP).

Na escola particular, como se pôde observar a interação com a coordenação pedagógica é pouco efetiva; já nas escolas municipais o diálogo está acontecendo de forma mais ativa, sendo que na escola MA sente-se a necessidade de estreitar esse vínculo.

Existe sim, só que acho que precisa melhorar muito (EP1MA).

Interação tem ocorrido **mais entre professores e biblioteca** (EP2MA).

A **biblioteca aqui, nossa, é ótima!** [...] Vou trabalhar um livro de determinado autor. Se tem, às vezes, um vídeo, documentário ou trabalho lúdico que dá referência a esse livro, **as meninas estão sempre dispostas a ajudar** a encontrar e disponibilizar para os alunos (EP3MA).

Aqui, sim, a gente consegue ter **um diálogo muito bom com os professores, coordenadores**; a gente consegue fazer esse diálogo de propor projetos e se inserir nos projetos que estão sendo propostos pela direção, pela coordenação e pelos professores. Esse diálogo existe, mas **ele foi construído. Eu estou nessa escola há 15 anos**. Eu consigo ter esse diálogo, mas a cada ano que muda a gestão eu tenho que refazer todo esse diálogo (EBMB).

Bem, a interação é muito interessante; primeiro que as profissionais que trabalham aqui, elas têm **toda uma preocupação e um envolvimento com os alunos relacionados à questão da leitura**, de tornar público o acervo, não só para os alunos, mas **para os professores** (EP1MB).

Aqui, a **interação é muito bacana**, principalmente, questão **da História e Geografia com a professora** que participou da entrevista (EP2MB).

A gente sempre acha que a interação deveria ser maior, uma troca maior, mas essa troca acontece (EP3MB).

¹⁰ Carta lida pela professora Bernadete Campello, em encontro da comemoração do GEBE, portanto documento não publicado.

¹¹ No decorrer do texto optou-se por inserir o grifo nosso nas falas que julgamos mais expressivas.

Nomeou-se a subcategoria interação com os professores, pois, como destacado nos depoimentos citados, existe uma presença maior do professor do que da coordenação pedagógica nas bibliotecas escolares estudadas, inclusive, na maioria das unidades de ensino, temos a presença dos docentes de História que utilizam da literatura para ensinar os conteúdos e ir além desse objetivo que é proporcionar uma leitura prazerosa e ampla para o leitor. Essa constatação pode ser confirmada nos seguintes relatos:

[...] então! É um trabalho que é em conjunto **com o professor de História**. Deu muito certo com a professora de História, porque ela está disposta a fazer isso (EBMB).

Aqui vêm muitos professores. A professora de História não é a mediadora; e tem os professores de produção literária, produção de texto, aqui na escola, e Português são as que mais vêm que procuram, que conversam; tem outros que utilizam, igual o de professor de Matemática que toda sexta-feira está aqui, estudando, trabalhando. Quando eles querem um pouco mais de privacidade, de calma, eles vêm para a biblioteca (EB2EP).

História também, eles vão mais à biblioteca do que os professores de Português, diga-se, de passagem. E a professora de Artes, também (EB1EP).

A bibliotecária da escola MB ressalta a dificuldade que vem passando para interagir com os professores de Português, mas, como a profissional percebe a importância de trabalhar com os docentes, foi criada uma estratégia para desenvolver ações na biblioteca, em equipe com o servidor que queira assumir, de forma efetiva, a apropriação da biblioteca como espaço de aprendizagem.

Biblioteca é sempre muito aberta para trabalhar em parceria [...]. Mas, eu tenho realmente uma queixa, de uma coisa que espero realmente superar, que é achar um caminho de conversar com o professor de Português [...]. Isso é uma coisa muito pontual em si, é uma coisa desse momento. Eu já tive muitas parcerias boas com professores de Português [...]. Esses professores de Português que estão aqui agora, não se mostram leitores, eles não frequentam a biblioteca [...]. Eu propus alguns trabalhos para eles com o material da biblioteca e chegou um ponto deles pedirem aos alunos para virem à biblioteca e buscar o trabalho para desenvolver na sala de aula e não vir para a biblioteca. Eu fico até pensando se não é uma questão pessoal, acho que não é não [...]. O professor de Português, ele acha que a literatura é dele e que a biblioteca está como intrusa nessa relação dele com o aluno; só que, na verdade, se você não abre esse mundo da literatura, claro que ele consegue um livro ou outro para aquele menino ler, mas a **diversidade do que é estar na biblioteca**, trabalhar em conjunto com ela, estar retirando isso do menino e em uma situação que é atípica que é de ter uma biblioteca dentro da escola; isso é completamente atípico no Brasil. [...] Então, vamos por outros caminhos, [...] (EBMB).

Portanto, observou-se que há uma interação, mas pode ser considerada como estratégia pontual, sem planejamento formalizado em reuniões conjuntas com todos os membros da escola. Porém, há projetos que se destacam no incentivo e mediação à leitura de forma efetiva e planejada.

Torna-se necessário relatar que a bibliotecária da escola MA pode ser

classificada como uma “profissional tradicional”. Nos seus relatos, observou-se que tinha maior preocupação com o tratamento técnico, a organização e o desenvolvimento do acervo. Inclusive, preferia essas atividades a desenvolver projetos de mediação à leitura e ao entrosamento com a equipe pedagógica. Apesar disso, percebeu-se que a equipe, formada por não bibliotecários, havia assumido tais responsabilidades, por considerá-las essenciais para a biblioteca.

5.4.2 Projetos em conjunto

Com o objetivo de conhecer as ações desenvolvidas nas bibliotecas que tinham por intuito incentivar e mediar a leitura, a pesquisadora pôde acompanhar dois clubes da leitura referentes às escolas EP e MA, ambos gerenciados por bibliotecários e professores. Em linhas gerais, esses projetos encontram-se devidamente formalizados, disponíveis na instituição e publicados como relatos de experiências em eventos acadêmicos.

O Clube da Leitura da EP é um projeto criado há nove anos por iniciativa das professoras de Produção de Texto e História em junção com a bibliotecária. Mesmo com a troca de bibliotecárias nesse período, o projeto se manteve ativo com ações efetivas, como retrata uma entrevistada.

Eu sempre entendi a biblioteca como o ponto central da escola [...]. Eu sempre tive muita sorte com os profissionais da biblioteca, com os bibliotecários, porque, assim, **sempre acolheram muito bem minhas ideias**. [...] A biblioteca teve a sorte de serem bibliotecárias modernas no **sentido de permitir que as ações aconteçam** lá, de serem dinâmicas, chamativas para os jovens e adolescentes, serem atrativas (EP1EP).

Essas profissionais se reúnem, semanalmente, nas sextas-feiras, a cada quinze dias; o encontro é entre as mediadoras para discutir e planejar estratégias de incentivo e mediação da leitura dentro do ambiente da biblioteca, com os membros do Clube. Essa atividade desenvolvida na biblioteca é para os alunos do Fundamental II e do Ensino Médio. O grupo de, aproximadamente, 30 alunos se encontra, quinzenalmente, por duas horas, às sextas, depois do horário das aulas, das 11:40h às 13:40h, para compartilhar suas leituras.

As fomentadoras do projeto, sensibilizadas pelo gosto de ler, ainda restrito a um grupo de alunos da instituição EP, apesar de resistentes às leituras obrigatórias a outros livros indicados pelos professores de Português, mantiveram-se solícitas e desejaram diversificar e estimular as leituras. Diante dessa situação, as mediadoras colocaram-se à disposição para assumir o compromisso de converter a leitura prazerosa e comumente marginalizada, em uma leitura a ser realizada e discutida no ambiente da biblioteca. Isso implica em aproximar as ideias de literatura-escola-prazer (ABREU; BATISTA; OLIVEIRA, 2014).

Outro objetivo das mediadoras desse projeto é romper mitos e derrubar preconceitos que envolvem a literatura, fazendo com que os alunos descubram o prazer do texto. Elas acreditam que, ao valorizar a independência de leitura dos discentes, por meio do diálogo intertextual e orientado para uma leitura crítica e reflexiva em encontros agradáveis para compartilhar suas apreciações, é possível descobrir o prazer em uma diversidade de textos cada vez maior. O importante nessa ação de incentivo e mediação à leitura é que os alunos são livres para escolher o que vão ler, sem preconceitos (ABREU; BATISTA; OLIVEIRA, 2014).

Nas observações, pode-se perceber o papel da intertextualidade no desenvolvimento das atividades de mediação, conforme mencionado nos dados oriundos das entrevistas.

Você desperta nele ideias que ele não teve ao ler o livro; você vincula com outras obras; você faz **uma intertextualidade**; então, isso mostra ao aluno que a leitura é mais do que uma história que está contada ali, ela vem **carregada de significados** (EP1EP).

Hoje em dia, tem muitos livros que tem filme; então, você começa conversar sobre filme; você sabia que tem o livro; que a forma que trata é diferente; então, às vezes, alguma coisa que não completou no filme te deixou frustrada pode ter no livro (EB2EP).

Para o Clube, o bom texto é aquele que estimula a criatividade do leitor, desperta o interesse a outras leituras e que permite ao leitor experimentar a visão de mundo em junção com os personagens e ampliar essa visão, de acordo com a realidade. Essa ação se norteia em fundamentos teóricos buscados no campo atual da Sociologia da Leitura, que procura entender o desenvolvimento do gosto e da prática da leitura junto a crianças e jovens numa perspectiva centrada no sujeito interessado, a partir do conhecimento e do respeito ao contexto social desse sujeito, processo estimulado pelo mediador da leitura. Considerado um projeto institucional, o Clube da Leitura tem um caráter multidisciplinar, pois a leitura é retratada na visão da Filosofia, da Literatura, da História e da Biblioteconomia. Essa mediação combinada, integrada e contextualizada torna rico o diálogo entre os participantes do Clube da Leitura.

Agora o Clube da Leitura já é uma grande paixão, porque quando entrei lá fiquei apaixonada com ele. Muito bom! Os meninos **muito interessados** e a mediação feita pela equipe de 2013 **era muito pontual**. Então, com o tempo, aprendi que a gente chega, não sabe nada e vai aprendendo. Foi legal! Muito bom! (EP1EP).

A partir dessa contextualização, apresentam-se, a seguir, alguns depoimentos das entrevistadas sobre o Clube da Leitura que vai ao encontro com as colocações de Soares (2009) e Rasteli (2013). Esses autores frisam a importância das atividades de mediação e incentivo à leitura a serem planejadas e que profissionais da educação - em parceria com bibliotecários e demais colaboradores da biblioteca - se apropriem do espaço

da biblioteca para desenvolverem a formação do leitor por meio da leitura e da efetividade da escrita.

O clube da Leitura já é, assim, um caso a parte em que, a gente conseguiu **interagir com o leitor**; o aluno, enquanto leitor, nos procura, pedindo indicações e nós fazemos indicações para eles que são adequadas; eles gostam, desfrutam daquilo, assim, com gosto. **Então, é uma mediação de leitura que dá certo**, que quer pegar um leitor que realmente tem o prazer de ler, ler além da conta, do combinado na escola. Eu vejo a EP como ponto muito positivo pelo lado do Clube da Leitura; acho que é uma coisa bastante rica que tem lá e [...] é um trabalho bacana, que, assim, a gente vê que dá muitos frutos e maravilhosos. Os ex-alunos que saíram de lá como são e o que desenvolvem hoje, e a gente sabe que muito se deve ao fato de eles **serem leitores críticos**, que realmente gostam de ler. Atualmente, eu estou trabalhando na **prefeitura do interior e pretendo montar um clube da leitura lá** (EB1EP).

Pesquisadora: E o Clube da Leitura?

O Clube da leitura é o sonho (risos...) (EB2EP).

Elas viram a necessidade de ter uma **interação para os meninos começarem a ter gosto pela leitura; foi criado o clube** e é aberto a partir do sexto ano do Fundamental II; é um espaço para interação, **para conversa com os alunos sobre livros**; a gente coloca assuntos atuais, sugestões; eles dão sugestões de livros [...]. É um momento de interagir não só aqui na biblioteca, porque a gente não fica só aqui, mas tem fora também, cinema, teatro. Tudo que é programação [...] tem **esse cunho literário**. O Clube é o xodó do colégio; é onde eles investem, eles gostam, tem orgulho de ir para o Clube; tanto é que já está aí há anos (EB2EP).

A ideia de partilhar o que se tem lido vai ao encontro do pensamento de Soares (2009). Com o objetivo de compartilhar e incentivar leituras, o Clube da Leitura percebeu o interesse dos leitores em se tornar escritores. Para as mediadoras do projeto, essa não era a pretensão, porém “a intimidade da escrita trouxe essa grata surpresa” (ABREU; BATISTA; OLIVEIRA, 2014, p. 12). Por conseguinte, o projeto teve um livro publicado em 2014, e mais um em processo de edição.

A pesquisadora pôde acompanhar os encontros do Clube da Leitura de agosto a outubro de 2018. Na primeira reunião de planejamento, do segundo semestre desse ano, observou-se a seriedade das mediadoras ao programar os encontros. Pela entrevista em profundidade, percebeu-se que essa equipe tem propriedade para falar da leitura, pois são leitoras e estudiosas da área. No encontro inicial, elas criaram um plano para ser seguido a cada reunião e apresentaram atividades que seriam trabalhadas juntas com os alunos. Nessas atividades, incluíram-se ler um livro e ver um filme, tarefas que foram concretizadas no final de novembro de 2018, foi possível acompanhar vídeos, conversas e fotos pelas redes sociais relacionadas a essas ações, o que possibilitou a leitura do livro e da dramaturgia dos “Animais fantásticos: Crimes de Grindelwald”. A maioria dos alunos (representada por crianças e adolescentes) não havia lido o livro, mas, como o filme tinha uma relação com a saga Harry Potter, que, normalmente o público infanto-juvenil gosta muito, houve interesse dos participantes pela obra. Segundo a mediadora EP1EP, esse

filme é denso e complexo, devido ao grau de detalhes que possui. Assim, quem não leu o livro ficou um pouco perdido, ao passo que, para os discentes que estavam familiarizados com o assunto, houve interação com o filme.

As mediadoras inserem no Clube da Leitura o lado social de levar a leitura aos asilos e hospitais. Com esse propósito, programou-se uma visita ao hospital Mário Pena, juntamente com a professora de formação humana. Nessa ocasião, os membros do Clube declamaram uma poesia para os pacientes do hospital e conversaram com eles. No planejamento inicial das coordenadoras do projeto em tela, foi mencionado o desejo de realizarem o lançamento do segundo livro do Clube da Leitura, ilustrado por uma ex-aluna do Clube; mas, essa proposta foi adiada para o ano de 2019.

Nesse primeiro encontro do planejamento Clube da Leitura, foram tratadas, também, questões administrativas relacionadas ao projeto como a constante avaliação dos alunos; se realmente estão lendo e compartilhando leituras nos encontros com o grupo; a assiduidade dos membros; as boas-vindas para os novos integrantes; e a apresentação da lista de espera para novos integrantes, pois, como são apenas três mediadoras para acompanhar os alunos de forma mais efetiva, há um limite de alunos que podem participar do projeto.

No primeiro momento da observação, ocorrido em agosto de 2018, com os membros do Clube da Leitura, os alunos se apresentaram e falaram sobre os livros que estavam lendo dos mais diversos gêneros e justificaram por que indicariam o livro. A partir dessa primeira conversa, as mediadoras foram anotando as indicações de livros dos discentes e sugeriram que o grupo se dividisse para que, a partir desse encontro, pudessem criar desenhos relacionados aos livros que foram indicados e que os demais membros teriam a oportunidade de relacionar o desenho ao livro, desenvolvendo novas habilidades ao interagir com as diversas formas de expressão da leitura.

Além dessa atividade, foi planejado um chá com a autora Lavínia Rocha, de 21 anos, estudante de História na UFMG e que publicou seu primeiro livro, aos treze anos, intitulado “Um amor em Barcelona”; desde então, não parou de escrever. Essa ação de incentivo e mediação à leitura aconteceu em 26 de outubro de 2018, em uma Virada Cultural no Colégio EP, organizada pelas mediadoras do Clube da Leitura. Para acompanhar o evento, a pesquisadora leu o livro infanto-juvenil “De olhos fechados”, de autoria da escritora mencionada. Lavínia falou de sua experiência com a leitura, da mãe, da bibliotecária e da escola que estudou, como referências no incentivo em sua vida de leitora e escritora. Ressaltou, também, que tinha uma professora muito empenhada em estimular os alunos na arte da escrita. Mesmo com esse estímulo, a escritora afirma que nunca conseguia escrever apenas as trinta linhas designadas, e a partir dessa ocorrência, começou a criar histórias mais longas, gerando o seu primeiro livro.

A escritora conversou com os membros do Clube da Leitura sobre o processo de publicação do livro, inclusive uma menina falou que não gostava de romance, mas ao ler o livro “Um amor em Barcelona” foi tocada pelas palavras da autora. Lavínia afirma não acreditar que existe gente que não goste de ler, apenas não encontrou seu gênero literário; ela se considera uma leitora desde a infância.

No planejamento da Virada Cultural, os alunos foram instigados a participar de uma gincana literária, divididos em quatro grupos, de modo a representar o enredo de um livro. Assim, eles criaram cenas e figurino, refletindo passagens das histórias dessa obra. Os discentes receberam dicas para encontrar o enigma e chegar ao tesouro, a partir da pontuação que receberam da produção, com base na efetiva representação do livro. Cada uma das mediadoras e a pesquisadora ficaram responsáveis por direcionar o grupo para a descoberta do enigma. A equipe da autora desta dissertação foi a premiada por encontrar o tesouro perdido de livros. Portanto, no Clube da Leitura, essa forma de presentear com livros é um dos incentivos à leitura aos participantes.

Para falar de livros é fundamental conhecer os autores que os produziram e, no contexto do Clube da Leitura, as mediadoras contextualizavam as obras como retratos de seus atores, demonstrando que há autores que estão à frente do tempo vivido, pois conseguem vislumbrar situações e contextos futuros, como Agatha Christie, produtora de muitos romances policiais.

As mediadoras do Clube da Leitura demonstravam, por meio das palavras e gestos, suas experiências leitoras. A cada encontro, tinham uma novidade literária a ser apresentada. Muitas foram as indicações de leitura expressas nessas reuniões e o aprendizado compartilhado originou-se da leitura de diferentes gêneros, como literatura científica, ficção, política e histórica. Mediante os relatos sobre os livros, os leitores puderam conhecer questões da cultura nigeriana, por exemplo, “Fica comigo”, obra traduzida por Marina Vargas, a relação do livro “O oitavo dia” com o “Advogado do Diabo”, no quesito sobrenatural. Além desses, muitos romances foram apreciados, como os de Nicolas Sparks, a obra “Descanse em paz meu amor” do escritor Pedro Bandeira, “A menina que roubava livros” de Markus Zusak, como também foi discutida a relação entre os livros “Diário de Anne Frank” de Anne Frank e “Mala de Hana” de Karen Levine. Outras obras contempladas no evento foram os clássicos da literatura como “Dom Casmurro”, escrito por Machado de Assis, “A garota do trem” de Paula Hawkins e o “Relógio na parede” de John Bellairs. Assim, livros e filmes são temas do diálogo desse grupo que se reúne para falar dos benefícios e do processo da leitura, que nem sempre é fácil. No entanto, por meio da leitura, os participantes compartilham vivências cotidianas que podem ser expressas nos livros, nos diálogos entre os pares e até mesmo mediante as trocas de cartas pelo correio como acontecia antes de surgir a internet.

Nesses encontros, a pesquisadora se reunia com os membros do Clube e partilhava com eles o gosto dela pela leitura didática e literária. Ademais, frisava o encanto que possui pelos clássicos de Guimarães Rosa, a leitura pelo prazer e para conhecer o outro, percebendo as peculiaridades de cada gênero e lapidando seu gosto pela literatura e pela leitura em geral.

Na realidade, o Clube do Livro, como é conhecido na escola MA, foi fomentado a partir do perfil dessa instituição e seus objetivos. Esse projeto foi implementado no início do ano de 2014, sob a supervisão da bibliotecária que lá trabalhava na ocasião, com a participação da auxiliar de biblioteca e da professora em readaptação funcional. A equipe da biblioteca optou por atuar junto aos estudantes do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, uma vez que esse público realizava menos empréstimos de livros na biblioteca e com menor frequência se comparados aos demais alunos da escola.

O Projeto Clube do Livro gerou o Prêmio Carol Kuhlthau para uma das fomentadoras. O objetivo dessa ação é incentivar a leitura e formar leitores. A ideia do projeto foi criar um espaço em que alunos, profissionais da biblioteca e professores pudessem interagir e compartilhar experiências literárias, atribuindo um novo sentido à relação que possuem com os livros, intensificando o gosto pela leitura. Além desse propósito, o Clube do Livro também visa educar os discentes para a literatura independentemente de notas atribuídas pelo professor, contribuindo, dessa forma, para a formação do aluno sem excluir a autonomia e o prazer dele com a leitura. Nesse sentido, a biblioteca apropria-se desse ambiente qualificado para promover a conjugação entre os elementos que permeiam a prática da linguagem: oralidade, leitura e escrita (SÁ; PENA, 2015).

As ações do Clube do Livro são realizadas sequencialmente, constituindo um amplo e organizado processo, conduzido por alguns passos fundamentais, coordenados pela equipe da biblioteca, que são:

- Convite aos alunos do sexto ao nono ano;
- Inscrição envolvendo questionário sobre o perfil do estudante como leitor: nesse documento, os alunos vão indicar dados como: nome, turma, livro preferido, preferências de leituras (terror, suspense, comédia, ficção científica, fantasia, aventura, drama, diários, quadrinhos e biografias), escritores que gostam, espaço de leitura conhecido, a frequência em que leem e visitam a biblioteca, dentre outros;
- Realização de empréstimos de livros da biblioteca;
- Encontros bimestrais do Clube do Livro para troca de experiências das leituras realizadas;
- Recebimento de comentários escritos das leituras realizadas pelos estudantes;

Por meio da escrita, que o ser humano registra os conhecimentos, grava o que na memória pode se perder, o homem torna-se atemporal. É nessa fase que os membros do Clube tiveram a oportunidade de expressar a cultura social, aprendendo com o ato de escrever e com a escrita do outro. Nesse caso, escrever é reescrever, é contar sobre sua experiência de leitura, é contar sobre si mesmo (SÁ; PENA, 2015).

Os leitores que se mostraram ativos, que leram e escreveram sobre os livros, foram convidados a participar de encontros periódicos, realizados no contraturno com duração de 02 horas. [...]

A maior parte do tempo foi destinada aos comentários sobre as obras anteriormente lidas de modo solitário. Ocorreu a troca de experiências literárias entre os colegas, consistindo no intercâmbio de informações sobre os temas e ideias apresentados nos livros, relacionando-os com os diversos aspectos da vida. A participação e a fala foram facultativas. À medida que o participante se permitiu falar e ser ouvido, sendo essencial o respeito entre opiniões diferentes ou contrárias, percebeu-se que sua autoestima foi aumentada (SÁ; PENA, 2015, p. 5).

No processo de acompanhamento dos alunos é que se percebe a importância da leitura na formação desses estudantes. Muitas leituras foram compartilhadas nesse espaço, por exemplo, o livro intitulado “A vida na porta da geladeira” de Alice Kuipers, cuja leitura foi partilhada por uma adolescente, que se identificou com a história lida. A motivação para desenvolver o gosto pela leitura decorre por caminhos como relatou uma aluna do Clube do Livro de que as conversas entre ela e a mãe acontecem por aplicativos de celular, como na literatura citada acima. O sentimento de empatia da aluna para com a personagem despertou na subjetividade da aluna uma reflexão sobre sua vida. A partir desse relato de experiência, mais outras cinco colegas leram o livro, sensibilizaram e socializaram a leitura realizada.

Um aspecto interessante é que a estudante foi uma voraz leitora em sua infância, para logo depois, já na adolescência, deixar de frequentar a biblioteca. No entanto, com sua participação no Clube, ela voltou a dedicar-se à leitura e afirma que hoje não consegue ficar longe de um livro. Destaca-se, também, uma aluna do nono ano que não interagira com os colegas e era considerada isolada pelos professores. Ao entrar para o Clube, rapidamente, se tornou sociável, pois encontrou interesses comuns aos seus no grupo. Pode-se inferir que as leituras realizadas por essa discente propiciaram a oportunidade de vivenciar diferentes situações e entrar em contato com várias “pessoas” por meio dos personagens, mantendo também um diálogo com o narrador (SÁ; PENA, 2015).

A formação do Clube possibilitou aos alunos mais tímidos a construção de uma identidade, sentimento de pertencimento e apropriação do espaço da biblioteca para compartilharem leituras. Além disso, os participantes do Clube apresentaram melhoria nas habilidades de leitura, de escrita e de expressão oral. Embora estejam centrados na palavra escrita, nos encontros do Clube, os alunos comentaram e ouviram sobre os livros lidos,

escutaram contações de histórias e participaram de bate-papo com autores. Nesses momentos, eles tiveram a oportunidade de associar a oralidade à leitura e à escrita. Além de realizarem visitas em ambiente de leitura, como a biblioteca Pública de Minas Gerais.

A pesquisadora acompanhou dois encontros do Clube do Livro, em que alunos e professores se reuniram na biblioteca para conversar sobre os livros que estavam lendo. Os membros do projeto em questão apresentaram os desenhos que fizeram com referência ao livro do escritor Diogo Alonç, que esteve no Clube no primeiro semestre de 2018. Além disso, compartilharam leituras. A obra “Tudo que é sólido pode derreter” de Rafael Gomes, também foi muito comentada, essa obra foi indicada para leitura em junção com o filme que a retrata, produzido em parceria com a TV Cultura e a Ioiô filmes.

A funcionária da escola que participa do projeto com sua filha indicou a trilogia “Não pare, Não olhe e Não fuja do Pepper” de F. M. L. Pepper. As mediadoras finalizaram o encontro apresentando um vídeo sobre a “Menina que odiava ler”: na realidade, a personagem do vídeo não odiava ler, apenas desconhecia a sensação de encontrar o gênero literário que transformaria o gosto dela pela literatura.

Para EP1MA, o Clube do livro:

Precisa ser mais robusto, ser puxado pela escola, direção, coordenações e um apoio maior na questão do material, dinâmicas diferenciadas.

O Clube do Livro, como qualquer projeto que envolva a participação humana, precisa de pessoal que tenha perfil para desenvolver as ações de incentivo e mediação à leitura. Quando foi solicitado às entrevistadas que falassem da relação com esse projeto, observou-se haver duas mediadoras que são a favor da institucionalização desse encontro, ao passo que, na visão de uma professora, ao tornar o Clube obrigatório, ele poderá perder membros.

EP1MA ressalta a vontade de trabalhar com Tertúlia Literária, reunião de amigos, familiares ou frequentadores de um local, que se reúnem de forma mais ou menos regular para discutir vários temas e assuntos, especialmente o literário. Por motivos diversos, não concretizou o desejo e, a partir de 2015, intensificou as atividades do Clube do Livro com o auxílio da equipe da biblioteca e mais duas professoras de Português.

A Sá sempre atuante, colaborativa, dando mais ideias e eu aprendendo com ela. [...] Nós retomamos com o Clube do Livro e aí o professor, auxiliando, os auxiliares de biblioteca, os professores de Língua Portuguesa, da [...] Apesar disso, eu acho que conseguimos alcançar alguns objetivos, sim, de alguns alunos que leem mais no Clube do Livro, mas acho que precisa tempo para acompanhá-los, com um intervalo menor de encontros, o que ainda não conseguimos fazer (EP1MA).

De acordo com EP3MA, a biblioteca é excelente e no Clube do Livro, os meninos sugerem livros, com indicação para outros colegas.

Esse projeto é o melhor que já vi. Eu não deixo ele morrer. [...] não quero que morra e meus alunos ficaram estimulando”. É um projeto que assim, começou com muitos alunos; em geral, os meninos menores são mais propícios. A gente tinha dois encontros com os meninos do sexto, sétimo, oitavo e nono ano. E, depois, foi enxugando e todos juntos. É muito livre! O que é importante, que os meninos escolhem; é o que faço com meus alunos quando eu peço para eles escolherem os livros que eles querem, em geral. Mas, a biblioteca, ela tem essa questão; as meninas estão sempre preocupadas com o que os meninos estão lendo [...] Eu acho que nossa biblioteca só tem gente boa. [...] Nós temos muitos alunos que gostam de ler (EP3MA).

A leitura é questão de tomar gosto em experimentar e encontrar o gênero que vai ao encontro das concepções, valores e crenças do leitor. Isso pode ser comprovado, por meio de mudança provocada em um participante do projeto, conforme mencionado por uma das entrevistadas:

Igual essa menina do Clube que leu 40 livros no ano; era supertímida; foi minha aluna que escrevia mal, e entrou para o Clube da Leitura e passou a ser um protótipo (modelo); é um parâmetro mesmo para os meninos. Ela formou-se, mas continua a vir no Clube do Livro. O Vacan que trabalha aqui na escola aberta lia 45 livros por ano. E aí, Luz não sei se é por que ela não saía, era muito tímida e tomou gosto pela leitura e estava sempre indicando leituras para os meninos. Ela vinha no Clube do Livro e dava opinião e os meninos ficavam doidos para saber o que ela estava lendo para poder compartilhar, também. [...] Agora o Vacan, ele é mais incrível que não lia o mesmo tipo de livro; era diversificado e os comentários dele era excelente. Ainda falava: “Vacan, se você quiser você pode ser um crítico literário”. Muito inteligente! Teve uma aluna da P, no encontro que você veio, que a De eu não sei por que, mas acho que já gostava de ler. Mas, o Vacan e a Luz é cria nossa e aqui que eles deslançaram; cada um com motivo, mas eu acho que a leitura, o prazer, você pode adquirir com o tempo, mas que se pode desde pequenininho, melhor (EP3MA).

O ideal para esse processo seria a parceria mais efetiva entre biblioteca e sala de aula. No entanto, essa integração tem acontecido em um nível de coordenação, ou seja, a participação de professores ainda é restrita e o trabalho é individualizado. Recomenda-se um nível de currículo integrado, cuja atividade principal é a criação de um ambiente colaborativo, em que a cooperação entre os profissionais da biblioteca e os professores é definida pelo currículo (CAMPOLLO; PEREIRA, 2016). Foi possível constatar, no decorrer do projeto, a emergência de diversas indagações que pressupõem estudos teóricos por parte das profissionais da biblioteca, a fim de que a prática leitora seja aperfeiçoada.

Além disso, a unidade de ensino MA apresenta outros projetos que são sazonais e estão pautados na mediação e incentivo à leitura. A biblioteca é atuante, pois possui o projeto “Laços Negros”, o qual, a cada ano, trabalha com uma temática diferente. Por exemplo, em um ano, o tema foi “Laços Negros: países africanos que falam a Língua Portuguesa”. Logo, a temática e o subtítulo variam a cada ano. Esse projeto ocorre, na maioria das vezes, uma vez ao ano.

A gente dá mais ênfase para ele, um destaque maior, com envolvimento da escola. Um trabalho visual maior com convidados de fora, seja para dar palestras, oficinas; então, é um momento que, durante o ano, é assim mais

intenso; mais volta e meia nós aqui da biblioteca estamos puxando essa temática aqui com os meninos, seja por meio de um vídeo, de uma contação de histórias, de uma leitura de história, falando sobre o personagem brasileiro negro; então, assim, às vezes, uma atividade mais simples da rotina do cotidiano, mas puxando a temática (EP1MA).

Para EP3MA:

Os Laços Negros é um projeto que tem aqui na escola há uns dez anos. Antes, as meninas faziam algumas atividades na biblioteca falando sobre os negros, quilombolas, a questão da escravidão. O objetivo é valorizar os negros que a história não conta, como Carolina, alguns poetas, escritores. Teve exposição de fotos na biblioteca. Temos Machado de Assis, Abílio Barreto, um monte de escritores, e aí elas faziam trabalho lá na biblioteca de filmes e debates com os meninos. Aqui perto tem muitos africanos que estudam na UFMG e que vem falar um pouco da cultura deles (filhos de africanos estudam lá). Como é a vida hoje, na África. A biblioteca já fez trabalhos bons, mas com a diminuição de verbas, a vinda de autores, contadores de histórias, sambistas têm diminuído bastante. As meninas ainda fazem esse trabalho de sensibilização; às vezes, passa um filme, chamam às turmas; a gente vai lá e conversa um pouco e fica para a gente trabalhar em sala. Porque cada grupo que você traz tem um custo. É um trabalho de muitos anos que a escola tem.

Pode-se observar que a equipe da biblioteca MA está sempre aberta para as proposições dos professores e muitas vezes convidam esses docentes a se apropriarem do espaço da biblioteca para desenvolverem atividades literárias e culturais que permitam o compartilhamento de conhecimento entre os pares. No entanto, os profissionais da biblioteca acreditam que o desenvolvimento dos projetos podem ser mais efetivos, na medida em que as atividades desse ambiente de formação/informação sejam usufruídas pela grande maioria dos profissionais da instituição.

Já na Escola MB, quando a pesquisadora perguntou sobre os projetos de mediação e incentivo à leitura, a bibliotecária explicou que o maior incentivo para os alunos daquela instituição era poder ter acesso ao livro e levá-lo para casa. Destacou que a realidade desses discentes era muito diferente das crianças que estão mais próximas do contexto da pesquisadora e da bibliotecária. Os empréstimos acontecem semanalmente e muitos alunos voltam para conversar com a equipe da biblioteca sobre os livros.

A bibliotecária dessa escola é a que apresenta um melhor relacionamento com a coordenação pedagógica, dentre as demais unidades analisadas. Todavia, o contato com o professor de Português, nos últimos anos, tem sido restrito. Como o perfil da bibliotecária é proativo, já conseguiu novos colaboradores para desenvolver projetos que envolvam o ato de ler, como se pode observar no depoimento da bibliotecária da MB, a seguir:

Temos um diálogo muito bom com a coordenação pedagógica. Ela faz a junção de todos os projetos da escola e busca nossa parceria. Eu tenho um pouco de dificuldade de trabalhar com os professores de Português, por incrível que pareça. Eles não são muito abertos. Então, vamos por outros caminhos: agora mesmo estamos desenvolvendo um projeto muito legal; separamos alguns livros aqui, muito interessantes, da cultura afro-brasileira, para os meninos do sexto ano e cada um está lendo um e respondendo uma série de questões; não é uma ficha do livro, são perguntas que nós elaboramos para que os meninos realmente integre nessas histórias que

eles leram. Então, é um trabalho que é em conjunto com o professor de História (EBMB).

Pesquisadora: Entendi. E depois, vocês vão reunir com eles para ter uma conversa?

Então, a equipe da biblioteca separou oitenta e poucos livros; separaram de acordo com o perfil e a condição de leitura do aluno. O aspecto da interpretação do livro, dos personagens, explicando o que é personagem narrador, observador. Então, foi ampliado o trabalho e cada turma veio aqui no espaço e o profissional que é a EP3MB, junto com a EBMB. (As professoras) foram desenvolvendo com os meninos como preencher, como fazer a ficha técnica. Então, houve uma discussão; foi bem comentado e explicado a questão da matriz africana nos livros e aí elas sempre estão junto com os professores. É muito interessante! (EP1MB).

Leio um livro, explico o que é cosmo, visão africana e depois os meninos estão preenchendo uma ficha literária, grande, extensa, bem elaborada mesmo, sobre obras africanas (EP3MB).

A pesquisadora observou parte desse trabalho. No momento de responder as questões, surgiram dúvidas, e os alunos retornaram à biblioteca para receber orientação. Isso aconteceu em uma roda de conversa entre a funcionária da biblioteca e os alunos do sexto ano, os quais receberam essa ajuda para que o trabalho fosse desenvolvido.

Os alunos leram o livro e preencheram uma ficha técnica que envolvia questões mais profundas sobre a obra, relatando o contexto nela exposto e as relações culturais entre o Brasil e África, buscando entender a vivência daquele autor para produzir o livro, pois as mediadoras de leituras gostariam que: **“realmente que leiam, entendam e tirem algum sentido daquilo que estão lendo”** (EBMB). Dessa forma, percebeu-se que os envolvidos compartilharam suas experiências de leituras com os outros, incentivaram novos leitores e relacionaram a literatura a outras experiências como a visita a museus que trabalham com temas dos livros desse projeto.

Nessa consideração da bibliotecária, observa-se a preocupação que possui com seus leitores em formação. A escola MB apresenta outros projetos sazonais de incentivo e mediação à leitura como Trilhas de Leitura. Nesse projeto:

[...] é a EBMB que encabeça sempre; tem a leitura coletiva, que sou eu que faço; cada aluno recebe um livro e a gente lê juntos. Essa leitura protocolada dos livros eu encaro como um projeto da escola, que é uma coisa que a gente faz toda semana com as turmas (EP3MB).

Pesquisadora: Entendi. E essa leitura coletiva, existe um grupinho que vem até você ou é relacionado por uma turma específica? Vocês leem, comentam?

No momento, eu estou lendo o “Viagem de Gulliver”; é **uma turma que está fazendo que tem dificuldade de leitura. Lemos juntos e comentando** (EP3MB).

Nessa unidade escolar, é visível a preocupação com o desempenho literário, social e cultural do leitor. Os profissionais desenvolvem as funções com propriedade e estão disponíveis para as demandas da escola, no que diz respeito às práticas trabalhadas pelos colaboradores da biblioteca como contação de histórias, circulação de materiais, orientação

de leitura, pesquisa bibliográfica, divulgação da biblioteca, manutenção e organização do acervo e espaço físico.

Já nas instituições de ensino MA e EP, observou-se que os projetos Clube da Leitura são elaborados e escritos formalmente pelas equipes. Isso proporcionou a efetividade e longevidade da ação. Assim, como em qualquer contexto organizacional, o planejamento, a formalização e a colaboração entre os envolvidos são elementos essenciais para garantir o melhor desempenho das atividades de mediação e incentivo à leitura.

5.4.3 Mediar, incentivar e promover a leitura

A pesquisadora, ao questionar as entrevistadas sobre o conceito de mediação e incentivo à leitura e sua diferença em relação à promoção da leitura, percebeu que, muitas vezes, os sujeitos da pesquisa tinham uma visão individual de cada conceito, mas sempre relacionando à junção deles no desenvolvimento das ações de mediação e incentivo à leitura, conforme dados inseridos no quadro referente na figura 6. Porém, é importante esclarecer que, para esta investigação, considera-se a mediação de leitura como o conjunto de diversas ações que instigam a prática leitora, tais como: o ato de ler o livro e indicá-lo para outros leitores, “tornar a história interessante para o leitor, discuti-la, fazer questionamentos, mostrar os benefícios que a leitura oferece e o poder de transformação que tem” (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012, p. 477). Esse é um conceito que vai ao encontro dos objetivos desta dissertação e que possibilita uma melhor compreensão das ações de mediação e incentivo à leitura apresentadas no decorrer da pesquisa.

A mediação de leitura, segundo EP1EP, é muito diferente da promoção de leitura porque o mediador precisa ter “paciência” para lapidar a leitura, de acordo com o perfil do leitor, auxiliando-o no amadurecimento da tipologia de textos a serem lidos. As entrevistadas ressaltam, assim como Carvalho (2016) e Almeida Junior e Bortolin (2009), que o mediador de leitura tem que ser leitor, pois, ao defender algo como essencial, é necessário que se tenha propriedade e experiência na área dos gêneros textuais, conhecimento a respeito de autores e obras, ler muito e sempre compartilhar com os discentes da escola o que está lendo, o que possibilita efetividade na ação de mediar a leitura.

Formar um **leitor mais** consciente, mais crítico. Isso demanda muito tempo e às vezes um leitor por mais apaixonado que ele seja ele não tenha essa paciência de ir instigando o outro e caminhando com o passo do outro, preparando essa pessoa, isso é mais difícil. EP1EP

Para se mediar a leitura, então, é preciso saber as possibilidades e só consegue isso se **abrir para esse outro olhar**. Então, além de você conhecer o que você está lendo, mediando, porque você **não pode enganar seu usuário, leitor**, fingindo que gosta de ler, que você leu. Você tem que ler e saber o que está mostrando; então, é um trabalho muito

grande de conhecer acervo, livro, de abrir seu olhar para essa outra forma de encarar o livro como um objeto estético e artístico. Quando a gente se depara com professores de Português, alguns professores daqui que têm alunos em outras escolas e vão me pedindo se tenho os livros das listas dessas escolas particulares para o ano todo, eu vejo os livros indicados tão velhos, ultrapassado. Aí, eu percebo que aquele professor não é um leitor contemporâneo de literatura infantil e juvenil. Veja bem aquele livro que ele está indicando para o aluno **de sexto, oitavo e novo ano; é um livro que ele leu há uns vinte anos e que agora não tem mais diálogo com esses meninos, são edições esgotadas**. Que você passa um aperto danado, por que quem faz essa indicação são coordenadores e professor e **você ver que ele não está se abrindo a novas possibilidades de livros, de textos e de outras abordagens, para alguns assuntos, por exemplo, um livro sobre a família, que esse livro é da década dos anos 80, não refletirá a família de hoje, que é completamente diversa**. Eu percebo muito isso: a falta do professor, desse profissional que está na sala de aula e está se abrindo para isso, de estar se abrindo também para o gosto do menino, atualmente. Por exemplo, é uma resistência a *best seller* e eu nem acho que isso seja uma das piores coisas, não! (EBMB).

Para as entrevistadas há diferença entre mediar, incentivar e promover a leitura. No quadro abaixo, estão relacionados os pontos comuns dos pensamentos dos sujeitos da pesquisa e as falas mais específicas estão transcritas no texto corrente.

FIGURA 6: Quadro do entendimento de mediação e incentivo à leitura

Entrevistadas	Mediação e incentivo à leitura	Promoção
EP1EP EP2EP EB1EP EB2EP	<ul style="list-style-type: none"> Levar o aluno a ler; você o incentiva a olhar o livro sobre vários pontos de vistas filosófico, histórico, cultural. (...) ter a paciência de fazer essa ponte para ir instigando e trazendo até formar um leitor mais maduro. Ação intencional e planejada de um indivíduo para apoio e desenvolvimento da técnica e prazer da leitura. Você interage melhor com o leitor, compartilhando leituras, através do diálogo. 	Oportunizar a leitura a partir do contato com o livro, mostrando a importância de ler.
EP1MA EP2MA EP3MA	<ul style="list-style-type: none"> Mediar a gente tem que estar atuando mais direto com o aluno, orientando, dirigindo, acompanhando o que ele está lendo, conversar com o aluno, trocar ideias, saber o que ele gosta de ler e o que não gosta. Conhecer, propor, oferecer para ele outros tipos de leitura. De levá-los no espaço de leitura, de fazer atividades que dem o prazer, a vontade de ler, então eu acho que é mais amplo. É mais pontual, olhando a especificidade, a gente atende ao aluno de forma mais específica dentro do seu interesse e necessidade. Você estar estimulando o leitor, como no Clube do Livro. 	Comprar livros para a biblioteca e apresentar esses livros para os meninos e para os professores já é uma promoção de leitura, de forma mais coletiva, para um público maior.
EBMB EP1MB EP2MB EP3MB	<ul style="list-style-type: none"> Nesse sentido de abrir caminhos de se mostrar as possibilidades de leitura e de interpretação de texto, de aumentar essa visão estética sobre as coisas de entrar no universo do escritor, de entrar no universo da literatura eu gosto muito dessa visão da mediação e acho que é um papel primordial do profissional da biblioteca escolar. Você aprende e aquilo que você viu você quer passar para outra pessoa. Fazer um intercâmbio entre pessoas, espaço ou tipo de leitura adequado. Uma troca de entendimentos ali na leitura, alguém fazendo esse paralelo entre o que foi lido e foi escutado, algo de compreensão. Mediar é aqui, na estante, no tet a tet, (face a face), é seduzindo, convencendo a ler, falando sobre trechos do livro é uma coisa assim, você está intermediando, você o aluno e o livro. (...) não é só apresentar o livro para o menino você cria fundos de contatos, isso para mim é mediação. E o incentivo estar relacionado a ler, a ler junto, com, é parar e ler para. 	É apresentar, expor e dar acesso ao livro para esse menino é uma das coisas mais fantásticas que existe na biblioteca escolar.

Por meio da leitura dos depoimentos, são visualizadas questões que permeiam o conceito de mediação e incentivo à leitura pelo viés que norteia e determina a possibilidade do aluno se tornar um leitor, mediante o incentivo constante da família e da escola, de ações planejadas que possibilitem a interação do leitor com o texto e o diálogo constante com leitores. Já a promoção da leitura é compreendida a partir de ações que vão ampliar o contato coletivo com o livro e com atividades de mediação e incentivo à leitura.

Para a bibliotecária EB1EP, a mediação, promoção e incentivo à leitura são desenvolvidos por projetos como contação de histórias, cujo mediador conta histórias e isso pode incentivar a criança, o adolescente a gostar de pegar um livro para ler. EP3MA vem complementar esse pensamento ao posicionar-se a favor da equipe da biblioteca que, ao ser aberta para as ações de mediação e incentivo à leitura, possibilita a eficácia dessas atividades:

Eu acho que: quando você promove um ambiente e cria um projeto como esse (Clube do Livro), você cria situações em que você vai incentivar. Você está promovendo futuros leitores ou aprofundando o que tem. A mediação é importante para nós, na biblioteca. Aqui, eu acho que é uma biblioteca, principalmente, quando tinha [...]. Elas eram tão antenadas que quase que uma lia o pensamento da outra. Quando a equipe interage, elas conseguem fazer trabalhos excelentes. Com essa mediação, quando a equipe é boa e está aberta, ajuda muito; a gente até estimula muito a gente a trabalhar mais na biblioteca (EP3MA).

A bibliotecária da escola MB reconhece que a equipe da biblioteca desenvolve o incentivo e a mediação à leitura, mas essas atividades são incipientes para as habilidades de formar alunos mais autônomos em suas pesquisas; é um caminho a ser mais desenvolvido.

Eu acho que além desse incentivo e mediação à leitura, a biblioteca perde um pouco na questão do letramento informacional; a gente ainda não deu conta de levar a informação para a sala de aula, formar os pesquisadores, de formar alunos **competentes** em informação. Eu acho que isso é o grande desafio da biblioteca escolar. Mas, eu defendo, sim, **a mediação da leitura**; e ela deve ser uma **habilidade** do **profissional** com a informação muito bem trabalhada; tem que **conhecer o que a gente está mediando, ler o que estamos mediando**, abrir os **olhos e a percepção** do que rola no mundo para a gente poder estar mediando essa informação, essa leitura (EBMB).

Já a professora EP2MA procura, a cada início de semestre, o bibliotecário para que possa apresentar aos alunos os livros e suas funções na formação e aprendizagem do indivíduo. A docente acredita que o discente precisa se apropriar das possibilidades de ensino que a biblioteca oferece para que as pesquisas possam ser mais efetivas.

Assim como Carvalho (2012), os dados desta pesquisa consideram o processo de mediação de leitura permeado por atividades de rodas de leitura, encontros com escritores, ilustradores e especialistas em literatura para debates literários, contação de histórias, clube da leitura. Essas atividades tendem a despertar o incentivo e a mediação da leitura, os quais precisam ser planejados e executados respeitando o valor de arte da

literatura. Tais atividades - de acordo com a autora citada e com os dados deste estudo – não podem ser utilizadas como pretexto, no sentido de apenas auxiliar outras disciplinas. É preciso entender/considerar o tempo de compartilhamento espontâneo entre ouvintes e leitores tão importante quanto a leitura e a narração, e valorizar a indispensável qualificação do mediador de leitura.

Ressalta-se que ainda que os sujeitos da pesquisa saibam o significado do conceito de mediação e incentivo à leitura, como citado na figura 5, inclusive se preocupam em trabalhar com ações que realmente possam fazer sentido no contexto de seus leitores. Os mediadores de leitura procuram ter o retorno dos discentes em relação aos efeitos que a leitura proporciona em sua vida, na medida em que utiliza o diálogo, as orientações em grupo, o encontro com o outro para compartilhar vivências literárias. Porém, na prática, as ações relatadas pelos entrevistados estão mais direcionadas ao incentivo da leitura prazerosa, mais literária. Não foram identificados relatos claros de atividades para o letramento informacional.

5.4.3.1 Intertextualidade

A intertextualidade é entendida, para fins da pesquisa, como uma subcategoria do processo de leitura e mediação, pois, durante boa parte da pesquisa, pôde-se confirmar, por meio dos relatos das entrevistadas, que o ato de um texto se referir a outro como forma de incentivar o leitor a conhecer novas literaturas, é constante nas atividades de mediação da leitura.

É! Eu também leio os *best sellers*, e você não fazer isso é negar aquele universo, **mesmo que você não goste. Leia, conheça e proponha outra coisa. Não é descartar de cara.** Agora, eles estão gostando, pois fizemos uma compra de Kefera (não sei o nome da menina direito), mas enfim, uma bobagem, mas eles entram, pegam e leem e depois a gente vai lá e mostra outra coisa e propõe outra coisa, mas não negue esse universo dele. Então, tem essas duas questões que estou te dizendo de abrir seu olhar para as novas possibilidades do livro e de leitura, e na mediação passa por esse respeito ao universo dos meninos. É o que estão gostando e curtindo agora e que também é muito volátil. Hoje, eu gosto da Kefera, mas amanhã não vou gostar mais dela; eu tinha um livro aí de uma menininha que fazia muito sucesso na TV a cabo, há alguns anos. Eu **não comprei, ganhei de doação e esse livro não parava, e agora, realmente, não faz sucesso. Está megaparado; deve ter dois anos que não sai da prateleira.** Mas, enfim, até essa característica do menino **de mudar de gosto e virar outra coisa** (EBMB).

Pesquisadora: Exatamente! (Insere a questão da intertextualidade)

O papel de mediador, esse de apontar novos caminhos que podem ser aceitos ou não, mas você mostra para o menino que existem **várias possibilidades de interpretação de um texto imagético, escrito; existem múltiplas possibilidades; a mediação eu gosto muito dessa palavra, nesse sentindo de que ela aponta caminhos** (EBMB).

Através da intertextualidade, as mediadoras de EP trabalham com a relação que o livro pode causar no leitor por meio das entrelinhas das histórias que permeiam pela subjetividade do leitor e do autor, despertando, nesse leitor, ideias que não teve ao ler o livro, vinculado a outras obras.

A leitura é mais do que uma história que está contada ali. Então quanto mais a gente ler mais a gente interpreta o que se lê, não só nos livros, a gente consegue interpretar melhor o mundo que a gente está inserido, por que a leitura não é só as palavras ela é todo um contexto. Então quanto mais a gente lê mais o mundo ele, a gente descobre o mundo (EP1EP).

Acredita-se que, para promover a leitura, o bibliotecário e o professor precisam dar acesso ao livro, fomentando ações que possibilitem o contato com as diversas formas de leitura e, a partir do momento em que o mediador interage com o leitor para um diálogo sobre a leitura - planejado por bases teóricas que auxiliam esse processo do encontro do leitor com o texto em sua essencialidade - manifesta-se a mediação e o incentivo à leitura. Mediar e incentivar são ações mais amplas do que promover, embora os termos sejam usados de forma semelhantes e aleatoriamente. Por fim, a análise profunda aos conceitos e a devida contextualização deles demonstram - em conjunto com os relatos oriundos da vivência prática - que tais ações possuem significados distintos, embora permaneçam relacionados e complementares.

5.5.4 Gosto pela leitura

O gosto pela leitura é entendido, nesse contexto, como prazer que se tem ao ler e conversar sobre as diversidades de leitura. Para compreender a questão do gostar, as entrevistadas fazem uma associação com outros gostos que o sujeito demonstra ter.

É o prazer, são as contações de histórias. (EP3MA)

É aquela coisa que a gente tem que provar, entrar em contato com aquilo, que a gente quer ter contato e experimentar, [...] e se integrar com a literatura, com novos textos literários o gosto passa por isso. Na criança e na adolescência o gosto passa pelo exemplo e por estar em contato e aí o gosto se faz [...] Quando a gente ver que as crianças estão lendo, elas querem ler placas e tudo que está acontecendo, os anúncios, elas gostam disso, de ler na fase de alfabetização. E aí o gosto vai se mantendo ao longo tempo pelo acesso e pelo exemplo da mediação. Ela não se dá assim de forma aleatória. Não vou dizer que ela não se dá, existe sim, quando os meninos realmente leem por vontade própria, mas se isso não acontece a gente tem que proporcionar para os meninos que não vão tão naturalmente para a leitura. Eu acho que é isso. (EBMB).

Essa colocação vai ao encontro dos pensamentos expressos no referencial teórico da pesquisa ao proferir que a família tem o papel fundamental em despertar nos alunos o gosto pela leitura. No entanto, se essa oportunidade não se manifesta no ambiente familiar, isso os levam a escola a suprir essa necessidade. A escola precisa trabalhar no incentivo e mediação do leitor para que possa desenvolver o gosto pela leitura.

[...] ter uma formação interessante que vai proporcionar abertura, o desenvolvimento do intelecto e da mente. [...]. **O gosto é ter o prazer mesmo, de folhear, de entender qual o conteúdo que está ali e poder passar isso para frente. É gostar de se formar porque o livro é um mecanismo de abertura de mente, de visão de mundo diferente, seja qual literatura for infantil, infanto-juvenil não é [...]. ter a prática cotidiana de ver, de procurar outros autores, gostar de ler.** (EP1MB).

A leitura que norteia meu trabalho, a leitura, ela faz parte da minha vida tanto na questão do estudo, uma dúvida, uma insegurança, um medo, estou lá com o livrinho na mão [...], **constantemente, na hora do conto, hora do descanso com a leitura, o cantinho da leitura. É após o recreio sabe, para mim é insubstituível, chegou do recreio tem que ter o livrinho para acalmar. Norteia mesmo tanto em questões teóricas para minha formação, quanto para a formação do aluno. Agora, por exemplo, eu estou na coordenação e estou com minha cabeceira cheia de livros para tirar minhas dúvidas. Mas é meu perfil.** (EP2MB)

É **construído**, eu ainda não tenho certeza se tem gente que **nunca vai gostar de leitura, mas eu parto do princípio de que qualquer pessoa possa gostar, não pode ser diferente para mim, por que afinal de contas esse é meu trabalho.** (EP3MB)

A própria palavra fala, é a gente pegar um livro e achar gostoso, querer ler até o final e achar que aquilo está fazendo bem para a gente, está nos **modificando emocionalmente, crescendo como pessoa tem um sentido na vida e no profissional da gente.** E falando dos estudantes deve ser assim, trazer mudança e achando gostosa aquela atividade de ler (EP1MA).

O trabalho de ir à biblioteca realizar pesquisas auxilia muito no processo de construção do gosto pela leitura, pois a partir da experimentação é que o sujeito vai poder identificar suas preferências literárias.

Então eu trabalho com a vinda a biblioteca, porque eu acho que aqui eles têm uma **gama de leitura variada**, diversificada, inclusive em relação a livros informativos, literários. Então eu gosto de vir à biblioteca com meus alunos, **independente, da idade deles, seja fundamental I ou II**, que saiba ler, eu sempre trabalhei com a vinda a biblioteca. Isso para mim no meu trabalho é prioridade. (EP2MA).

Ele ver a leitura como obrigação e não como prazer e você não pode ter essa ideia da obrigação há você vai ler para você melhorar sua nota, você vai ler para você ter um bom emprego, não pode ser uma obrigatoriedade que vai te dar uma recompensa, é porque é bom, é interessante, divertido, gostoso é isso que tem que prevalecer. (EP1EP).

Leitura é a mesma coisa; cada um tem seu gosto estilo de leitura, [...]; aquilo que nasce com a gente, aquilo vem da vivência. (EB2EP).

Você pegar seu tempo livre e ler, e tem leitor para todo o gosto, eles não esperam o professor indicar um livro para ler eles correm atrás e buscam isso para mim é ter prazer pela leitura. (EB1EP).

As entrevistadas relacionam o gosto pela leitura a partir de um olhar abrangente, em que não há preconceito com o que se lê. “Desde que a pessoa leia alguma coisa que vai acrescentar e qualificar, ela é válida” (EP2MA). Os sujeitos da pesquisa não acreditam que as pessoas não gostam de ler; ressaltam que, pelo menos um jornal ou uma revista são fonte de prazer para o leitor. A pesquisadora comunga da ideia de que o leitor pode não ter encontrado seu gênero literário preferido, mas é possível que a interação entre leitor e texto

aconteça e desenvolva quando se tem o exemplo da família, da escola, de um colega no incentivo e mediação à leitura a ter uma leitura compartilhada desde a infância. EP1EP confirma essa premissa quando afirma que “o incentivo, sem exemplo, o gosto pela leitura não é despertado. Você tem que ter exemplo de pessoas que você admira que são leitores e que te leve a ter contatos com os livros, que fale que ler é legal, te mostre em obras. Então, sem o exemplo, não adianta” e assim formar leitor.

5.5.5 Formação do leitor

Nesse quesito de análise, pode-se observar que os sujeitos da pesquisa relacionam a formação do leitor com a competência que o educador, seja professor ou bibliotecário, tem para auxiliar no processo de construção do leitor. Nos relatos, pode-se perceber que os agentes formadores da leitura utilizam da intertextualidade para apresentar novas leituras e possibilitar o amadurecimento do sujeito que lê.

E eu também tenho uma leitura orientada, porque eu trabalho com literatura e aí, os meninos têm que fazer uma **leitura obrigatória em cada trimestre**, [...], a leitura que é por prazer, mas também eu faço a orientada, porque se a gente não fazer isso tem menino que não pega nem um livro para ler durante o ano. **Então, eu garanto pelo menos a leitura ou a intenção da leitura de algum livro durante o ano com essa leitura obrigatória.** Mas eles têm a liberdade de vir e pegar, comentar. E, aí, assim, os projetos variam dependendo do público. **Eu já fiz projeto, por exemplo, com a biblioteca; eu trabalho muito com eles, os meninos que liam o livro e depois faziam contação para o primeiro ciclo, [...]** Aí, eles liam os livros infantis e faziam o reconto. Também, com a questão da escrita da sinopse do livro, nós montamos um **mural aqui**; eles liam o livro infantil, depois **tinham que colocar um resumo do livro lá (observei esse mural), não contando o final para que a criança pudesse ler e incentivar a leitura dos menores, eu gosto, deu certo.** Então, assim, cada ano a gente inventa alguma coisa diferente [...]. Eles tinham escolher uma história; depois disso, eles fizeram ensaios, apresentaram **a crônica escolhida, tiveram que eleger na turma a melhor crônica das que foram apresentadas.** Depois, eles tiveram que apresentar para as **três turmas dos quintos anos para escolherem as três melhores.** E aí, apresentaram na **semana literária que aconteceu na escola esse mês.** [...]. Dá trabalho, mas vale a pena; foi a primeira vez que fiz esse trabalho com crônicas. (EP2MA).

Pesquisadora: Quando você fala de intenção de leitura é porque o aluno não leu o livro todo?

Porque alguns eu vejo que eles pegam e leem rapidinho e, às vezes, não lê todo. E outros só leem depois que eles começam. Por exemplo, um aluno disse: “quando **comecei a ler aquele livro achei tão chato e fui lendo e desenvolvendo o gosto por ele**”. A intenção da gente é que eles **leiam mesmo**, mas cada um tem a sua **vivência e aí a gente tem que incentivar mesmo a leitura** (EP2MA).

O auxílio da família com o ato de ler juntos e compartilhar leituras e experiências de se ler, são essenciais desde o início da infância para a formação do leitor. Isso é

ressaltado no referencial teórico desta pesquisa e confirmado pelos depoimentos das entrevistadas.

Quando ficar mais velho e não desenvolveu o hábito da leitura, se ele chega na escola sem iniciar a leitura, o professor tem mais dificuldade para fazer essa leitura acontecer, [...]. Então, assim, o que eu uso muito de estratégias é começar contar uma história de um livro e colocar no clímax. Quando eu chego no clímax, eu falo para vocês saberem o que vai acontecer agora; vocês terão que ler o livro; então, isso surte muito efeito. Mas, eu não concordo com essa questão; até entendo que os professores de Literatura têm que adotar um título e tudo, [...]. Invés do título, adota um autor e aí o aluno tem pelo menos o prazer de escolher, dentre todas as obras do autor, aquele que ele gostaria de ler. Depois, faz um debate, você consegue avaliar se o aluno está lendo com um debate. Uma prova escrita, ela limita, porque você não coloca ali o seu entendimento da obra e não escuta o que o outro entendeu da obra. Você coloca o que você acha que o professor espera ouvir e isso é um condicionamento. Isso, na verdade, afasta mais o leitor do que faz com ele se volte para a leitura, e é o que a gente vê nas escolas, atualmente. O aluno é traumatizado pela leitura ao invés de ser incentivado a praticar.

Pesquisadora: Você falou uma coisa interessante que é o que a professora Marília Paiva, que participou da minha banca de qualificação, falou como que os pais querem que os filhos leiam, se eles só ficam no celular. O exemplo, a melhor forma de incentivar e a professora Conceição Carvalho também, fala muito isso: não tem como você formar leitores se você não ler.

Para você ter uma ideia, lá na escola do meu filho, a mãe estava reclamando que o filho não estava totalmente alfabetizado. Então, a professora tem que ler a prova para ele, tem que ajudar, pois ele não consegue entender totalmente o que está sendo pedido; que a leitura dele está muito fraca e que ele é muito novo. Mas, eu falei: “meu filho tem a mesma idade que ele, é plenamente alfabetizado, entende inclusive tirinhas, charges, ele já consegue interpretar e tudo. Há mais! Como você consegue isso? Eu leio com ele todos os dias. Você ler para seu filho?”. “Há não! Odeio ler”. Há! Ela espera que quem faça com que o filho dela se torne leitor o professor ficando quatro horas por dia com trinta crianças. Por mais que você tenha ali o momento da leitura e tudo se ele não tem, não cria aquele amor pela leitura; quando ele vai ficando mais velho, ele vai desvinculando disso (EP1EP).

As entrevistas são unânimes ao pontuar que as escolas permitam uma flexibilidade no aspecto pedagógico, no quesito excesso de conteúdo e na cobrança em cumprir a carga de quantidade de conhecimento sem desviar do planejamento inicial. Para EP1EP, “quando você flexibiliza, o aluno se envolve e quando ele se envolve o que você atingiria pelos meios tradicionais, você adquire por outros meios, por exemplo, um projeto que estou desenvolvendo agora que chama procém-projeto de conclusão do Ensino Médio”. Nesse sentido, o leitor participa do processo como um todo, da escolha do livro e dos autores, sendo incentivado pelas mediadoras do projeto para a busca de conhecimentos que permitam entender o contexto do autor, o que levou a escrever essa obra, abrindo o leque desse discente para a compreensão do que envolve uma obra que permeia por aspectos emocionais, sociais e culturais que vão além das linhas escritas. É fruto da

vivência, da experiência que ele teve ao longo da vida. E o leitor, com esses conhecimentos que envolvem a obra, poderá defender seu ponto de vista, embasado nas entrelinhas do texto.

A partir de uma mediação que permite ao leitor a busca constante de respostas para o entendimento de uma obra, o mediador amplia o olhar do aluno, instigando a pesquisar mais sobre o assunto de determinada obra, tornando seu conhecimento mais efetivo em determinada área. Para EP1EP, há uma riqueza maior quando os leitores discutem o livro entre si, do que ao exigir uma leitura obrigatória e mandar fazer uma prova. Já EB1EP, acrescenta que, para formar o leitor, é essencial “inserir o que eles gostam; hoje em dia, há muitos livros que possuem filme. Então, você começa conversando sobre o filme; você sabia que existe o livro, que trata a questão de forma diferente; então, às vezes, alguma coisa que não completou no filme e te deixou frustrada pode ter no livro”. Esse diálogo entre a cinematografia e a escrita é bem aceito pelos leitores, apesar da queixa de que muitos filmes deixam a desejar em relação ao livro. Nas observações, pode-se perceber que os leitores têm muito interesse nesse diálogo da leitura com o filme e a adesão é bem efetiva ao proporem a ida ao cinema ou assistir o filme na biblioteca. A EP1MA citou um dos projetos que trabalhou junto com uma professora de Português e Literatura, no terceiro ciclo, com o sétimo ano, utilizando um vídeo chamado Felicidade Clandestina, relacionado com a crônica Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector.

Foi possível acompanhar um dos encontros realizados na biblioteca da escola MA para que os alunos pudessem - a partir de pontos colocados pela crônica como, por exemplo, a felicidade ou o ato de ser feliz - debater e conversar sobre as entrelinhas desse texto. As conversas foram intensas e as mediadoras sugeriram que os alunos escrevessem sobre o assunto, de modo a aperfeiçoarem a escrita, além de buscarem outras leituras semelhantes, cujo objetivo dessa ação era promover a diversidade de leitura e, como consequência, conferir mais propriedade aos leitores, tanto para falar como para escrever sobre algo. Apesar de trabalhar com projetos que incentivam a leitura por fruição não obrigatória, a escola ainda busca na leitura lições de moral, como se pode observar na citação, a seguir:

Eles escreveram muito bem e falaram essa palavra bondade e generosidade (leitura para trabalhar sentimentos, relações humanas, valores). E a P agora quer fazer um trabalho com parte que falta; é outro livro e a gente vai comprar para trabalhar a questão da felicidade da falta e tal (EP1MA).

E mais, é isso, é uma coisa que foi construído muito na prática, fundado nessas coisas que eles falam, que primeiro você não tem que **avaliar a leitura, você tem só que acompanhar. O direito de não ler, evitar a escolarização da literatura**, estabelecer uma **relação de deleite (satisfação)**, no Ceale. [...] **eu preciso tratar de questões sérias como etnias, gênero, e esse trânsito pela leitura é o melhor, muito mais do que ficar ensinando Literatura; às vezes, eu conto uma história e eu**

ensino determinada coisa. Esse livro mesmo, que trabalhei agora com o sexto ano o “**Menino que comia lagartos**”, a **autora que é de Barcelona**, [...] ela pega todos os elementos da **cosmovisão africana e coloca em uma história curta**. Eu consigo falar sobre **ancestralidade, comunidade**, [...] **consigo falar sobre tudo em uma história**. Isso que eu aprendi. Eu posso **escolarizar, mas eu não posso tirar do livro a potência que ele tem de fluir** (EP3MB).

Entende-se a necessidade de as mediadoras procurarem relacionar a formação do leitor com a educação humana, mas compreende-se que os próprios discentes possam fazer essa interligação da leitura com os valores e crenças culturais. Ainda nesse projeto, observou-se que as mediadoras estão em constante busca por auxílio que favoreça a efetividade das ações e a capacitação do pessoal para incentivar e mediar a leitura, de maneira eficaz.

O exemplo de ser leitor para formar leitores é recorrente na literatura citada no referencial teórico, assim como nos dados oriundos das entrevistas. Além disso, é importante que o formador de leitores conheça os usuários para que possa indicar novas possibilidades de leitura.

Enquanto ela pega o livro, você vai observar o gosto dela. Para você formar um bom leitor, você tem que conhecer seu leitor, porque não adianta você empurrar um livro para leitor que ele não vai ler; leva para casa, mas nem abre, ou vai ler por obrigação, e ao devolver dirá “não gostei”. Você tem que saber com quem está lidando para formar um bom leitor (EB2EP).

Você tem que ter essa pegada de conhecer o que o leitor gosta. Quando ele chega à biblioteca, a primeira coisa que faço é perguntar para ele: “do que você gosta?”, porque, através disso, é que vou poder indicar o que ele pode ler (EB1EP).

Entrevistadora: Com certeza, quando chegavam livros em uma biblioteca que trabalhei, eu ia lendo e falava: “nossa! Isso parece com fulano!”.

Ele precisa presenciar um leitor (exemplo), para ele desenvolver o hábito da leitura e da pseudo-leitura (rudimentos da leitura e da escrita) que ele vai desenvolvendo até chegar a uma leitura consistente e fluente (EP2MB).

Observa-se que o leitor pode assumir diferentes perfis e o mediador precisa conhecê-lo, de modo a indicar leituras adequadas e prazerosas. Com isso, o indivíduo que atua na mediação e no incentivo à leitura tem um papel fundamental no conhecimento da realidade do seu leitor, além de adotar estratégias de promoção da leitura, mediante a adoção de posturas que possam ser repetidas pelos leitores, tal como acontece na relação entre os pais e filhos, como mencionado por EP3MA: “ter o exemplo em casa; **se os pais leem eu acho que é primordial**”. Se esse incentivo e/ou motivação não vir da família, a escola e as bibliotecas reforçam, ainda mais, esse compromisso na formação do leitor.

A filosofia é no senso comum, a gente filosofa. Pode-se trabalhar **coisas mais simples da poesia puxando para a filosofia que é o questionar, o questionamento que ajuda bem a formar leitores. Só se forma leitor lendo para eles, com eles e trabalhando a leitura em família, não existe outro jeito de formar leitores.** (EP3MA)

Só se forma leitor lendo para eles, com eles e trabalhando a leitura em família, não existe outro jeito de formar leitores! (EBMB)

Assim como Carvalho (2005), a bibliotecária da escola MB acredita que a biblioteca **“tem que ser uma ponte aberta e que o material de leitura esteja disponível para os projetos de formação de leitura e também ser propositiva”**, no sentido de criar projetos de formação de leitores, executados por todo o pessoal da escola, como percebido no projeto Leitor em conexão, gerenciado pela PBH,¹², a qual pretende institucionalizar a leitura. Para a bibliotecária, isso é uma grande “[...] sacada. Eu só tenho restrições - como falei - é da forma como **está sendo feito**” (EBMA).

Porque, focado na escola, a gente percebe que os meninos têm bem a prática de ler aqui na escola. Então, essa **questão da falta da presença da família, da proximidade que a leitura traz e do nível de entendimento em relação à importância da leitura na vida do ser humano, que, talvez, falte nas famílias, isso é um nó**. Então, eu acho que, talvez, a gente sensibilize, **a gente aponta leitores e tipos de leitura que são interessante para o aluno ler**. E, aí, eu acho que formar os leitores é a gente **trazer todos os tipos de textos para poder até perceber aqui, no contato com os alunos, no caso, qual o tipo de leitura que ele mais aprecia; qual o tipo de livro que ele tem a prática de estar lendo** (EBMB).

Para que a formação do leitor aconteça de forma efetiva é necessário conhecer esse leitor e, por meio do gosto do leitor e do mediador - considerando um tipo específico de leitura - sensibilizar e desenvolver o trabalho de valorização daquela leitura. A equipe da escola e a família têm um papel importante na formação dos leitores, inclusive de trazer todo o tipo de texto, para os “leitores procurarem a ter gosto ou textos variados, ou livros variados, proporcionado por quem está mediando o livro. Formação de leitores é isso!” (EBMB).

A prática da leitura e dos processos de incentivo e mediação dessa atividade, foi base para as observações realizadas nas escolas, foi possível compartilhar com os sujeitos da pesquisa diversas leituras e confessa-se que o entusiasmo com que falavam de diversos livros a convenceu a ter a experiência com outras literaturas. Assim, a formação do leitor é contínua e é preciso desmistificar as leituras, por meio do contato com os textos, sobretudo com o conteúdo deles, pois a capa, muitas vezes, não reflete ou remete ao que está escrito nas páginas. “[...] Tem livros importantíssimos para a gente ler nos dias de hoje, por exemplo, que estão com capas horrorosas” (EP2MB).

Entender a intertextualidade é importante, haja vista possibilitar ao formador de leitores a compreensão de que os alunos precisam ter um primeiro contato com uma literatura mais singela e, com o tempo, reconhecerá que um texto leva a outro texto, ou seja, de uma leitura superficial e única a uma leitura mais madura e contextualizada.

Portanto, os meninos podem começar por uma leitura mais simples e a intertextualidade pode levá-los a uma leitura mais madura (EP2MB). EP3MB acrescenta que a capacidade em contextualizar textos vai “depende do leitor e da disposição dele fazer

¹² O presente projeto tem como objetivo incentivar o desenvolvimento de atividades de leitura para formar leitores, pois a desenvoltura em leitura vai proporcionar a melhoria no desempenho dos alunos nas disciplinas como um todo e no exercício do seu papel como cidadão.

avançar. A formação de leitores perpassa pelo construir, desconstruir alguma coisa e estabelecer vínculos, também. Leitores atraem leitores; as pessoas adoram conversar com leitores, com quem se tornam leitores com vínculo”. Essa rede de formação e integração de leitores, conduzida pela influência que um exerce no outro é confirmada por meio do sucesso alcançado com os clubes da leitura apresentado nesta pesquisa, pois, nesses projetos, foi permitido o diálogo entre os leitores, pelo prazer de conhecer as formas de leitura.

5.5.6 Leitores críticos

Ao discorrer sobre a formação do leitor, não se pode deixar de apresentar o leitor crítico, que procura entender as entrelinhas das leituras, questiona, argumenta, reflete sobre o que é ler e faz suas correlações. Nesse contexto, Campello (2009) salienta que o bibliotecário e o professor precisam trabalhar de forma integrada em prol da formação do leitor letrado que, assim, obterá autonomia para buscar informações e usá-las de forma assertiva. Para os sujeitos da pesquisa não basta, apenas, aperfeiçoar esse leitor, mas é necessário educar o aluno para desenvolver o senso crítico de interpretar as escritas, as leituras, as falas e as informações nas diversas modalidades que se manifestam para o leitor. Essa não é uma missão simples de ser alcançada. No entanto, o bibliotecário e o professor, como educadores que são, podem trabalhar em equipe, auxiliando os alunos a desenvolver essa habilidade.

Para EBMB, a leitura

não deve servir só para objetivos pedagógicos, mas ela, na questão de formar o leitor crítico, é necessária porque, na verdade, o menino vai ler e não vai passar por esses livros todos que leu e não vai formar nada. Fazendo esse leitor de aúé, não estamos fazendo o trabalho certo, não! Temos que colocá-lo diante do desafio, qualquer que seja, do próprio texto mais complexo, mais difícil, mais fácil, mas que você dê conta daquela imagem diferente, aquele desafio de dar conta do texto escrito de forma distinta dentro da página, por exemplo, e dizer o que achou daquilo, daquele livro; colocar a cabecinha para funcionar e dizer se aquele livro fez algum sentido, se não fez e qual fez.

Procuro, no caso, como professora de três turmas, trazer para eles, livros que vão proporcionar essa formação e tentar desenvolver com eles a criticidade em cima daquela leitura, seja ela em qual campo for, seja político, seja em outros tipos de literatura (EP1MB).

Trabalhando no Ensino Fundamental, tem um ou outro que já se destaca nessa capacidade crítica. Às vezes, a hora que ele fica pronto ele já foi, a gente deixa uma semente (Ensino Médio), aqui. É possível formar um leitor crítico, sim! **Mas, se a gente fazer o trabalho de formar leitor já vai ser um grande trabalho** (EP3MB).

Uma entrevistada, (EBMB), relatou para a pesquisadora que as leituras são subjetivas e o leitor vai reagir ao contato com a literatura, muitas vezes relacionando ao seu contexto social. No relato da mediadora de leitura, percebe-se que, ao apresentar um texto

para o leitor, é importante que se conheça a realidade desse sujeito. Como exemplo, foi apresentada uma história muito afetiva que retratava a relação de pai e filho, e ao final desse momento de leitura observou-se que um aluno não estava interagindo com aquela atividade, porque “ele estava com uma questão muito complexa com o pai dele; a mãe tinha separado do pai e a relação dele com o pai era muito difícil”. As ações para construir a formação do leitor precisam ser planejadas e pensadas no público que irá interagir com essa atividade, evitando situações negativas, que desencadeiem impactos sentimentais, conflitos e descontentamentos na realidade do leitor.

Para EP1MB, o leitor crítico tem que desenvolver “uma visão crítica em relação aos personagens, à atuação dos personagens naquela leitura, ao desfecho da obra, entendeu? Então, é possível e é trabalhoso, não vou negar, não!”.

Os dados da pesquisa revelam ainda que, para que aconteça a efetividade da formação crítica do aluno, o trabalho que é feito precisa ser contínuo e passar pelo viés do professor leitor:

Eu acho que é uma falha essas pesquisas que **apontam que não temos leitores consistente. Eu acho que a falha está dentro da escola, nesse sentido. Inclusive, o professor de Língua Portuguesa, nós temos vários professores que passam por nós, aí, e não lê um livro para o aluno, não faz essa dinâmica de debate, de discussão.** Então, eu vejo muito da falha na própria escola (EP2MB).

Essa coisa da crítica, da gente pôr para refletir, saber **refletir junto com eles**, pensar. Então, a gente trabalha muito, nessa linha, assim, da crítica, de questionar o leitor (EP1MA).

Uma resposta que ele tem que fazer uma crítica, ou pego um assunto polêmico que é tratado no livro ou então peço a opinião se ele gostou ou não e peço para justificar. Então, assim, eu vejo que eles se tornam leitores bem críticos à medida que a gente vai trabalhando. **Você tem que melhorar sua argumentação; você tem que reler o que você escreveu, assim que você terminar** (EP2MA).

A questão de como será formação dos leitores por um não leitor; como incentivar uma coisa que não demonstra ser uma preocupação encontrada na literatura e entre os pesquisados:

Como que você vai formar leitores críticos, se você não debate e não argumenta o que leu? Então, temos **profissionais capazes de desenvolver esse trabalho de formação de leitores críticos, porém ele não está em todos os segmentos. Não está em nossa realidade.** Então, a chance de não conseguir formar **os leitores críticos é muito grande, infelizmente** (EP3MB).

EP3MB acredita no papel que a internet tem de publicar diversas informações e que o leitor tem que “**rebolar para dar conta do que é e o que não é.** Então, eu acho que tem esse movimento **aí, exigindo do leitor que seja criterioso**”. No entanto, a escola “está pecando nesse sentido, **porque a gente não está ensinando ler as mídias que a gente precisa**”. Essa é uma questão que requer avaliação e estudos mais profundos, como promover estratégias de mediação, incentivo e formação de leituras no ambiente web.

Os professores desenvolvem a prática da leitura para a melhoria da escrita, como relatado por EP2MB: “eu tenho trabalhado também a questão da autoleitura; escrever, ler o que ele fez e depois eu pego das avaliações, faço recortes, [...] para analisarmos em sala. Aí, a gente comenta e eles se tornam um pouco de leitores críticos”. Essa questão da leitura e da escrita possibilita que o leitor vai construindo a organização das ideias e é incentivado a fazer críticas mais construtivas e argumentações consistentes. Isso não é fácil de ser trabalhado na escola, mas a professora garante que os resultados de uma leitura mais pontual é recompensa para o trabalho desenvolvido.

Para EP3MB, é possível, no âmbito da escola pública, desenvolver esse leitor, mas, sem auxílio das famílias, essa prática fica com pouca eficácia. A professora acredita que, com o trabalho contínuo e conversas que estimulem o debate, como realiza em sala de aula, o leitor vai aprendendo a questionar.

Eu pego do texto. Por exemplo, no começo do ano, trabalhamos gravidez na adolescência relacionando com o que é namoro; fizemos debates. Então, essas questões você pega um texto e você pode reportar para outros espaços, leituras e o conversar, debater e para os meninos que leem estimula a ler. Eu falo para eles de religião e, às vezes, eles começam a buscar informações para **me questionar, a partir da Filosofia ou da Política.**

A professora ressalta, ainda, que para cada leitor existe o seu texto e que a maturidade de leitura vai se transformando com o passar dos anos, acurando a criticidade do sujeito leitor.

E a cada ano você tem que saber como falar, respeitando o universo lúdico e maturidade da criança. Por exemplo, se der um “Sinhá Moça” para um menino de sexto ano ele iria ler, mas não teria a mesma visão de quem já passou por todo o processo da vivência em História. Lógico, que você não pode fechar esse grupo, porque tem meninos que são muito críticos, [...]. O aluno pode ler um “Guimarães Rosa” no nono ano e quando for adulto terá outra visão desse autor. E, como qualquer acesso, você tem que acompanhar o menino refletir, se colocando junto com os personagens e pensando em você fazendo um debate; você pode criar um ambiente gostoso de críticas; [...] Acho que é possível. Por isso, que o Clube do Livro é bom para aqueles que querem (EP3MA).

Já EP2EPG, entende o leitor crítico como aquele “que busca suas próprias experiências literárias, ao mesmo tempo em que considera as dos outros”. Esse é o leitor que vai além do que está escrito. Para interpretar o texto, “é mais que decodificar letras, ou seja, é letrado, não alfabetizado”. Com efeito, essa leitura pode refletir no contexto vivido e as interpretações são subjetivas e se complementam às questões do autor, conseguindo, o leitor crítico:

[...] se posicionar diante de diferentes interpretações textuais e sabe que em interpretação mais de uma resposta pode estar certa, desde que está sustentada no texto; adora ler o que gosta, mas se abre para ler de tudo e, o principal, sabe que ler é ler livros, filmes, músicas, a realidade que o cerca, o mundo (EP2EP).

Você estimula ele a buscar tudo que está envolvido nessa obra, não só o que o autor quis te falar, mas a própria influência que esse autor sofreu para escrever aquela obra. Então, você consegue entender as motivações e começa a perceber, ali, as nuances do discurso. Então, você começa a perceber os vícios do autor na hora da escrita. E esse leitor múltiplo tem um grau de criticidade do iniciante (EP1EP).

Acho que todos os leitores acabam sendo um leitor crítico [...]. Quando você está falando, conversando do livro, você não passa da mesma forma que o autor colocou ali. Você faz uma análise crítica; você coloca a sua opinião (EB2EP).

O leitor crítico sabe. Ele sabe falar exatamente e quanto mais ele ler, mais quer ler uma coisa mais difícil; não quer mais ler aquilo do mesmo patamar, quer melhorar, pegar uma coisa diferente. Eu vejo por esse lado! E, também, o leitor crítico que começa cedo a ter certas noções de cidadania, democracia, política começa a ter essa visão, também (EB1EP).

Para EP1EP, “o livro educa a gente, emocionalmente; há uma educação socioemocional com a leitura”, que permite ao leitor a construção da interpretação, a partir de pontos de vista distintos. O leitor pensa, dialoga, reflete para construir sua opinião. Os sujeitos da pesquisa acreditam ser possível formar um leitor crítico, mas para tal, os formadores de leitores devem incentivar o debate, e trocar experiências com seus pares.

O letramento informacional é reconhecido pelos entrevistados, e as ações relatadas refletem, nas entrelinhas das entrevistas, tal preocupação. Entretanto, apesar da inquietação com o letramento e a formação de um leitor crítico, não há ações planejadas especificamente para esta competência.

5.5.7 Leitura utilitária, informativa e técnica

A leitura é apreciada pelos sujeitos da pesquisa para diversos objetivos, por exemplo, para fins específicos do contexto individual (leitura utilitária), entendida como um fim principal, como ressaltado pelas entrevistadas: “leio livros e trabalhos acadêmicos para o Doutorado” (EP2EP); “por necessidade de trabalho” (EB2EP); “aquela leitura técnica, tem que ter aquela leitura essencial para a profissão”; “também para o trabalho, a gente tem que fazer uma leitura dinâmica de todos os livros para catalogar. Como você vai catalogar um livro sem ler? Não tem jeito!” (EB1EP).

Na escola MA, as respostas se assemelham a EP. Contudo, EP1 e EP3 de MA não especificaram o tipo de utilidade da leitura, mas acreditam que leem para todas essas funcionalidades. EP2MA afirma que leitura qualifica o fazer profissional. Assim, a leitura utilitária tem o propósito de “qualificar o trabalho, pois a gente faz muita leitura para poder preparar o material”.

Já os profissionais de MB, também se identificam muito com a leitura. Na resposta da bibliotecária, fica visível o poder e prazer que o ato de ler acomete:

Todas elas. A leitura para mim está muito ligada a minha vida; ela serve para todos esses propósitos e mais alguns que eu não tenha pensado.

[...] eu **faço que é utilitária, eu considero que seria a leitura que realizo para desenvolver meu trabalho para a formação de leitores**. Isso para mim também é **uma fruição** enorme. [...] **leio vários e me divirto com isso. Então, no mesmo tempo que é utilitário, é prazeroso**. Eu não leio só para o que preciso, mas **porque gosto mesmo e me faz bem**; (EBMB).

Ultimamente, tem sido utilitária (EP2MB).

Todas, eu leio para meu trabalho. É tão engraçado. Na minha cabeceira eu tenho **revistas em quadrinhos**, e estou com um livro **de uma história em estilo de RPG**, porque estou **lendo para ensinar os meninos, pois acho que o RPG ajuda os meninos a lidar com algumas narrativas**. Eu estou lendo o **Walter Hugo Mãe, “Filhos dos meus pais”**. Então, assim, eu estou sempre lendo muitas coisas ao **mesmo tempo e a relação é sempre** essas todas (EP3MB).

EP2MB **descreve um pouquinho a de fruição**.

Pesquisadora: Fruição é quando você ler por prazer.

Esse aí, eu estou em dívida comigo. Nossa! **Como estou em dívida comigo!** Ultimamente, eu tenho lido mais a **caráter profissional, ou estudo da Pós, ou algo ligado aos projetos da escola, coordenação. Essa leitura deleite, ultimamente, ela não tem feito parte da minha vida, não** (EP2MB).

Para EP2EP, leitura informativa caracteriza-se como “notícias para me informar”. Já a leitura por fruição, compreendida como prazer, pode estar interligada, por exemplo, “**a observações do Mestrado, para conversar com os alunos**, porque a gente fica nesse processo. Às vezes, a **gente exercita a técnica e deixa o lazer de lado, mas há leituras didáticas que são prazerosas**. Mas, eu também leio por prazer. Então, o pessoal fala assim: ‘ah! Mais? Nossa! Você está em casa e ao invés de descansar, você está lendo’. ‘Ah! Eu estou descansando; estou lendo, descansando’. Então, eu leio para todas as finalidades possíveis” (EP1EP).

De acordo com os relatos da pesquisa, a leitura por fruição está representada “nos romances por prazer” (EP2EP), e constitui “um hobby, é um hábito, é um escape que a gente tem pra sair um pouco da realidade” (EB2EP), devendo sempre ser realizada, “[...] sempre levo livro da biblioteca para casa e fico lendo em casa porque eu gosto, realmente de ler” (EB1EP). Para EP2MA, “é muito gostoso ler o que a gente gosta, livros clássicos. Não vão ler literatura de qualidade, a gente tem que ter o cuidado de orientar e indicar também”.

Isso me traz felicidades e, aí, quero compartilhar. Eu li esse livro; lê para você ver que bacana que é! Eu penso assim: esse médico, professora podia ler esse livro que iria ser bom para ela. Sabe, então, assim, sou motivada demais. (EP1MA)

Isso contagia também, para mim, o entusiasmo; o prazer é uma forma de formar leitores. Quando eu me preparo, eu gosto de ler para mim; é muito importante na formação do leitor. Eu acho que, de certa forma, eu transmito isso para eles, quando chegam, aqui, e me ver lendo alguma coisa, seja porque eu aponto para ele um livro que eu li, seja porque ele me ver e sente em mim o entusiasmo (EP1MA).

É tudo! Quando eu me aposentar, vou voltar a ler meus livros de Filosofia, que eu amo! A melhor coisa que fiz na vida foi fazer a Filosofia (EP3MA).

Apesar de todas as entrevistadas admitirem que têm o prazer pela leitura, duas disseram que, em meio às grandes demandas contínuas, a prática dessa leitura tem ficado mais para os períodos de férias.

5.5.8 Leitor e suas leituras atuais

A categoria *Leitor e suas leituras atuais* foi essencial para esta investigação. Dentre os sujeitos da pesquisa, todos se consideram leitores e o mais interessante é que, ao serem questionados sobre o que estão lendo, três pessoas responderam que a atividade de leitura não está tão ativa, pois estão se dedicando a leituras técnicas para formação e desenvolvimento do trabalho escolar. É visível a relação que estabelecem entre o leitor, com a leitura de fruição.

Eu procuro, não vou dizer que sou pela questão do tempo; muitas vezes, a gente ler obrigada pela questão do trabalho [...]. Obrigada até [...] pelo fato de como que vou discutir com o aluno se eu não tenho o entendimento daquele livro. Neste projeto que a gente está desenvolvendo, **para a mostra dificultou mais, pois são oitenta e tantos livros**. Mas, assim, eu **procurei dar uma folheada, procurei ler a sinopse para ver sobre a autora**; então, eu procuro ser [...] **não só o que eu gosto, mas preciso de estar inteirada disso, mas trazê-los também para interagir**.

[...] Estou passando por todos os livros, mas eu vi que **eles gostaram muito do “Menino que tocava tambor”**; é legal! **O último que eu li foi o “Menino que comia lagarto”**. **Ai! Esse eu li, que trata da questão da terra na África**. Essas foram as últimas leituras, muito bem! (EP1MB).

Eu me considero **amante da leitura, mas, atualmente**, não tão apta, entendeu? [...] **Divido hoje, trabalho, família, Pós-Graduação e tudo; eu me entendo, mas continuo lendo lá na Pós** (EP2MB).

Ao abordar, nas investigações, a questão do leitor e das leituras, enquanto o uso na vida das entrevistadas, elas aproveitaram para falar da relação que mantêm com essa prática, porque se consideram leitoras e em seguida foi perguntado qual o livro que estão lendo no momento.

Porque isso faz parte de **minha vida desde sempre**. Eu fui **uma criança, adolescente leitora, pegava livro da biblioteca pública toda semana**. **Isso faz parte da minha vida**.

Pesquisadora: Você teve incentivo em casa?

Ah! Sim! Minha mãe. Ela era leitora, escrevia também e era uma incentivadora dos estudos; eu sempre me considerei leitora.

Eu leio livros que chegam às bibliotecas infantis e infantojuvenis. Se não leio o livro completo, eu leio a sinopse, trechos, questões do feminismo, emponderamento da mulher; leio também, muita poesia e romances, também.

Pesquisadora: Você gosta de escrever? Quando você fala de poesia, me parece que você gosta.

Pouco. **É uma questão que quero desenvolver** (EPMB).

Pesquisadora: Tem algum especial?

Não! **Eu li o livro da Chimamanda, “Sejamos todos feministas”;** Djamila Ribeiro, também; de romance eu li um livro de uma escritora espanhola chamada **Rosa Monteiro. Ah! Eu estou sempre lendo dois, três livros ao mesmo tempo** (EBMB).

Pesquisadora: Eu estou lendo agora **“Olhos fechados” da Lavínia Rocha. Você conhece? Escritora para adolescente, ela vai visitar uma das escolas que estou pesquisando. Aí, irei fazer uma observação participante. Eu gosto muito de literatura infantojuvenil.**

Ah sei! Juvenil! Estou lendo livros **também para minha prática de ioga;** as leituras que estão **ocupando mais tempo são essas** (EBMB).

Estou lendo **“Alfabetização uma questão de métodos”.** Esse, eu estou lendo mais para **continuação da minha especialização, por mim mesma, pela questão de incentivo ao professor e eu vejo que eu leio mais, porque eu quero, constantemente, especializar-me na especialização que eu fiz.** Esse é que tem sido mais marcante (EP2MB).

Voraz, eu leio de dois a três livros por semana [...]. Três! Eu estou falando do prazer. Às vezes, eu pego o livro e leio o primeiro capítulo e o último. Chegou alguma coisa, eu estou com tempo para ler, eu vou pegar e ler tudo. Mas, se eu não estou com tempo, eu vou ler princípio, meio e fim, para ter uma ideia. “Nor Que atravessou”, “Hibisco roxo da Chimamanda Ngozi Adichie (Nigéria)” é maravilhoso! (EP3MB).

Pesquisadora: Essa autora está famosa. Ontem, uma mediadora que entrevistei falou dela. Vou comentar com ela desse livro.

Nó! As meninas estão lendo ele agora. Assim, eu sempre estou lendo. Ali, tem dois ou três livros, na estante, com marcador que, aí, eu vou lá, pego e leio um pouquinho. Mas, esse eu tive que ler em uma semana; não aguentei (EP3MB).

Pesquisadora: É! Tem livros que é assim! Ficamos loucos para saber o final.

Eu estava lendo, também, a literatura chilena, “Inês na minha alma” da Izabel Allende e “A contadora de filmes” que é muito bacana e vale a pena (EP1MA).

“The Handbook of Cognitive Linguistics” de Geeraerts e Cuyckens, para tese e, no momento, leio “O Duke e eu” de Julia Quinn, pelo prazer de ler (EP2EP).

Nessa categoria, também foi considerada pelas entrevistadas a relação da leitura para aquisição de conhecimento por parte do leitor. De acordo com os relatos de EP1MA, “eu me considero bastante e atuante, não só do livro físico, mas de informações nas redes sociais, cartazes que me ajudam na busca por cursos. Eu leio cartazes dentro do ônibus e, de repente, eu vejo um site bacana de leitura”. Ao contrário dessa entrevistada, EP3MA prioriza a leitura de livros, com o intuito de adquirir conhecimento: “eu leio três livros a cada quinze dias”.

O gosto pela leitura é refletido, também, na fala de EP1MA, ao proferir que: “eu sou uma boa leitora, porque gosto de ler os livros que compro, ganho e pego emprestado nas bibliotecas”. A professora EP2MA menciona a importância e estima que possui com livros religiosos e de autoajuda: “ler São Francisco de Assis, livro espírita que fala da vida de

São Francisco de Assis. Eu fiz uma **conexão** com essa leitura ao assistir uma exposição de São Francisco de Assis e os mestres italianos lá na casa Fiat de Cultura. Eu sempre gostei muito de ler e por esse fato eu trabalho muito a questão da leitura” (EP2MA).

No entendimento de EP3MA, a leitura vem complementar o momento de lazer: “eu não vejo televisão, não sou muito ligada à internet, mas gosto muito de pesquisar sobre filósofos, historiadores, algumas pessoas que tenham debates na internet. Mas, o meu prazer é ler. Isso é a melhor coisa do mundo: melhor companhia, te faz crescer, pensar e se abrir para as pessoas. [...] Leitura é isso: meu prazer”.

Ao longo das entrevistas relacionadas à questão do *Leitor e suas leituras atuais*, os motivos que estimulam alguém a ler vêm sendo retomados com a categoria anterior, acerca dos tipos ou modalidades de leitura, como pode ser constatado no comentário: “como faço Psicanálise, tem muito isso da leitura, de analisar os textos da vida da gente [...], para meu trabalho de incentivo à leitura”. Já para EP3MB, “eu sempre li o que os meninos vão ler; eu não li aquela coleção toda do Crepúsculo, nem do Harry Potter. Eu li alguns, mas tem época que tem essas febres”.

Assim como EBMB, a EP1EP se considera uma leitora apaixonada por livros, interesse despertado pelo pai, um exemplo de leitor.

Quando me tornei adulta, a gente compartilhava muitas leituras. Eu já sabia o gosto dele pela leitura e já levava os livros que eu sabia que ele ia gostar. Aí, ele lia e, muitas vezes, a gente tinha opiniões diferentes; aquilo gerava uma discussão; [...]a gente compartilhava as leituras, que é o que a gente promove no Clube da Leitura[...]. Então, o exercício que ele me ensinou e eu passo para meu filho. Agora, eu gostaria de ser uma leitora ainda mais crítica do que eu sou. Eu tenho amigos que são leitores excepcionais como Harvey, por exemplo, como a Geisa, por exemplo. Quando eu vejo a interpretação que eles dão para a obra, eu falo: “não é possível, gente. De onde tiram tanto conhecimento?”. Então, quanto mais a gente ler, [...] acha que precisa melhorar. (EP1EP)

Eu me considero uma leitora bem ativa. É! Eu acho que toda forma de leitura é válida. Desde que você leia um jornal, uma notícia, você é um leitor, que é ali que começa a desenvolver a uma feição; é o seu gosto pela leitura (EB2EP).

Tive lá em casa meu pai, lia muito; mãe, não muito; mais, ele! Lia mais esses livrinhos de faroeste. [...]. Leitura de jornal, revista, eram constantes em minha casa e lembro que eu tinha treze livros de histórias infantis, quando era criança, e não sabia ler ainda. [...]; aprendi a ler sozinha e acho que é devido a isso, de tanto ficar para lá e para cá com o livro, acabou, sempre gostei de ler. O dia em que descobri uma biblioteca! Aí, minha filha! Difícil foi me tirar de lá (EB2EP).

EP1EP é uma leitora realmente voraz que aproveita cada minuto para a leitura por prazer, considerando-a como um constante aprendizado. Nas palavras dela: “Fique comigo’ da autora Nigeriana (Ayobami Adebayo) é maravilhosa [...]. Estou lendo agora. Vou começar a ler ‘As alegrias da maternidade’, também de uma autora africana. Mais, eu li ‘Oitavo dia’, que foi indicado por uma aluna, e eu li porque ela ficou muito encantada com o

livro e eu queria compartilhar com ela. EP1EP motivou-se a ler uma obra, porque a temática abordada é autismo, e o sobrinho dessa entrevistada teve diagnóstico ainda não concluído de espectro autista.

Isso me ajudou tanto que um aluno autista meu, que nunca tinha me olhado na sala de aula, me chamou e fez uma pergunta; quase caí de susto, pois nunca tinha ouvido a voz dele; ele não responde chamada, não fala nada e hoje quando ele me vê nos corredores da Escola, ele fala: “nossa professora! Eu quero ver sua aula. Estou com saudades!”. Ele sai da sala dele para assistir a aula na minha sala (EP1MD).

A professora concluiu a relação do leitor com os problemas do mundo, destacando que os livros funcionam como instrumentos educadores, ou seja, além de proporcionarem conhecimento para superar desafios, possibilitam a compreensão e o entendimento com o próximo.

Quando indagada sobre que obras mais leu, discorreu acerca da necessidade de ter elaborado uma lista, tendo em vista o grande número de obras utilizadas na prática leitora. Sobre essa questão, menciona que, “[...] não li ainda, não, porque estou na fila da leitura e não chegou a minha vez ainda, não! Eu li aquele mesmo que, do Dan Brown, que escreve ‘O código da Vinci’, foi o último livro do Dan Brown”.

No decorrer dos discursos, percebeu-se, novamente, o papel da intertextualidade e o potencial dela em ampliar as competências do leitor em analisar, criticar, comparar e indicar livros. Assim, de acordo com EP1EP, “é muito bacana essa capacidade que você tem de ler (competência), e inter-relacionar as histórias; coisas de professor de História [...]. É! Você vai lendo e vai lembrando-se de outro livro e na hora em que você olha você fez uma trama e você não consegue mais separar qual que é qual de qual livro, você já criou uma trama inteira”.

Eu li prá todos os garotos [...] ameí; é uma coleção; foi um [...]. Aí, eu li todos. É! Estou lendo “O de olhos fechados”. [...] “A culpa das estrelas”, eu tenho o costume de ler muitos livros, aqui, que os meninos indicam, aqui, na escola. A gente conversa muito sobre livros, igual “Sherlock Holmes”, o “Enigma do Signos”. Os quatro signos eles estão lendo; então, começa a instigar, o que acontece aí, eu vou, leio, também, para ter o que conversar com eles. Então, tem muitas obras que leio para ter interação [...] Na verdade, para você ter noção, eu estou fazendo uma lista dos livros que preciso ler, tanto que eles me indicam e eu não vou lembrando, aí, eu tenho que fazer uma listinha e eu vou ler esse, tem que ler esse!

Em Bom Jesus do Amparo, [...]. Fora eles, eu peguei um de crônicas. Eu gosto de ler romances espíritas; eu não tenho preconceitos; até tentei pegar um livro voltado para o evangélico, mas eu não gostei muito, não; achei, assim, muito fechado. Aí, esses que eu li são “Gêmeas”, “Ninguém é de ninguém” (EP1EP).

A leitura permeia na maioria dos depoimentos, diversos campos dos sujeitos de pesquisa, pois estão sempre lendo informações atuais, tanto para estarem atualizados ao trabalho ou para sugerirem para os alunos a leitura de obras infantis, juvenis e/ou direcionadas a um público adulto. O Clube da Leitura impulsiona a ler mais, porque os

profissionais envolvidos com a leitura, mediação e incentivo precisam estar atentos/atenados ao contexto de vida dos leitores, no intuito de transmitir a leitura e o aprendizado dela oriundo, de forma abrangente. A biblioteca lida com todos os públicos, tanto crianças nos anos iniciais ou finais. Logo, manifestam-se leitores formados ou em formação, o que exigirá dos profissionais um conhecimento profundo referente às obras e aos leitores.

5.5.9 Capacitação

Na categoria em tela, os sujeitos da pesquisa demonstraram que estão em constante formação para desenvolver o trabalho com a leitura. Inclusive, apresentam-se, nesse item, bases teóricas que auxiliam os mediadores de leitura no entendimento da leitura e dos processos de mediar este ato. Pode-se observar que os professores demonstraram afinidade ao referirem-se à categoria.

Para EP2EP, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação e dos Planos Curriculares Nacionais são documentos básicos que consideram a leitura como competência a ser desenvolvida e discorrem, também, acerca do processo de mediação da leitura. Além disso, a entrevistada entendeu leitura como um processo cognitivo, que envolve habilidades mentais como Colomer e Camps (2002) e Kleimer (2011) defendem. As autoras refletem sobre o entendimento do texto pelo leitor, por meio da troca de conhecimento do leitor em relação ao mundo e a interação com o que o texto expressa construindo novos conhecimentos aos esquemas mentais de quem pratica a leitura. Já Kleimer (2011) entende o texto por meio da relação da coesão (como foi escrito) e da metacognição (como foi entendido) e - se preocupa com a leitura de elementos externos que auxiliam na compreensão do texto.

EP1EP retrata o início da carreira com a mediação, afirmando que era uma “leitora qualquer”. Mas, ao longo do tempo, o contato com outras áreas do conhecimento, principalmente Filosofia, Biblioteconomia, Língua Portuguesa propiciou o aprendizado. Com efeito, segundo a entrevistada, existem teorias e fundamentos que norteiam esse assunto, sendo que, até então, por incrível que pareça, a disciplina de história não privilegia.

Quando a gente faz o curso, a gente lê muito, aprende muita coisa, mas não Teoria da Leitura, Literatura, vários ramos da Literatura; você não tem esse conhecimento. Então, isso, à medida que eu fui trabalhando, eu fui buscando cada vez mais conhecimento. Então, eu gosto muito da Lajolo, gosto muito de Ana Camps, do livro “Ensinar a ler ensinar a compreender”. E quem mais? Lembrar aqui! Quem mais eu gosto de ler sobre teorias? (EP1EP).

Pesquisadora: Eu vejo que no projeto vocês citam a Magda Soares. Eu conheci essa autora por vocês. Agradeço! E acabei de ler um livro dela sobre o “Letramento: um tema em três gêneros”. Depois, se você tiver oportunidade, vale a pena; ela fala dessa questão do letramento.

A Magda Soares, a Zilberman. Então, são as bases que a gente vai construindo; mas isso, a gente vai fazendo à medida que o trabalho vai desenvolvendo, porque, às vezes, a teoria, quando você vai aplicar na prática, ela não funciona. Então, você precisa ter a prática e embasar a teoria e os dois têm que caminhar juntos; não tem como usar só um ou outro; tem que ser os dois (EP1EP).

Letramento literário Rildo Cosson (EP1MA).

“Primeiros passos”, “O que é leitura?”. Que não é somente leitura de letras, de palavras, mas tem a leitura do mundo, das artes e outras mais. E é uma leitura boa que forma e informa (EP2MA).

Eu gosto muito da Carla Mascarelle, dos livros dela, receitas para um professor. Do Ronald Clav, que veio até aqui. Poesia, eu brinco muito com os meninos que eu gosto da Rosiane Moraes.

Você pode fazer esse paralelo dos textos informativos com os outros e aí eles entendem a linguagem da Literatura que é diferente, é conotativa, te reporta a outros universos da própria palavra, mas, assim, teoria eu não sei; talvez, minha vivência, porque trabalhei muitos anos com o Francês, fiz Mestrado em Literatura Francesa e não defendi minha tese, com o foco na implementação do Francês Instrumental na federal. E a essência do instrumental é você aproveitar a prática de leitura para entrar nos textos e, no âmbito, a pessoa apreende a ler. Essa prática de leitura que me fez trabalhar com os meninos os textos objetivos e ligados à Literatura (EP3MA).

Baseados nas diretrizes, sempre foi referencial **Magda Soares** (EP1MB).

Alfabetização eu estudei muito **Magda Soares**, mas é tanto na questão aquisição da escrita e no desenvolvimento da leitura! (EP2MB).

Rildo Cosson é uma pessoa que **eu estudei muito mesmo, para saber como trabalhar**; eu sigo muito as coisas que eu já ouvi e vi ele falar (EP2MB).

Por sua vez, os bibliotecários refletem a questão da leitura com menção ao letramento, embora seja percebida certa dificuldade para discorrer sobre o assunto.

Letramento entraria nisso. Letramento aquilo que você ensina, você incentiva o aluno, a pessoa, o indivíduo a ler. Você está dando aquela base, criando hábito para a leitura, mostrando, ele a importância. É isso que eu lembro, assim... (EB2EP).

Conhecer, sim. Vou citar aqui os autores como Campello, além dos livros dela que eu tenho e sempre recorro a eles. Tenho outros autores que também procurei ficar por dentro como o pessoal da Aletria, Rosane. A gente procura saber, mas não sei te falar mais quem são (EB1EP).

A docente EP1MB teve certa dificuldade para reconhecer o foco da questão abordada, nesse momento. Observou-se que os profissionais que estão em constante capacitação tinham maior habilidade para responder a questões voltadas para a teoria da leitura.

No entanto, a bibliotecária da escola MB, por ter mais experiência na área, demonstrou maior habilidade ao reconhecer as bases teóricas que auxiliam o trabalho dela com a leitura. De acordo com o seu ponto de vista, o bibliotecário escolar é considerado um especialista. Nesse sentido, a entrevistada acredita que quando o bibliotecário conclui a formação acadêmica, com uma base generalista, ao inserir-se na Biblioteca Escolar, ele precisa se especializar na área ou segmento que deseja trabalhar.

Acho muito importante as bases que norteiam esse trabalho com a promoção da leitura. É um conhecimento sobre a educação, bases curriculares, as bases da educação do país, cidades e municípios. Se for uma escola particular o que norteia o projeto pedagógico daquela Instituição. E se nortear, também, com o trabalho com a literatura infantojuvenil, também. Se não conhecermos, **não conseguiremos mediar de forma correta**. Eu percebo que **os professores**, mesmo **os profissionais da biblioteca, a gente acaba reproduzindo pensamentos, livros, coisas da nossa adolescência, juventude e não se abre para o mundo novo** que a questão **do gosto da criança e do adolescente agora**. Se a gente não tiver esse diálogo muito próximo, a gente acaba se afastando da vivência desse nosso leitor/usuário e a nossa conversa com ele não vai ser legítimo.

Além disso, reconhecem a necessidade de uma formação adequada do leitor e dos profissionais envolvidos com a leitura, adotando estratégias para uma constante capacitação e aperfeiçoamento. Ressalta-se ainda, que os sujeitos da pesquisa têm planos para cursos futuros que possibilitem a efetividade das ações de mediação e incentivo à leitura.

EP2MB informou que, atualmente, como forma de capacitação, está cursando Especialização na área de Mídias na Educação. EP2MA participou de curso voltado para esse assunto, também, mas com foco em gestão de projetos educativos e novas tecnologias. Já EP1MA, reforçou o valor da participação em palestras e eventos sobre o tema, ao passo que EB2EP tem pretensão em cursar Pedagogia para ter uma interação, um complemento da área. Nas palavras da bibliotecária, “[...] eu gosto da biblioteca escolar; eu acho fantástico o movimento que é a escola, sabe! Você não fica naquela rotina! [...]”.

A responsabilidade exigida para a atuação com leitura e o esforço no aperfeiçoamento por parte do profissional ficam evidenciados nos comentários dos sujeitos da pesquisa.

Eu comecei a fazer Letras, mas quanto mais eu estudo mais eu falo gente, é muita coisa! Muito detalhe. Nossa! Nem me sinto preparada para a responsabilidade que é; mas eu quero me formar em Letras ainda (EP1EP).

As entrevistadas também se dedicam a cursos de contação de histórias. EP1EP realizou esse curso no Ateliê. EB2EP está se planejando para começar um curso de contação de histórias. EB1EP participou de cursos de curta duração, com viés voltado para musicalidade e expressão oral, cuja facilitadora foi Beatriz Mirra.

Os sujeitos da pesquisa que representam as escolas municipais ressaltam que a Prefeitura de Belo Horizonte oferecia muitos cursos de formação, mas que, nos últimos anos, essa atividade está mais restrita, e que as parcerias com as pesquisas acadêmicas têm possibilitado a troca de conhecimento.

EBMB destacou as formações fornecidas pela prefeitura, sobretudo no que tange à área de capacitação em serviços e EP1MB, em especial a formação em curso direcionado às relações étnico-raciais. Por sua vez, EP2MB cita a sua participação em reuniões da prefeitura e cursos voltados ao processo de alfabetização. Mesmo

reconhecendo o potencial das capacitações, reconhece que precisa se capacitar mais. Por fim, EP3MB cita o curso “Articuladores de leitura”, oferecido nas escolas polos da prefeitura e destaca a necessidade de constante aprendizado, ou seja, esse deve ser infinito na vida das pessoas. Assim, discorre: “[...] eu sou poeta e eu faço, às vezes, oficinas em minha área; eu acho que eu não posso parar de aprender”.

A partir dos comentários das entrevistadas, é possível depreender que a capacitação continuada é essencial para a efetividade dos trabalhos com a mediação e o incentivo à leitura. O professor e o bibliotecário que realizam essas atividades precisam acompanhar as novidades da literatura, com o intuito de efetivar a interação entre ela e seu leitor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de vista etnográfico foi fundamental para a compreensão das observações realizadas no campo de estudo, pois permitiu que a pesquisadora se tornasse parte daquelas instituições e a interação com os sujeitos da pesquisa foi a base para as conversas que possibilitaram acesso aos dados da investigação. As entrevistas em profundidade foram além dos encontros nas escolas e as trocas de conhecimento entre pesquisador e sujeitos continuam se desmembrando, construindo o saber que deve ser contínuo.

O objetivo principal desta pesquisa foi conhecer as ações de mediação e incentivo à leitura desenvolvidas, pelos bibliotecários, nas bibliotecas escolares, especificamente na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Verificou-se que nas bibliotecas existem projetos planejados e implementados. Em uma das unidades municipais constatou-se a existência de um projeto contínuo, o Clube de Leitura e em ambas a presença de ações sazonais de mediação e incentivo à leitura, que são escritas e trabalhadas em conjunto com os professores e a equipe da biblioteca.

Chamou à atenção o fato de seis entrevistados queixarem-se de que nem todos os professores de português estarem abertos ao trabalho em colaboração com a biblioteca. Uma sutileza: só reclamaram da falta do professor de português, ou seja, ainda há um certo mito mesmo entre os bibliotecários e suas equipes de que a biblioteca tem por objetivo precípuo a formação de leitores proficientes em leitura literária. Um exemplo, como a equipe da biblioteca MB é muito proativa, convidou outros docentes para assumirem esse lugar considerado do professor de português, mas que a literatura defende ser de todos os membros da escola. A parceria tem se concretizado, integrando diferentes profissionais como historiadores, filósofos e produtores de texto ao ambiente da biblioteca.

Na escola MB, os empréstimos, orientações de leitura e contação de história são constantes na biblioteca. A bibliotecária esclareceu que a contação de história é importante, embora não seja a única estratégia, cabendo aos profissionais buscarem meios de capacitação e aperfeiçoamento para o exercício relacionado à leitura nas bibliotecas escolares. Neste caso, há uma abertura da entrevistada quanto ao letramento, demonstrando que o trabalho na biblioteca ainda é incipiente para o planejamento de ações neste sentido.

Já as escolas MA e EP, além das atividades supracitadas, desenvolvem projetos semelhantes como o Clube do Livro e o Clube da Leitura, os quais têm como objetivos compartilhar leituras, por meio do contato com mediadores, escritores, livros e filmes que possibilitam a interação com a literatura, a partir do prazer de ler. Os clubes da leitura permitem a participação ativa dos alunos a eventos de leitura, atividades essas

consideradas por Carvalho (2016) como uma fonte de aprendizagem. O contato com atos de leitura e escrita confere ao leitor a possibilidade de ampliar o conhecimento de si e do outro. O diálogo do leitor com o objeto lido é um ponto de partida para a formação do leitor, e o auxílio do mediador de leitura, nesse processo - de ler com os leitores - poderá favorecer o intercâmbio de leituras, ampliando o entendimento de determinado assunto para ambas às partes.

Para que se alcance a efetividade dessas ações, é fundamental conhecer os meninos, a escola e a literatura, sendo leitores que vão formar o leitor pelo exemplo, pelo diálogo e por praticar aquilo que se acredita. A eficácia das atividades perpassa pelo trabalho contínuo dos profissionais com os processos de mediação e incentivo à leitura, e dois sujeitos da pesquisa professores percebem, na rotatividade do servidor, um problema para o alcance desses objetivos. Uma entrevistada docente, inclusive, informou que a prefeitura pretende institucionalizar os projetos de leitura, como o Clube do Livro, em toda a rede de bibliotecas escolares de Belo Horizonte. Mesmo assim, uma entrevistada acredita que a obrigação em participar do projeto vai criar um distanciamento dos leitores que buscam a atividade leitora pelo prazer de ler.

Assim como EP1EP, que aceita as novidades da literatura: “eu lia muito autor estrangeiro e agora eu estou lendo muito autor brasileiro e principalmente autores novos, a nova geração, e isso está enriquecendo muito. E, por incrível que pareça, são autores jovens com uma escrita madura”, percebe-se que antes o movimento era contrário, de autores maduros escrevendo uma linguagem jovem para atingir esse público, “achando que o jovem tinha que ter uma linguagem diferenciada para se interessar pela leitura”. Os resultados desse processo de leitura proporcionam a formação de um público juvenil com ideias inovadoras, com vocabulário experiente, não apenas lendo, mas escrevendo livros. Com efeito, o que se espera do mediador e incentivador da leitura é que esteja em constante contato com o contexto do seu leitor, para que essa interação seja efetiva e viabilize resultados satisfatórios.

Os resultados alcançados evidenciam que o bibliotecário utiliza da sua competência de ser leitor para a escolha das ações de mediação, para lidar com a informação, além de conhecer a literatura que dará suporte às atividades planejadas. O conhecimento cultural e as experiências desse profissional estão presentes em suas ações de mediação e incentivo à leitura. Dessa forma, a comunidade escolar é motivada a participar das atividades e projetos desenvolvidos pela/na biblioteca, pois, conforme relatado na literatura e nos projetos descritos nesta investigação, é possível constatar que há bibliotecas escolares que encontram-se desenvolvendo ações de sucesso; mesmo com problemas, a vontade de compartilhar conhecimento é maior.

Os sujeitos da pesquisa reconhecem a necessidade de se informar para o bom desempenho das atividades e para a ampliação do conhecimento, desenvolvendo a capacidade de um pensamento crítico e reflexivo, que vai ao encontro da teoria de Doyle (1992), quando reflete que o profissional necessita ser competente em informação para tomar decisões mais assertivas.

O trabalho em equipe de professores e bibliotecários transcorre pela coordenação com o viés da colaboração simples conforme exposto em Pereira e Campello (2016), cujo foco é a eficiência do desempenho das atividades agendadas para o uso da biblioteca. E direcionando para ações que envolvem o planejamento, a cooperação para trabalhar por objetivos comuns, como no Clube da Leitura da Escola Privada. Ademais, esse trabalho viabiliza a implementação de uma aprendizagem mais ampla, condizente com um currículo integrado, o qual possibilita a aproximação do corpo docente com a biblioteca.

A partir dos resultados alcançados com a pesquisa e fundamentada no referencial teórico, é possível concluir que para o desempenho adequado das atividades de mediação e incentivo à leitura, a instituição precisa adentra-se à trindade: planejamento, formalização e colaboração. Com efeito, presume-se que o bibliotecário precisa possuir a competência e habilidade ligadas à educação e à gestão.

Além disso, os resultados da pesquisa revelaram a possibilidade de se reconhecer a biblioteca como um ambiente inovador, que vai muito além da guarda e tratamento do acervo. O relato das entrevistas confirma a possibilidade de o profissional realizar práticas de leitura, sustentadas por processos de mediação e incentivo à leitura, contribuindo para a formação instrutiva e crítica do sujeito, contribuição esta atrelada aos objetivos da instituição de ensino. Portanto, é preciso, *a priori*, acreditar na mudança e no diferencial da biblioteca, instituindo a cultura da valorização, do reconhecimento e da colaboração.

Por conseguinte, com profissionais engajados com o trabalho, é provável que a satisfação seja estendida a todos os membros das equipes, interferindo, portanto, no rendimento dos diferentes profissionais da educação como professores, pedagogos, auxiliares administrativos, bibliotecários, enfim, todos os sujeitos envolvidos no contexto educacional. Assim, os processos de mediação e incentivo à leitura tendem a ser melhorados quando todos em conjuntos falam a mesma língua, interferindo na melhoria contínua de toda a unidade escolar.

As observações realizadas *in loco* demonstraram o engajamento da equipe da biblioteca com as atividades de mediação da leitura, mesmo que desafios dos mais diferenciados se manifestem. Especificamente na biblioteca da escola MA, mesmo que o bibliotecário não tenha perfil adequado a uma biblioteca escolar, a equipe atua de forma estratégica e colaborativa, no intuito de que o processo de incentivo e mediação à leitura

não seja comprometido. Isso leva a crer que os profissionais das unidades de informação precisam ter espírito audacioso, criativo, engajado e que busquem uma formação continuada para conhecer suas habilidades e de seus colegas.

Sendo assim, a partir dos dados coletados *in loco*, relacionados às reflexões propostas na literatura, constata-se que a mediação e o incentivo à leitura perpassam pelo contato mais próximo entre quem media e quem lê, envolvendo questões intrínsecas e interativas, para que o leitor se aproprie do gosto pela leitura, formando pessoas proficientes na leitura. Por sua vez, a promoção da leitura é compreendida como o fomento que permite ao leitor o acesso ao livro.

Os resultados revelaram que a maioria dos sujeitos se reconhecem leitores e identificaram o potencial da leitura como insumo de transformação social e individual. Apenas três entrevistadas relacionaram o ser leitor com o hábito da leitura literária, apesar de que nas entrelinhas pôde-se verificar que elas utilizam a leitura para informar-se e instruir-se. No entanto, há uma incoerência, por meio da análise dos diversos tipos de leitura citados pelas entrevistadas, percebe-se que a maioria referiu-se à leitura literária, apesar de conseguirem contextualizá-la como agregadora de informações, conhecimentos às suas vivências. Pode-se inferir que as leituras literárias são motivadas pelo prazer de ler, ao passo que as leituras didáticas são realizadas de acordo com o momento vivido pelo leitor, no caso das entrevistadas, recebe interferência dos cursos de Pós- Graduação em curso.

Ademais, a pesquisa corrobora as investigações relacionadas ao distanciamento entre o bibliotecário e a equipe pedagógica. Portanto, mais estudos precisam ser realizados, no sentido de procurar as soluções para que haja maior interação da biblioteca com os professores. Há necessidade de desenvolver pesquisas mais profundas que contemplem aspectos relacionados ao perfil profissional, sobretudo no que tange ao papel de educador e gestor exercido pelo bibliotecário no contexto da biblioteca escolar.

Por fim, no que se refere às leituras e à formação do leitor, nota-se que ainda é preciso aprofundar no campo de análise que aborda o relacionamento entre a leitura e o letramento informacional. A pesquisa mostra o entrelaçamento entre os dois temas, mas este ainda não está claro no entendimento dos sujeitos da pesquisa, inclusive as ações que podem ser feitas em comum, para se obter essas duas competências.

O ator de ler recebe interferências de fatores externos, como a cultura, as relações sociais, e internos, os quais envolvem questões contextuais, cognitivas e afetivas, que vão interferir na compreensão e atribuição de valores ao mundo. A partir desses dados, é possível perceber que a formação do leitor crítico constitui um processo de alta complexidade, logo não há um padrão a ser seguido, com regras claras e objetivas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Flávia Ferreira; BATISTA, Geisa Mara; OLIVEIRA, Mônica Luiza Lages de (Org.). **Hoje tem clube**. Belo Horizonte: Ava Editora, 2014.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 43-54.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33- 45.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. BORTOLIN, Sueli. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, T. E. da. (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 205-218.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; BORTOLIN, Sueli. Participação em banca de Elizandra Martins. **A revitalização das bibliotecas escolares na Rede Municipal de Ensino: espaços de mediação de leitura**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2005.

ALMEIDA, Waldinéia Ribeiro; COSTA, Wilse Arena da Mariza; PINHEIRO, Inês da Silva. Bibliotecários mirins e a mediação da leitura na biblioteca escolar. **Revista ABC: Biblioteconomia**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 472-490, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/812/pdf_1>. Acesso em: 15 mar. 2018.

AMARO, Vagner da Rosa; ALENCAR, Patrícia Vargas. Práticas de mediação da leitura em bibliotecas da rede SESC. In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais...** Marília: UNESP, 2017. p. 1-20. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiiencib/ENANCIB/paper/viewFile/313/725>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

AMARO, Vagner da Rosa. **Mediação da leitura em bibliotecas: revendo conceitos, repensando práticas**. 2017. 103f. Dissertação (Mestre em Biblioteconomia), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.unirio.br/ppgb/arquivo/vagner-da-rosa-amaro>>. Acesso em: 19 maio 2018.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. 181p.

AZEREDO, José Carlos de. **Ensino de Português: fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. 206 p.

BARBOSA, Andreza Gonçalves. **Práticas informacionais das apenas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade de Vespasiano-MG**. Belo Horizonte: UFMG,

2017. 140f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

BARROS, Francisca da Rocha. **A escola e a formação do sujeito-leitor**: analisando a produção de leitura no Ensino Médio do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí (CEFET-PI). Belo Horizonte: UFMG, 2001. 119f. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Ciência da Informação – UFMG/UFPI) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LHLS-69VPAM/mestrado___francisca_da_rocha_barros_batista.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BARROS, Maria Helena T. C. O bibliotecário e o ato de ler. In: SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). **O bibliotecário e a análise dos problemas de leitura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006.

BARROSO, Maria Veralice. **A leitura da literatura no contexto da globalização**: uma reflexão acerca do ensino crítico de literatura nas escolas públicas do Distrito Federal. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://file:///C:/Users/Flale/Downloads/2006_MariaVeraliceBarroso.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BELO HORIZONTE. **Lei Nº 11.132**, de 18 de setembro de 2018. Estabelece autonomia das Unidades Municipais de Educação Infantil-Emeis, ...cria cargos de Bibliotecário Escolar e de Assistente Administrativo Educacional e dá outras providências. Disponível em: <leismunicipais.com.br>. Acesso em: 22 jan. 2019.

Belo Horizonte. **O Programa de Bibliotecas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizontes**. Belo Horizonte: PBH/SMED, 2013, 56p. (Cadernos do Programa de Bibliotecas,1).

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário Escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/flaviafabreu/Downloads/106585-188205-1-PB.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2018.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz do bibliotecário lendo ou narrando. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103349/bortolin_s_dr_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 23 abr.2018.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O leitor-narrador, o leitor-ouvinte e o bibliotecário na floresta literária. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas, 2009. Disponível em:<http://alb.org.br/arquivo-orto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem01/COLE_1099.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa, [PCNs]. Brasília:

Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. Lei nº12.224, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 04 maio 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015. 141p.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação Cultural Bibliotecária**: aspectos relevados pela prática. 1989. 174 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-933EC5/ana_maria_rezende_cabral.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 jan. 2018.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Leitura e competência informacional. Palestra proferida na Escola de Ciência da Informação – UFMG para a turma da disciplina de Leitura e Competência Informacional, Belo Horizonte, 30 mar. 2016.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 79 p.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 21-23.

CARVALHO, Maria da Conceição. Biblioteca escolar, lugar privilegiado da leitura literária? IN: MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **A Crença e a leitura literária**: livros espaços, mediações. Curitiba: Positivo; Rio de Janeiro: FBN, 2012. p. 67-87.

CARVALHO, Maria da Conceição. Educação e criatividade: repensando papel dos mediadores de leitura. In: AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e leitura**: desafios e criatividade. Campinas: Mercado de Letras. 2016. cap. 5. p. 101-112.

CECCANTINI, J. L. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: In: SANTOS, F. dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, T. M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

CHAGAS, Magda Teixeira. **Disseminação da informação em bibliotecas escolares**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução de: MURAD, Fátima. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, jul. 1982.

DEZIN, Norma k.; LINCON, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. 2º Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DOYLE, Christina. **Outcome measures for information literacy within the national education goals of 1990**: final report of the National Forum on Information Literacy. Summary of finding. Washington, DC: US Department of Education, 1992. (Eric documentno; ED 351033). Disponível em: <http://www.ed.gov/database/ERIC_Digests/ed372756.html>. Acesso em: 09 jan. 2006 *apud* CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 79p.

DUMONT, Márcia Milton Vianna. **As bibliotecas escolares comunitárias da Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais**: análise de seu funcionamento em dez escolas de primeiro grau de Belo Horizonte. 1983. 231f. Dissertação (Mestre em Administração de Bibliotecas) - Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1983.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. **O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances em série**. 1998. 256 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro. 1998.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os sentidos da leitura e a subjetividade. In: NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio (Orgs.). **Organização da informação: princípios e tendências**. Brasília: Briquet deLemos Livros, 2006. cap. 1, p.5- 21.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura, via de acesso ao conhecimento: algumas reflexões. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 65-76.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura e competência informacional. Palestra proferida na Escola de Ciência da Informação – UFMG para a turma da disciplina de Leitura e Competência Informacional, Belo Horizonte, 01 jun. 2016.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Leitura e competência informacional: interseções e interlocuções. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 18., 2017, Marília, São Paulo. **Anais...** Marília, São Paulo: UNESP, 2017. 21p. Disponível em: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/59059> >. Acesso em: 04 jun. 2018.

FARIAS, Dealúcia Pinto. **Mediação de Leitura: uma biblioteca escolar na formação de leitores**. 2017. 56f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2553/1/DPF19062017.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Como ler, entender e redigir um texto**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 177p.

FÉLIX, Andreza Ferreira. **Práticas educativas em bibliotecas escolares: a perspectiva da cultura escolar – uma análise de múltiplos casos na RME/BH**. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciências da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FERRAZ, Marina Nogueira. **Representações sociais da biblioteca pública**: a voz dos usuários do interior e da capital de Minas Gerais. 2018, 174f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciências da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. 80 p.

GANDRA, Tatiane Krempser. **Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG**. 2017. 190f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Ciências da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-AV2EZJ/tese_tatiane_krempser_gandra_ok.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 abr. 2018.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Pioneira, 1982.

GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para a biblioteca escolar. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ISER, Wolfgang. **O ato da Leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. 1999. 4p. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 14. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 240p.

KUHLTHAU, Carol Collier. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/103.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola república velha**: Bilac e a literatura escolar na república velha. Porto Alegre: Globo, 1982. 176p.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean; SIMAN, Lana Mara de Castro. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em Ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.430p.

MACEDO, Neusa Dias de. Leitura e sintonia entre bibliotecário e professor, eis a questão. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 47- 64.

MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. **Leitura recreativa na escola de 1º grau da rede oficial municipal de ensino de Belo Horizonte**. 1980. 127f. Dissertação (Mestre em Administração de Bibliotecas) - Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.

MAGALHÃES, Maria Helena de Andrade. **Uma leitura: da leitura na escola de primeiro grau**. 1992. 196f. Tese (Doutor em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

MARTELETO, Regina Maria. Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação, Inovação e Saúde**, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.17, 24, set. 2009. Disponível em: <<http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/751/1393>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MARTINS, Ana Amélia Lage. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação**. 2010. 255f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-88MHR9/dissertacao_ana_amelia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 abr. 2018.

MARTINS, Ana Amélia Lage; REIS, Alcenir Soares dos. A informação pública como direito e acesso ao poder: a Lei 12.527/2011 em debate. In: MOURA, Maria Aparecida (Org.). **A construção social do acesso público à informação no Brasil: contexto, historicidade e repercussões**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p.153-172.

MARTINS, Elizandra. O espaço de mediação de leitura na biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. cap. 5. p. 55-64.

MARTINS, Elizandra; BORTOLIN, Sueli. O bibliotecário escolar “afinando” o foco na leitura. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 33-42.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MARTINS, Marcus Vinicius Rodrigues; REIS, Alcenir Soares dos. Bibliotecas escolares “escolanovistas” discursos e experiências em mediação da leitura. IN: MOURA, Maria Aparecida; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da (org.). **X EDICIC – Anais do Encontro da Associação de Educação e Pesquisa em Ciência da Informação da Ibero-América e Caribe**. Belo Horizonte: Escola de Ciências da Informação da UFMG. 2017. p. 878-897. Disponível em: <<http://edicic2016.eci.ufmg.br/anais/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

MARTINS, Marcus Vinicius Rodrigues. **A Biblioteca Escolar no processo de escolarização da leitura no contexto do Movimento Escola Nova: 1920-1940**. 2013. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9LEPCF/marcus_vinicius_rodrigues_martins___a_biblioteca_escolar_no_.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 abr. 2018.

MARTINS, W. Os caminhos acidentados da leitura no Brasil: dois estudos recentes analisam as complexas relações entre o destino da literatura e a formação de um público leitor. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 ago. 1997. p. 4. Caderno Prosa & Verso.

MATENCIO, Maria de Lurdes Meirelles. **Leitura e Produção de Textos e a Escola: reflexão sobre o processo de letramento**. São Paulo: Autores Associados, 1994. 116p.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOREIRA, Juliana Alves; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 27-44, 2014. Disponível em: <<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/ABSD%20BibEscemR2014.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2018.

MOREIRA, Juliana Alves. **Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores: um mapeamento de suas iniciativas e articulações na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – RME- BH**. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9RQGWb/disserta__o__moreira__juliana_alves.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03 fev. 2018.

NASCIMENTO, José Carlos Alves do. **A Prática da Leitura no Ensino Fundamental: uma abordagem à luz das novas concepções do ensino de língua portuguesa**. 2014. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola de Educação, Administração e Ciências Sociais Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2014.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 17-32.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Literatura**. 9ª ed.: São Paulo: Cortez, 2012.

OSS-EMER, Michelli Marchi; TREVISOL NETO, Orestes; CHAGAS, Magda Teixeira. Práticas de leitura nos finais do ensino fundamental: a biblioteca escolar na mediação da leitura. In: BLATTMANN, Ursula; VIANNA, Willian Barbosa (Org.). **Inovação em escolas com bibliotecas**. Florianópolis: Dois por Quatro Editora, 2016. p. 147-177.

PAULINO, G. et al. **Tipos de texto, modos de leitura**. 2ª ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. 164p.

PAIVA, Aparecida (org). **Literatura fora da caixa: o PNBE – distribuição, circulação e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

PAIVA, Marília de Abreu Martins de. **Contribuição da biblioteca escolar no “efeito escola” relacionado à prova Brasil – leitura: estudo em Belo Horizonte, Contagem e Betim**. 2016. 267f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação,

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-AM2Q97/mar_lia_paiva_2016__tese_.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03 jan. 2018.

PEREIRA, Gleice; CAMPELLO, Bernadete Santos. Compreendendo a colaboração entre bibliotecário e professor: a contribuição dos estudos de Patricia Montiel-Overall e do modelo TLC. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, v. 10, Ed.2, p.4-14, 2016. Disponível em: <<https://search.proquest.com/docview/1837229466?pq-origsite=gscholar>>. Acesso em: 24 maio 2018.

PERROTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PETIT, Michéle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

Prefeitura de Belo Horizonte. Desenvolvido pela Prefeitura de Belo Horizonte, 2018. Apresenta produtos e serviços oferecidos pela PBH. Disponível em: <https://ecp.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=educacao&tax=8427&lang=pt_BR&pg=5564&taxp=0&%20fazer%20a%20refer%C3%AAncia>. Acesso em: 03 jun. 2018.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_me_mar.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

REIS, Alcenir Soares dos; MARTINS, Ana Amélia Lage. Movimentos sociais, informação e mediação: uma visão dialética das negociações de sentido e poder. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.10, n.5, out. 2009. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2017/07/pdf_adc2f34711_0000008255.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. Introdução. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007, p.13-16.

SÁ, Jéssica Patrícia Silva de; PENA, Simone Aparecida. O clube do livro e a formação de leitores: um relato de experiência. In: **XI Jogo do Livro**, 2015.

SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica: na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007, 167p.

SIDOTI, Ana Paula et al. Constituição do leitor. **FAE UNICAMP**, São Paulo. [2002?]. Disponível em <<http://www.lite.fae.unicamp.br/papet/2002/ep127/leitor.htm>>. Acesso em: 10 maio 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O professor e o combate à alienação imposta**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Possíveis contribuições dos bibliotecários à dinamização da leitura no Brasil. 1988. Palestra proferida no Encontro de Bibliotecários das Regiões Sudeste e Sul, promovido pela Coordenação de Desenvolvimento Técnico do SESC/DN, Florianópolis, 29 nov. 1988.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. Democratização da leitura: uma forma de despertar leitores. In: _____. **Conferências sobre leitura**: trilogia pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2003. p.15-37.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. O bibliotecário e a mediação: Iniciativas comunitárias que apostam no poder libertador da leitura são louváveis, mas não eximem os governos de sua responsabilidade de criar uma rede articulada de bibliotecas. **Revista Educação**, São Paulo. Ed. 153, jan. 2010.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; MOURA, Maria Aparecida. A estética da recepção e as práticas de leitura do bibliotecário-indexador. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, p. 123-135, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/09.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2018.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 124p.

SOUZA, Solange Jobim e; GAMBA Junior, Nilton. Novos suportes, antigos temores: tecnologia e confronto de gerações nas práticas de leitura e escrita. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.21, set./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

TURRA, Neide Catarina. Reuven Feuerstein: experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural. **Educere et Educare Revista de Educação**, v. 2 n. 4, p. 297-310, jul./dez. 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/Flale/Downloads/1671-5908-1-PB.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VELHO, Gilberto; KUSCHINIR, Karina (Orgs.). Apresentação. In: _____. **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 9-11.

YGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso**: a leitura e o leitor. Curitiba: Editora da UFPR, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: 1988. 146p.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado (a) Senhor (a),

Eu, Flávia Ferreira Abreu, orientada pela Prof.^a Dr.^a Lígia Maria Moreira Dumont, estou realizando a pesquisa científica cujo objetivo é conhecer como se desenvolvem as ações de mediação e incentivo a leitura das bibliotecas de escolas privadas e públicas (estaduais e municipais) da cidade de Belo Horizonte. Esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em nível de mestrado, e possui cunho estritamente acadêmico, sem fins comerciais.

Diante disso, tenho a satisfação de convidá-lo (a) para participar desta pesquisa, como voluntário (a), cuja coleta de dados acontecerá mediante observação, permitindo que eu observe por cerca de quatro horas, semanais, durante dois meses, suas atividades no trabalho, para que eu possa ter contato com as formas com que você desenvolve as ações de mediação e incentivo a leitura. E concedendo-me uma entrevista. Nessa coleta de dados serão abordadas questões sobre a biblioteca escolar em geral, e sobre a biblioteca da escola onde o (a) sr. (sra.) trabalha, em particular. A entrevista será feita por mim, e não ocupará mais do que uma hora de seu tempo, conforme sua disponibilidade, podendo ser fracionada de acordo com sua conveniência. Caso sejam autorizadas fotografias da biblioteca, estas incluirão detalhes do acervo e de sua organização, de mobiliário e equipamentos que não permitam a identificação da escola.

A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo (a). Os profissionais serão identificados somente como EP1, EP2 etc. (Equipe Pedagógica), e B1, B2 etc. (Bibliotecário). Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as gravações da tela do computador e as anotações feitas durante a observação não serão acessadas por outras pessoas, além mim e de meu orientador e as entrevistas serão armazenadas por um período de cinco anos. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob minha guarda para eventuais trabalhos futuros.

O (a) senhor (a) não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento ou indenizações. Conforme a Resolução 466/12 não existe pesquisa sem riscos. Um risco advindo dessa pesquisa consiste em possíveis desconfortos causados por emoções sentidas pelo (a) senhor (a) ao relatar sua experiência no trabalho. Caso aconteça, a coleta de dados será interrompida para que o (a) senhor (a) se recupere e decida se deseja continuar ou não. O benefício de sua participação nesta pesquisa será a contribuição para a melhoria do ensino em geral, e das bibliotecas

escolares em particular, pois ajudará a apontar ações de mediação e incentivo à leitura que auxiliam os bibliotecários na formação de leitores. Caso tenha alguma dúvida sobre a conduta ética da pesquisa, o COEP-UFMG poderá ser contatado por meio de endereço ou telefone informados também ao final deste termo.

Certa de que as informações aqui apresentadas lhe forneceram os esclarecimentos necessários em relação a essa pesquisa e caso haja concordância de sua parte em participar deste estudo, solicito que assine este Termo de Consentimento Livre Esclarecido, em duas vias de igual teor (1 via ficará em seu poder):

Eu _____, portador (a) do RG.: _____ CPF: _____, declaro que li (ou foram lidas para mim, por pessoa de minha confiança) as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Compreendo que minha participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária e que tenho total liberdade para recusar ou retirar meu consentimento, sem sofrer nenhuma penalidade. Os dados obtidos através da minha participação nesta pesquisa serão documentados, sendo do meu consentimento que haverá divulgação de seus resultados apenas em contexto acadêmico e publicações científicas.

Assinatura do (a) responsável:

Assinatura da Pesquisadora (orientanda):

Assinatura da Pesquisadora (orientadora):

Local e Data:

Título da Pesquisa: Mediação e leitura na Biblioteca Escolar: estudo de casos múltiplos

Pesquisadora: Flávia Ferreira Abreu

e-mail: flaviaabreu2911@gmail.com/flaviafabreu@ufmg.br - Telefone: 99221-2246

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lígia Maria Moreira Dumont

e-mail: dumont@eci.ufmg.br - Telefone: 3409-5233

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI/ECI/UFMG). Telefone: (31) 3409-6103 – Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte/MG.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP-UFMG)

e-mail: coep@prpq.ufmg.br - Telefone: (31) 3409-4592

Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005.

Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901.

APÊNDICE B – Entrevista – Professores

Dados da Escola

Tipo de escola:EstadualMunicipalPrivada

Etapas/Nível/Modalidade de ensino oferecidas:

.....anos iniciais do ensino fundamentalsegundo segmento do ensino fundamental

.....ensino médio

.....modalidade Educação de Jovens e Adultos

Nº total de alunos (total geral aproximado):.....

N de professores:

Nº equipe pedagógica:

Nº servidores dedicados à biblioteca:

Tempo de trabalho na Escola:.....

Formação acadêmica:.....

A BIBLIOTECA NA ESCOLA. Estamos interessados em conhecer o tipo de biblioteca de que sua escola dispõe as características do projeto pedagógico ou plano de trabalho em que ela esteja inserida e se há projetos de práticas de mediação de leitura em junção da equipe pedagógica e da biblioteca.

1. Existe uma interação da equipe pedagógica com a equipe da biblioteca? De que forma?
2. Vocês desenvolvem algum projeto em conjunto?
3. O que você entende por mediação e incentivo à leitura? Para você é diferente de promover a leitura? Justifique sua resposta.
4. Você conhece as bases teóricas/diretrizes oficiais que norteiam o trabalho com a leitura? Quais?
5. Qual o seu entendimento de gosto pela leitura?
6. Como podemos trabalhar com a formação de leitores?
7. É possível formar leitores críticos e quem é esse leitor?
8. Qual a sua relação pessoal com a leitura (é utilitária? É informativa? É de fruição?)
9. Que livro leu nos últimos meses? Por quê?
10. Você se considera um leitor? Por quê?
11. Buscou e/ou realizou alguma formação continuada para viabilizar o trabalho com a leitura? Qual? Oferecido em qual instituição?

APÊNDICE C – Entrevista – Equipe Biblioteca

1. Quais profissionais atuam na biblioteca?
2. Qual a origem do acervo utilizado nos serviços oferecidos pela biblioteca?
3. Como é o funcionamento da biblioteca e que público atende?
4. Existe uma interação da equipe pedagógica com a equipe da biblioteca? De que forma?
5. Vocês desenvolvem algum projeto em conjunto e qual é a rotina de seu trabalho?
6. O que você entende por mediação e incentivo à leitura? Para você é diferente de promover a leitura? Justifique sua resposta.
7. Você conhece as bases teóricas/diretrizes oficiais que norteiam o trabalho com a leitura? Quais?
8. Qual o seu entendimento de gosto pela leitura?
9. Como podemos trabalhar com a formação de leitores?
10. É possível formar leitores críticos e quem é esse leitor?
11. Qual a sua relação pessoal com a leitura (é utilitária? É informativa? É de fruição?)
12. Você se considera um leitor? Por quê?
13. Que livros leu nos últimos meses? Por quê?
14. Quais os professores são mais presentes na biblioteca?
15. Os alunos vão à biblioteca participar de alguma ação de mediação e incentivo a leitura? Quais ações usam para realizar esse fazer do bibliotecário?
16. Buscou e/ou realizou alguma formação continuada para viabilizar o trabalho com a leitura? Qual? Oferecido em qual instituição?

APENDICE D – Fotografias das ações de mediação e incentivo à leitura

FIGURA 7: Encontro do Clube do Livro na Escola MA



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2018.

FIGURA 8: Encontro com autora no Clube da Leitura EP



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2018.

FIGURA 9: Hall da Biblioteca da Escola EP



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2019.

FIGURA 10: Momento de orientação de leitura na Biblioteca da Escola MB



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2018.

FIGURA 11: Mural da Biblioteca da Escola MB



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2018.